



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DAYSE DE SOUZA LOURENÇO SIMÕES

**A VOGAL MÉDIA ANTERIOR /E/ POSTÔNICA FINAL
NOS FALARES SUL BRASILEIROS:
UM ESTUDO COM OS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO
DO BRASIL**

Londrina
2019

DAYSE DE SOUZA LOURENÇO SIMÕES

**A VOGAL MÉDIA ANTERIOR /E/ POSTÔNICA FINAL
NOS FALARES SUL BRASILEIROS:
UM ESTUDO COM OS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO
DO BRASIL**

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

SIMÕES, DAYSE DE SOUZA LOURENÇO .

A VOGAL MÉDIA ANTERIOR /E/ POSTÔNICA FINAL NOS FALARES SUL BRASILEIROS: : UM ESTUDO COM OS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL / DAYSE DE SOUZA LOURENÇO SIMÕES. - Londrina, 2019.
172 f. : il.

Orientador: FABIANE CRISTINA ALTINO.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2019.

Inclui bibliografia.

1. Variação Linguística - Tese. 2. Geolinguística Pluridimensional - Tese. 3. Fonética e Fonologia - Tese. 4. Região Sul - Tese. I. CRISTINA ALTINO, FABIANE. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

DAYSE DE SOUZA LOURENÇO SIMÕES

**A VOGAL MÉDIA ANTERIOR /E/ POSTÔNICA FINAL NOS
FALARES SUL BRASILEIROS:
UM ESTUDO COM OS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Cristina
Altino
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Marcelo Silveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Sanimar Busse
Universidade Estadual do Oeste do Paraná -
UNIOESTE

Profa. Dra. Greize Alves da Silva
Universidade Federal de Tocantins - UFT

Londrina, 20 de agosto de 2019.

A minha amada e guerreira **mãe**.

AGRADECIMENTOS

Minha jornada acadêmica não começou em 2009, quando ingressei na graduação, mas antes, muito antes, quando minha mãe, que não teve oportunidade de estudar na idade correta, me levava às suas aulas do supletivo. Uma vez por semana, pegávamos o ônibus e íamos, juntas, naquele que era um momento especial para mim, porque sempre resultava em um passeio e uma guloseima, e para minha mãe, porque era sua oportunidade de ganhar o mundo. Entre as duas horas para ir e voltar das aulas, entre uma e outra conversa, ficava cada vez mais claro que estudar é a melhor forma de romper barreiras.

Aos meus pais, Pedro e Mirian, meus agradecimentos se estendem porque eles me deram o que eles não tiveram: o estudo. Como sempre disseram, essa é a única coisa que ninguém, nunca, poderá tirar de mim. Então, desde sempre, apesar de meus pais não terem condições de me ensinar sobre as matérias que eu aprendia em sala de aula, todo dia, eles me ensinavam que nada pode superar a persistência e a disciplina. O que eu sou hoje é resultado de todo o amor e dedicação que meus pais têm comigo e com minha irmã, Rose.

A propósito, minha irmã, 12 anos mais velha, sempre foi meu exemplo. Apesar da grande diferença de idade e, talvez, em consequência disso, sempre quis trilhar os caminhos da minha irmã e ser como ela. Foi por sua causa que eu quis fazer o magistério e me interessei pela docência, foi ela que me disse, pela primeira vez, o que é mestrado e doutorado. Sou grata à minha irmã pelo exemplo e pelo respeito de sempre.

Agradeço ao meu avô Vicente (em memória) que, em seus últimos anos de vida, morou ao lado da minha casa e, mesmo sem entender a importância de tanto estudo, respeitou meus caminhos e compreendeu minha ausência em tantos momentos. Agradeço à minha avó Dica (em memória) que, mesmo sem saber ler ou escrever, incentivou meus estudos e meus sonhos.

Ao mesmo tempo que ingressei no doutorado, iniciei o relacionamento com quem, hoje, é meu marido, Rafael. Ele que me estimula a dar o meu melhor em cada coisa que eu fizer, que me incentiva a manter o foco, a disciplina e a correr atrás dos meus sonhos. Agradeço ao meu marido, que esteve comigo em cada crise de ansiedade, nas quais eu achava que não ia terminar, que não ia saber fazer, que não daria certo e tantas outras ideias que aparecem na cabeça de quem está nesse período. Ao meu marido, também, sou grata pelos momentos nos quais eu não pensava na tese, nos quais

eu conseguia reorganizar a cabeça e seguir em frente.

Agradeço à minha amiga Josiane que, separada por muitos quilômetros, mesmo em uma área tão distinta da minha, sempre me estimulou com discussões intrigantes a respeito da pesquisa, ouviu meus desabafos e desesperos, me amparou na tristeza e comemorou as minhas vitórias. São amizades como estas que fazem a vida valer a pena.

Agradeço à minha amiga Amanda, que me acompanha desde o mestrado, especialmente, na fase mais difícil que foi a coleta de dados em Curitiba. Agradeço por ter estado ao meu lado desde então, ouvindo as gravações para tirar minhas dúvidas, lendo meus textos, me ajudando a encontrar textos, enfim, colaborando com todos os percalços da caminhada. Minha grande amiga científica.

Agradeço à Fabiane, que aceitou o desafio de ser minha orientadora desde o mestrado, que acreditou no meu potencial, muitas vezes mais do que eu mesma, que me deu espaço e tempo quando precisei, mas que também me cobrou quando foi necessário. Agradeço à minha orientadora que me acalmou, me incentivou em todas as etapas dessa caminhada e compartilhou de sua sabedoria para meu crescimento como pessoal, pesquisadora e profissional.

Agradeço à professora Vanderci, pela acolhida logo nos primeiros dias da graduação, que me ensinou a trilhar, desde os primeiros passos, a vida acadêmica e científica, que não poupou esforço para dividir, comigo e com todos os seus alunos, sua sabedoria, conhecimento e entusiasmo.

Agradeço à professora Dircel que, com sua doçura e indagações intrigantes, me acompanhou de perto, colaborando como debatedora em ambos os SEDATAs. Seus apontamentos são essenciais para o resultado que aqui apresento.

Agradeço aos professores Sanimar Busse, Greize Alves da Silva e Marcelo Silveira por aceitarem fazer parte da minha banca e pelas preciosas contribuições, sem as quais eu não poderia realizar um trabalho satisfatório.

Agradeço ao professor Valter que, em parceria com Rodrigo Duarte Seabra e Nathan Oliveira, da Universidade Federal de Itajubá, desenvolveram e disponibilizaram o software [SGVCLin] que possibilitou a análise e cartografia dos dados deste trabalho.

Agradeço aos meus companheiros do ALiB, a família 169, pela prontidão em ajudar, pela parceria e união.

E, acima de tudo e de todos, agradeço a Deus, em quem descanso e confio, quem me sustenta e me capacita. Porque, sem Deus, o fardo é pesado e insustentável, mas por seu amor, tudo fica mais leve.

Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.

1 Tessalonicenses 5:18

SIMÕES, Dayse de Souza Lourenço. **A vogal média anterior /e/ postônica final nos falares sul brasileiros:** um estudo com os dados do Atlas Linguístico do Brasil. 172 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

As discussões em relação aos falares da Região Sul do Brasil têm manifestado um cenário instigante sobre a realização da vogal média anterior /e/ postônica no fim de palavra. Afinal, ocorre o alçamento ou a manutenção na produção oral sulista? Esta indagação norteia o objetivo geral deste trabalho que consiste em descrever e analisar comportamento da vogal média anterior /e/ postônica final na produção oral de falantes da Região Sul do Brasil, no âmbito das entrevistas do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. No que concerne aos objetivos específicos, elencamos: i) Verificar o processo de alçamento ou de manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final; ii) Analisar o processo de alçamento ou de manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final segundo as variáveis sociais sexo, faixa etária e escolaridade e iii) Observar o processo de alçamento ou de manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final segundo as variáveis linguísticas consoante precedente, número de sílabas, modalidade do discurso e classe gramatical. Para tanto, utilizamos os dados do questionário do projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001). Consideramos os três estados da Região Sul, perfazendo um total de 44 cidades brasileiras e 188 informantes. Em cada localidade, contamos com quatro informantes, estratificados segundo as variáveis sociais: diatópica (lugar de origem do informante), diageracional (faixa etária I – 18 a 30 anos e faixa etária II – 50 a 65 anos) e diassexual (feminino e masculino) e, nas capitais, incluímos a variável escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Superior). Recorremos à Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008) e à Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1996). Dessa forma, este trabalho pretende preencher parte da lacuna existente na descrição deste fenômeno na produção oral da Região Sul do Brasil.

Palavras-chave: Atlas Linguístico do Brasil. Vogal média anterior /e/ postônica final. Falar sul brasileiro.

SIMÕES, Dayse de Souza Lourenço. **The final unstressed mid front vowel /e/ in the South Brazilian speeches:** a study based on the Linguistic Atlas of Brazil. 172 p. Thesis (Doctorate in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

The discussion about the South Brazilian speeches is spreading an instigating setting about the usage of the unstressed mid front vowel /e/ at the end of the word. Based on that, it is argued if occurs the raising or the maintenance in the southern oral production. This questioning guides to the general objective of this paper which is to describe and analyze the behavior of the final unstressed mid front vowel /e/ in the oral production of speakers from the South of Brazil, within the framework of the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) interviews. Referring to the specific objectives, it is selected: i) Verifying the process of raising or maintenance of the unstressed mid front vowel /e/ at the end of the word; ii) Analyzing the process of raising or maintenance from the unstressed mid front vowel /e/ at the end of the word based on the social variable: gender, age and schooling; iii) Observing the process of raising or maintenance from the unstressed mid front vowel /e/ at the end of the word based on the linguistic variable: precedent consonant, syllable number; discourse modality and grammar classification. After all, it was used the data from the questionnaire from the ALiB project (National Committee, 2001). It was considered the three states from the South region, averaging out at a total of 44 Brazilian cities and 188 informers. In each city, there were four informers, stratified following the social variables: diatopic (informer birthplace place), diagenational (age group I – 18 to 30 years old and age group II – 50 to 65 years old) and diasexual (male and female), and it was included, in the capital cities, the scholar variable (basic and higher education). The investigation was based on the Variation Linguistic Theory (LABOV, 2008) and Multidimensional Geolinguistic (THUN, 1996). Based on that, this paper aims to fulfill the lack of this phenomenon described in oral production in the South of Brazil.

Keywords: Linguistic Atlas of Brazil. The final unstressed mid front vowel /e/. South Brazilian speech.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Vogais em posição tônica	43
Figura 2	– Vogais tônicas seguidas de consoante nasal	43
Figura 3	– Vogais em posição pretônica	44
Figura 4	– Vogais postônicas não finais.....	43
Figura 5	– Vogais postônicas finais	45
Figura 6	– Rotas dos bandeirantes.....	54
Figura 7	– Modelo de ficha do informante do ALiB.....	63
Figura 8	– Rede de pontos do ALiB.....	72
Figura 9	– Rede de pontos da Região Sul brasileira.....	75
Figura 10	– Alfabeto Fonético Internacional (IPA)	81
Figura 11	– Tabulação dos dados em planilha do Excel	83
Figura 12	– Interface do Software de Geração e Visualização de Cartas Linguísticas [SGVCLin]	84
Figura 13	– Base cartográfica: Paraná.....	86
Figura 14	– Base cartográfica: Santa Catarina	87
Figura 15	– Base cartográfica: Rio Grande do Sul.....	88
Figura 16	– Vogais postônicas finais	103
Figura 17	– MAPA 1 – Distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final na Região Sul	108
Figura 18	– MAPA 2 – Distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final	110
Figura 19	– Carta 44: alçamento de /e/ átono final precedido de /t/ ou /d/	111
Figura 20	– Carta 1 – ALPR: Vogal média anterior em posição postônica final.....	112
Figura 21	– Carta 8 – Alçamento e manutenção no ALERS.....	113
Figura 22	– MAPA 3 – Arealidade da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final.....	118
Figura 23	– MAPA 4 – Arealidade gradual do alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final.....	119
Figura 24	– MAPA 5 – Arealidade gradual da manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final.....	120
Figura 25	– MAPA 6 – Distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final	124

Figura 26 – Carta 8 – Alçamento e manutenção no ALERS.....	125
Figura 27 – MAPA 7 – Arealidade da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final.....	128
Figura 28 – Difusão do português em contato com o italiano.....	119
Figura 29 – MAPA 8 – Arealidade gradual do alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final.....	127
Figura 30 – MAPA 9 – Arealidade gradual da manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final.....	130
Figura 31 – MAPA 10 – Distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final	133
Figura 32 – Carta 8 – Alçamento e manutenção no ALERS.....	135
Figura 33 – MAPA 11 – Arealidade da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final.....	136
Figura 34 – MAPA 12 – Arealidade gradual do alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final.....	138
Figura 35 – MAPA 13 – Arealidade gradual da manutenção da vogal anterior /e/ postônica final.....	139
Figura 36 – Difusão do português em contato com o italiano.....	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Membros do Comitê Nacional do ALiB	33
Quadro 2	–	Perfil dos informantes	61
Quadro 3	–	Naturalidade dos pais dos informantes	63
Quadro 4	–	Rede de pontos da Região Sul	73
Quadro 5	–	Questões analisadas	76
Quadro 6	–	Localidades onde há as duas formas	77
Quadro 7	–	Questionário semidirigido.....	78
Quadro 8	–	Consoantes do Português Brasileiro	81
Quadro 9	–	Vogais do Português Brasileiro	82
Quadro 10	–	Organização de acordo com o número de sílabas.....	93
Quadro 11	–	Realização da vogal média anterior postônica final segundo o grau de formalidade	105

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: número de sílabas.....	94
Gráfico 2 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: classe gramatical.....	96
Gráfico 3 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: fricativa em contexto precedente	98
Gráfico 4 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: plosiva em contexto precedente	100
Gráfico 5 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: outros contextos precedentes	102
Gráfico 6 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final segundo o grau de formalidade	106
Gráfico 7 – Influência de mineiros e paulistas no povoamento da Região Norte.....	115
Gráfico 8 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: variação diasssexual.....	143
Gráfico 9 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: variação diageracional.....	145
Gráfico 10 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: escolaridade	147

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALERS	Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALMS	Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPI	Atlas Linguístico da Península Ibérica
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PB	Português brasileiro
PR	Paraná
QFF	Questionário Fonetico-Fonológico
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SGVCLin	Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1	BREVE REVISÃO DA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA	22
2.2	DIALETOLOGIA E A GEOLINGUÍSTICA.....	26
2.3	SOCIOLINGUÍSTICA	34
2.4	SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	40
3	ESTADO DA ARTE	46
4	LÓCUS DA PESQUISA	52
4.1	PANORAMA HISTÓRICO	52
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	60
5.1	PERFIL DOS INFORMANTES	60
5.2	ÁREA GEOGRÁFICA ESTUDADA	70
5.3	CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> : O QUESTIONÁRIO E AS QUESTÕES ESTUDADAS	75
5.4	ARMAZENAMENTO DOS DADOS, TRANSCRIÇÃO E REVISÃO.....	79
5.5	TRATAMENTO DOS DADOS	82
5.6	CARTOGRAFAÇÃO.....	85
6	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	90
6.1	ANÁLISE DOS DADOS SEGUNDO AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	92
6.2	ANÁLISE DOS DADOS SEGUNDO A VARIÁVEL DIATÓPICA	108
6.2.1	DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA NO PARANÁ.....	109
6.2.2	DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA EM SANTA CATARINA.....	123
6.2.3	DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA NO RIO GRANDE DO SUL.....	133
6.3	VARIÁVEIS SOCIAIS	142
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
	REFERÊNCIAS	154
	ANEXOS	168

1 INTRODUÇÃO

A produção oral da língua, instrumento de comunicação e interação entre os seres humanos, mantém-se em constante variação e mudança. Isso se deve, além das propriedades internas à língua, ao contexto social, às características individuais dos usuários, à situação comunicativa e outros. O português falado no Brasil manifesta-se bastante multifacetado em toda sua extensão continental, não somente no eixo horizontal (espacial), mas também no eixo vertical (social). Dessa maneira, o português europeu implantado em terras brasileiras foi, pouco a pouco, distanciando-se de suas características originais e conquistando sua própria identidade.

Nesse contexto amplamente heterogêneo, as correntes migratórias tiveram papel fundamental na organização da estrutura populacional das comunidades. Logo, a variedade linguística é motivada por diferenças sociais, econômicas, culturais e geográficas, bem como por aspectos históricos e processos identitários. Para Teyssier (1994), as diferenças linguísticas do Brasil são mais relacionadas aos aspectos socioculturais do que aos geográficos, no entanto, este estudo demonstra que o espaço geográfico possui grande importância, aliado a outros fatores sociais, na observação dos falares e sua variação em relação ao processo fonológico aqui estudado.

As discussões acerca dos falares da Região Sul do Brasil têm manifestado um cenário instigante no que concerne à descrição de alguns fenômenos, como é o caso da realização da vogal média anterior /e/ postônica no fim de palavra. As generalizações acerca da produção da vogal média anterior /e/ postônica final veiculadas na mídia (como *blogs*, textos jornalísticos, entrevistas, *sites* de busca, redes sociais e outros) referem-se ao estereotipado *leitE quentE* como traço característico da fala de algumas localidades da Região Sul, como afirma Mercer (1992), o xibolete¹, ou ainda, segundo os dizeres poéticos de Paulo Leminski (2009) sobre a fala curitibana,

é desordenada de aparatos musicais berrantes. É seca e concisa, como o conjunto de pertences de um tropeiro, como a araucária imóvel ao vento, como o gosto do pinhão, nossa fruta totêmica. O curitibano não fala bonito. Fala exato. Ou, como diz o orgulho local da cidade que teve a primeira Universidade do país: a gente fala como se escreve.²

¹ No Velho Testamento, em Juízes 12: 1-15, a palavra foi usada para distinguir entre duas tribos semitas, os gileaditas e os efraimitas, que se encontravam em confronto.

² Publicado no blog Anjo da Cidade em 2009. Disponível em: <http://anjodacidade.blogspot.com/>. Acesso em: 09 jan. 2019.

A citação de Leminski ilustra o que parece estar enraizado no senso comum a respeito do falar dos indivíduos que realizam a manutenção da vogal média anterior. Esse cenário não é novidade, visto que, nos estudos de Linguística Histórica de Serafim da Silva Neto (1977, p. 83), encontramos as observações de Saint-Hilaire³, que em viagem ao Brasil, no século XIX, impressionou-se com o número de homens brancos em Curitiba e com sua pronúncia sem alterações. Silva Neto (1977) destaca que essa melhor pronúncia dita por Saint Hilaire seria a realização de /o/ e /e/ finais.

O Alfabeto Fonético Internacional (IPA) atribui quatro graus de altura vocálica nas línguas e o português brasileiro realiza distinções vocálicas nos quatro graus: 1) baixa /a/; 2) médias-baixas /ɛ/ ,/ ɔ/; 3) médias-altas /e/ , /o/ 4); altas /i/, /u/. Assim, na passagem de uma vogal média-alta /e/ para um /i/, há alteração/subida de um grau na altura da língua, por isso o fenômeno de troca de um /e/ por um /i/ é chamado de alçamento. Todavia, o olhar para o alçamento da vogal média não é recente, pois já em 1977, Câmara Junior, seguindo o viés Estruturalista, observou a variedade do timbre das vogais átonas, caracterizando o processo de alçamento como o de neutralização das vogais. Bisol (2003) verificou o uso variável da vogal média anterior na fala de informantes sul brasileiros, isto é, o uso da vogal em manutenção e sua forma em alçamento. Assim, essas flutuações sinalizam um processo de variação e mudança no que concerne ao fenômeno aqui analisado.

Tendo em vista o exposto, o objetivo geral desta tese consiste em descrever e analisar o comportamento da vogal média anterior /e/ postônica final na produção oral de falantes da Região Sul do Brasil a partir dos dados do ALiB.

Para tanto, visamos cumprir os seguintes objetivos específicos:

- i) Verificar o processo de alçamento ou de manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final;
- ii) Analisar o processo de alçamento ou de manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final segundo as variáveis sociais sexo, faixa etária e escolaridade;
- iii) Observar o processo de alçamento ou de manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final segundo as variáveis linguísticas consoante precedente, número de sílabas, modalidade do discurso e classe gramatical.

³ Um dos primeiros cientistas vindos da Europa a poder percorrer livremente territórios do Brasil Colônia. De 1816 a 1822, visitou as províncias do centro e do centro-sul do Brasil estudando a botânica local e registrando suas impressões em um diário de viagem.

Dessa forma, este trabalho pretende preencher parte da lacuna existente na descrição deste fenômeno na produção oral da Região Sul do Brasil, verificando a significância dos fatores linguísticos e sociais no condicionamento das variantes.

A realização da vogal /e/ átona final pode apresentar o processo conhecido como alçamento ou, ainda, a manutenção, cenário que frequentemente acarreta generalizações realizadas e veiculadas pela mídia. Contudo, há poucas pesquisas acerca do fenômeno e nenhuma, até o momento, que tenha abrangido toda a Região Sul do Brasil, espaço em que há a ocorrência de ambas as variantes, conforme apresentamos no capítulo referente ao estado da arte.

Esse contexto direciona as discussões acerca de temáticas fundamentais, como a variação e a mudança linguística, além dos fatores motivadores e condicionadores. Assim, destacamos a importância de resgatar a história dos estados contemplados neste estudo, visto que o processo de composição demográfica implica diretamente na construção das características locais, ou seja, os movimentos de ocupação e povoamento do território deram identidade aos indivíduos, pois, como explica Altenhofen (2008), o contato linguístico resultante de processos migratórios contribui amplamente para a variação da fala.

Nesse sentido, destacamos a contribuição do tropeirismo na formação demográfica do país, visto que promoveu a difusão de hábitos, costumes, cultura e, conseqüentemente, do falar por onde passavam. Além da atividade tropeira, a agricultura e pecuária movimentaram processos migratórios pelo país. Verificamos, portanto, que os diferentes padrões de variação linguística na Região Sul são resultado de fatores históricos evidenciados pelos processos de ocupação e povoamento (MERCER, 1992; ROMANO; AGUILERA, 2014). Dessa forma, Romano (2015) destaca que, além da influência do tropeirismo, a Região Sul apresenta fortes características que revelam o contato do português com o espanhol em áreas fronteiriças, além do contato com línguas de imigração como o alemão, o italiano e o polonês, resultantes nas diferentes manifestações linguísticas no território.

Com base em cartas fonéticas do ALERS, Koch (2000) segmenta a Região Sul em duas grandes áreas linguísticas: a paranaense e a rio-grandense, sendo, portanto, o estado de Santa Catarina uma área de transição denominada, por ele, como Leque Catarinense. O autor explica que essa divisão é consequência de dois movimentos de colonização em sentidos divergentes, um partindo do “Paraná antigo” em direção ao

sudoeste e outro que se inicia no vale do rio Jucuí em direção ao norte. Assim, Koch (2000) traça isófonas: i) a faixa litorânea de Santa Catarina, colonizada por açorianos; ii) o feixe secundário paranaense, que divide o Paraná no sentido leste/oeste e iii) feixe secundário rio-grandense que ladeia a encosta da Serra Geral.

Altenhofen (2005, p. 134) amplia a divisão de Koch (2000) e delimita oito áreas linguísticas na Região Sul, a saber:

- (1) Área de transição (Leque Catarinense, postulado por Koch (2000));
- (2) Corredor central de projeção paranaense;
- (3) Corredor oeste de projeção rio-grandense;
- (4) Corredor leste de projeção rio-grandense (Feixe Rio-Grandense);
- (5) Zona lateral açoriano-catarinense;
- (6) Zona lateral do Paraná do norte (Feixe Paranaense);
- (7) Zona lateral da fronteira sul-rio-grandense;
- (8) Áreas bilíngues de português de contato.

É imprescindível averiguar as nuances encontradas nos falares sul brasileiros ao invés de afirmar a existência de falares do sul ou traços do sul, “como se os três estados do Sul compusessem uma única comunidade de fala que apresentasse padrões sociolinguísticos regulares de uso para os diferentes fenômenos variáveis” (GÖRSKI, 2012, p. 815). Sendo assim, nesta tese, propomos averiguar as realizações da vogal média anterior /e/ postônica final.

Considerando a participação da autora deste trabalho junto ao grupo de pesquisa do projeto ALiB, desde o ano de 2009, e o interesse em continuar utilizando os dados do ALiB nesta tese, foi solicitada a autorização para utilizar o acervo do projeto a fim de, também, poder contribuir para o desenvolvimento de pesquisas capazes de colaborar com a análise e descrição do português falado no Brasil.

Os resultados desta tese poderão contribuir com futuros estudos acerca dos falares sulistas, além de alcançar outros campos interessados pelo fenômeno em questão, uma vez que foram realizados: o mapeamento da realização do fenômeno na Região Sul brasileira, utilizando os dados do ALiB; buscou-se o esclarecimento acerca do condicionamento das variantes segundo os fatores sociais, como faixa etária, sexo e escolaridade e explicações sobre o condicionamento das variantes segundo os fatores linguísticos consoante precedente, número de sílabas, modalidade do discurso e classe gramatical.

A hipótese central do trabalho trata da realização de ambas as formas, caracterizando o falar da região como não homogêneo no que se refere ao fenômeno estudado. A segunda hipótese consiste na existência de uma linha isófona bem definida que delimita em porção Norte e porção Sul. Esta proposição alicerça-se no processo de colonização das localidades.

Ainda, hipotetizamos que o grau de monitoramento do discurso condiciona as respostas, sendo que, quando mais monitorada a fala, mais tendência de realização da forma de maior prestígio, neste caso, a manutenção da vogal. Nesse contexto, a hipótese é que, na leitura, os informantes realizem mais a manutenção da vogal e, no discurso semidirigido, ocorra mais o alçamento.

A tese, que se estrutura a fim de observar as hipóteses e alcançar os objetivos propostos, está composta por seis capítulos.

Na introdução, apresentamos as ideias iniciais do trabalho, além dos objetivos, justificativa, contribuições esperadas, hipóteses e estrutura da tese.

No segundo capítulo, a fundamentação teórica, traçamos uma breve revisão histórica da linguística, até alcançar os estudos da Dialetoлогия, da Sociolinguística Variacionista e da Geolinguística Pluridimensional. Discutimos o sistema vocálico brasileiro segundo a concepção estruturalista de Câmara Junior. Ao final, sintetizamos os estudos realizados na Região Sul sobre o fenômeno cerne desta tese.

Por se tratar de uma pesquisa fundamentada nas teorias da Dialetoлогия, da Geolinguística Pluridimensional e da Sociolinguística Variacionista, consideramos a variável diatópica de suma importância e, por conseguinte, apresentamos o panorama histórico e os aspectos gerais dos pontos analisados.

No quarto capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos. Iniciamos com a apresentação do projeto Atlas Linguístico do Brasil, o principal estudo descritivo da língua portuguesa falada no Brasil, cujos dados são utilizados nesta tese. Detalhamos a constituição do *corpus* e o perfil dos informantes. Esclarecemos sobre a área geográfica estudada, explicamos sobre o questionário linguístico e as questões selecionadas. apresentamos sobre a coleta de dados, além de detalharmos sobre o tratamento e a cartografia desses dados.

Em seguida, no quinto capítulo, realizamos a análise dos dados. Iniciamos com a análise das variáveis linguísticas consoante precedente, número de sílabas, grau de formalidade do discurso e classe gramatical. Depois, realizamos o recorte diatópico

apresentando a cartografia, respectivamente, do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul e, por fim, analisamos os dados segundo as variáveis sociais faixa etária, sexo e escolaridade.

Ao final do trabalho, no sexto capítulo, sintetizamos as principais considerações e conclusões, seguido das referências utilizadas e dos anexos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, traçamos um panorama histórico da Linguística, das primeiras indagações sobre a língua até a preocupação com os fatores sociais e culturais a partir do surgimento da Sociolinguística Variacionista e da Geolinguística Pluridimensional. Ainda, situamos o sistema vocálico do português brasileiro segundo a concepção Estruturalista e, por fim, o estado da arte dos estudos sobre o fenômeno analisado nesta tese.

2.1 BREVE REVISÃO DA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA

As primeiras inquietações sobre a linguagem foram motivadas por questões religiosas. Leroy (1971) relata que os hindus se preocupavam com os textos sagrados e, para que não sofressem alterações enquanto fossem cantados ou recitados, tinham minucioso cuidado.

A Linguística moderna teve seu ponto de partida com as observações dos gregos sobre a própria linguagem. Os sofistas e os filósofos discutiam sobre a motivação que impulsionou a criação da linguagem, se foi a partir da natureza ou por alguma convenção e, ainda, sobre a arbitrariedade da língua. Nesse cenário, coexistiam duas concepções: os naturalistas e os convencionalistas, que se explicam por suas nomenclaturas, ou seja, para este a linguagem foi estabelecida a partir de acordos e convenções e para aquele, da natureza.

Aristóteles foi o precursor das tentativas a fim de realizar uma análise precisa e minuciosa da estrutura linguística (LEROY, 1971). Os alexandrinos aperfeiçoaram as teorias gramaticais e Dionísio de Trácia (II e I a.C.) sintetizou esse conjunto de regras em uma obra conhecida como *Téchné Grammatiké*. Discípulo dos gregos, o latino Varrão atuou na tentativa de definir a Gramática como ciência e arte (LYONS, 1979).

Já na Idade Média, a Escolástica retomou a discussão acerca da motivação da criação da linguagem. Nesse momento, os conhecidos como realistas defendiam que a linguagem era reflexo das ideias, e os nominalistas defendiam a arbitrariedade da língua. Nesse mesmo período, Dante ocupou-se com os conceitos de dialeto, de língua literária e de língua vulgar.

A intelectualidade e as controvérsias teológicas que permearam o século XVI impulsionaram comparações de ordem linguística e diversas traduções dos livros sagrados. Em 1502, foi publicada a obra mais popular na Europa renascentista, o *Dictionarum* de Ambrogio Calepino. Cunha (2013) afirma que a obra de Calepino foi tão importante que se tornou sinônimo de dicionário e, em dicionários atuais como o Houaiss (2008), o termo encontra-se definido como ‘lista ou compilação ordenada de palavras; vocabulário, dicionário, léxico’” (CUNHA, 2013, p. 37).

Antoine Arnauld e Claude Lancelot, discípulos de Descartes, publicaram, em 1660, a *Grammaire générale et raisonnée* de Port-Royal, cujo objetivo era demonstrar que a estrutura da língua é produto da razão (LYONS, 1979). Assim, a *Grammaire générale et raisonnée* de Port-Royal é

a tentativa de união da pedagogia do ensino de línguas a noções de lógica que pudessem ser aplicadas a uma gramática geral. Era, afinal, na visão de seus compositores, uma gramática destinada não só aos estudiosos da linguagem, mas também às crianças e aos professores das Petit-Écoles de Port-Royal, principalmente para um estudo mais simplificado de latim e de francês, ao mesmo tempo em que inseria uma série de noções novas no estudo da gramática (POLACHINI, [20-?], p. 298).

Já em Alexandria, em 1777, foi criado, por Friedrich August Wolf, um segmento conhecido por Filologia. Para Saussure (1995, p. 7), “a língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos”. Esse estudo ocupa-se, também, da história literária, costumes e instituições com método crítico, partindo da comparação de textos de diferentes épocas.

No fim do século XVIII, diversos linguistas independentes constataram a semelhança entre o sânscrito e algumas línguas da Europa e Ásia. Em 1816, Bopp, em uma obra intitulada *Sistema de Conjunção do Sânscrito*, estudou as relações existentes entre o germânico, grego e latim. Apesar de Bopp não levar o mérito de ser o descobridor da relação existente entre o sânscrito e certos idiomas da Europa e da Ásia, destacou-se por compreender que as relações entre línguas podiam tornar-se objeto de uma ciência autônoma (SAUSSURE, 1995).

Ainda, destacamos a importância de Max Müller, G. Curtius e August Schleicher. Max Müller popularizou os estudos comparativos com suas conferências, Curtius conciliou a Gramática Comparada à Filologia, e Schleicher comparou as línguas aos organismos naturais.

A Linguística Comparativa é dividida por Elia (1987) em dois períodos: naturalista, subdividida em biologista e fisicalista, e culturalista. A fase inicial do naturalismo, a biologista, recebeu esse nome por ter a Biologia como inspiração. Essa fase permaneceu de 1816 a 1870, quando teve início a fase fisicalista, na qual surgem os neogramáticos, responsáveis pelas analogias e principais pressupostos teóricos da Linguística Histórica. A denominação fisicalista se explica pela relação das leis fonéticas propostas nesse período com as leis da Física. A partir da metade do século XIX, inicia-se o período culturalista que, conforme Elia (1987), volta-se ao contexto externo da língua, considerando a significância de questões políticas e culturais.

Nesse cenário, o linguista franco-suíço, Gilliéron, difundiu os métodos da Geografia Linguística, vertente preocupada com a “repartição geográfica das formas e das palavras, bem como suas áreas de extensão, e procura traçar limites dialetais” (LEROY, 1971, p. 66). Esse momento se estendeu até 1930, quando começam a aparecer os primeiros estudos estruturalistas.

Esta corrente teórica fundamentava-se no princípio de que “a língua é um sistema, ou, como se preferiu dizer depois, uma estrutura” (ELIA, 1987, p.11). Assim, vê a língua segundo a visão sincrônica, ou seja, o importante é como a língua está e não como foi. Nesse escopo, Saussure (1995, p. 117) afirma que “o lingüista que quer compreender esse estado deve fazer tábua rasa de tudo o que produziu e ignorar a diacronia”.

No *Cours de Linguistique Générale* (1995 [1916]), Saussure traz as reconhecidas dicotomias, em que eleger a língua, em oposição ao conceito de fala, como objeto central da Linguística. Para o autor, a língua representa concomitantemente “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1995 [1916], p. 17). Ainda destaca que o conceito de língua pressupõe a exclusão de todas as relações da língua com elementos sociais.

Diante disso, o linguista francês Antoine Meillet opôs-se ao seu mestre, Saussure, que não direcionou seus estudos à relação entre variação linguística e os fatores externos à língua, enquanto Meillet defende a natureza social da língua, pois

A linguagem é eminentemente um fato social. Com efeito, ela entra exatamente na definição proposta por Durkheim; uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam e, mesmo que ela não tenha nenhuma realidade exterior à soma desses indivíduos, ela é, contudo, por sua generalidade, exterior a eles (MEILLET, 1995 *apud* CALVET, 2002, p.14).

Destacamos, ainda, o movimento gerativista, que se inicia com a publicação do trabalho de Noam Chomsky, *Syntactic Structures*, em 1957. Esse segmento identifica uma estrutura profunda produzida por um conjunto de regras interiorizadas pelo indivíduo falante (LEROY, 1971). Ressaltamos que o Gerativismo se ocupa de um falante ideal, inserido em um contexto linguístico homogêneo e que não é afetado por fatores como perda de memória, distração, entre outros. Nesse sentido, Chomsky defende a existência de uma gramática universal (GU) que consiste “num sistema de princípios, condições e regras que são elementos ou propriedades de todas as línguas humanas, não por mero acaso, mas por necessidade [...] biológica, não lógica” (CHOMSKY, 1975, p. 28).

Nesse cenário de teorias sobre a linguagem, surgem as ideias de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), que apresentaram uma reflexão sobre a estreita relação entre língua e meio.

Os fatos da heterogeneidade, até agora, não se harmonizaram bem com a abordagem estrutural da língua. [...] Pois, quanto mais os linguistas têm ficado impressionados com a existência da estrutura da língua, e quanto mais eles têm apoiado essa observação com argumentos dedutivos sobre as vantagens funcionais da estrutura, mais misteriosa tem se tornado a transição de uma língua de um estado para outro. Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? [...] A solução, argumentaremos, se encontra no rompimento da identidade da estruturalidade com homogeneidade. A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. Argumentaremos que o domínio de um falante nativo [*nativelike command*] de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetismo nem com o “mero” desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue. Um dos corolários da nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 100-101).

Nesse contexto, essa vertente observa as estruturas linguísticas inter-relacionadas às estruturas sociais. Dubois (2001) afirma que a Sociolinguística considera a origem étnica do emissor, profissão, estilo de vida, entre outros elementos, uma vez que se pauta na importância das condições sociais na realização da linguagem.

Esta introdução sobre os estudos linguísticos alicerça a fundamentação teórica desta tese. Para este estudo, fundamentamo-nos na teoria da variação linguística, respaldada na ótica da Dialetoлогия e Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1996) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), apresentadas a seguir.

2.2 A DIALETOLOGIA E A GEOLINGUÍSTICA

No ano de 1888, Gaston Paris, na conferência *Os falares da França*, proclamou a relevância dos estudos dialetológicos e, ainda, a importância de instituí-los em um rigor científico. Contudo, a Dialetoлогия foi sendo modelada até entrar, sistematicamente, no século XIX como é hoje. Nesse período, estruturou-se o método e escopo da vertente que busca investigar, não somente os dialetos, mas os fatos dialetais característicos de uma comunidade de fala, instaurando limites territoriais dos fenômenos linguísticos. Assim, a Dialetoлогия é

um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história (CARDOSO, 2010, p. 15).

Nesse sentido, no ano de 1880, Jules Gilliéron elaborou o *Atlas Linguístico da França*, trabalho precursor dos estudos dialetais que “viria a constituir um marco dos estudos dialectológicos e muito contribuiria para o progresso da ciência da linguagem” (BRANDÃO, 1991, p. 9). Além desse, elencamos outros estudos que visam registrar traços linguísticos de determinado espaço geográfico, como o Atlas Linguístico de Córsega (1914/1915), Atlas Linguístico Italiano (1931) e outros.

Destacamos que a Dialetoologia Tradicional, ou a Geografia Linguística Monodimensional, teve como fundamento básico a arealidade, como explica Thun (1996), a análise da variação segundo o espaço geográfico. Coseriu (1987) explica que a Geolinguística poderia ser considerada como um ramo da Geografia, pois se ocupa em mapear traços linguísticos em determinados espaços territoriais ou, ainda,

como “geografia das línguas” (atuais, históricas, pré-históricas). Com efeito, *as línguas*, isto é, as entidades nas quais a linguagem humana se realiza historicamente, ou melhor, as *comunidades linguísticas* que realizam concretamente em seu falar as entidades ideais chamadas “línguas”, apresentam-se com extensão e limites no espaço terrestre e, portanto, podem ser registradas em mapas e constituir objeto da geografia: o estudo da distribuição das “línguas” (comunidades linguísticas) sobre a terra e das fronteiras entre elas enquadra-se na geografia política (COSERIU, 1987, p. 82).

Todavia, para Rossi (1984 apud CARDOSO, 2010, p. 46), a confusão entre a Geografia Linguística e a Dialetoologia instaura-se na generalização das definições. Assim, explica Miazzi (1972, p. 61) que

convém não estabelecer franca oposição entre geografia linguística e dialetologia: são apenas modalidades distintas do estudo dialetal, uma vez que têm ambas o mesmo objeto – estudo das falas populares – e diferem só pelo modo de apresentá-lo, cartograficamente ou em glossários. Uma deve ser complementada pela outra, pois, se a primeira tem a vantagem de oferecer imediata visão do conjunto dialetal, a última pode revelar a língua mais fundo, com seus meios de expressão, nuances, etc.

A Geolinguística, segundo Miazzi (1972), está sendo considerada como disciplina autônoma, ainda que vinculada aos parâmetros cartográficos da Geografia tradicional. Dessa maneira, os dados obtidos pela Dialetoologia e pela Geolinguística permitem a “demonstração de que as palavras migram”, como atesta Moreno Fernández (1998, p. 58). Assim, o registro dos fenômenos linguísticos ilustra o percurso das palavras, bem como onde elas se instalam e, ainda, as áreas fronteiriças dos dialetos. Logo, a dispersão das formas pelo território aponta as áreas encarregadas pela adoção, implementação e dispersão das formas inovadoras, ao mesmo tempo que indica locais conservadores da língua.

Entretanto, Radtke e Thun (1996) atestam que a Dialetoologia e a Geografia Linguística observaram o contexto comunicativo como um todo, como a mobilidade da

população ou os meios de comunicação de massa, ou seja, aspectos sociais além da geografia. Assim, Radtke e Thun (1996) apontam que há uma distinção entre os geolinguistas, pois há aqueles que preferem experimentar novos parâmetros, métodos e meios técnicos, enquanto outros ainda focam seus estudos sob a perspectiva da variação diatópica. Essa divisão remonta à Geolinguística Monodimensional e à Geolinguística Pluridimensional. Assim, a Geolinguística Monodimensional ocupa-se em mapear as formas linguísticas segundo a divisão diatópica, enquanto a Geolinguística Pluridimensional engloba outras dimensões, como a diastrática, a diassexual e a diageracional.

Essa subdivisão foi discutida, inicialmente, no simpósio intitulado *Novos caminhos da Geolinguística românica*⁴, cujo diálogo transitou por questões teóricas e por problemas práticos, como o levantamento e processamento dos dados. A princípio, as discussões se direcionaram à língua alemã e, em seguida, consideraram sua relação com as demais línguas românicas. Radtke e Thun (1996) destacam que, apesar dos grandes esforços e projetos de novos atlas, como do Canadá francês, México, Colômbia e atlas de alguns estados brasileiros, ainda existiam significativas lacunas na América; dessa forma, a linguística alemã poderia colaborar com os estudos latinos.

Ao incluir as novas variáveis, a Geolinguística Pluridimensional encontrou-se frente à necessidade de discutir os parâmetros de investigação e a metodologia. Para Radtke e Thun (1996), enquanto a variação diassexual é facilmente aplicável, pois considera-se sexo feminino e sexo masculino, a variação diageracional requer algumas ponderações, como, por exemplo, a possibilidade de considerar as gerações. Ainda mais complexo é definir os critérios para o parâmetro diastrático.

Além da definição das variáveis de análise, outro ponto importante nessa vertente pluridimensional é a representatividade dos dados por meio dos informantes. Nesse sentido, Radtke e Thun (1996) afirmam que os estudos normalmente procuram aumentar a representatividade dos dados incluindo informantes por ponto de pesquisa. Assim, a metodologia inicial, que utilizava um informante principal e um adicional a fim de comparar os dados obtidos, inclui os aspectos pluridimensionais, isto é, a entrevista deve ser realizada, ao mesmo tempo, com informantes que correspondam às variáveis de análise para comparação. Outra possibilidade é realizar a entrevista com os informantes que correspondem às variáveis, separadamente, ou seja, um informante não

⁴ No original: *Neue Wege der romanischen Geolinguistik*.

teria acesso às respostas do outro e a análise de comparação é realizada pelo pesquisador. Esta última é a metodologia utilizada pelo ALiB.

Também destacamos a representação gráfica dos dados obtidos para melhor visualização. A cartografia linguística encontra-se frente a diferentes questionamentos, a fim de aperfeiçoar a ilustração das informações necessárias de forma mais compreensível. Radtke e Thun (1996) ressaltam o uso concomitante de mapas simbólicos e analíticos, além de mapas paralelos com cada uma das variáveis analisadas. O essencial é que um mapa linguístico deixe claro as variantes com que trabalha⁵.

Em síntese, a Geolinguística encontra-se em dois vieses claramente definidos: por um lado, ela tem como principal objetivo descrever os dialetos e, por outro lado, amplia-se às demais variáveis sociais. Trata-se da Geolinguística Monodimensional e da Geolinguística Pluridimensional, respectivamente.

Não é possível discutir sobre a variação linguística sem tocar no conceito de dialeto. O português falado no Brasil apresenta uma enorme diversidade linguística, e esse cenário heterogêneo deve-se, em parte, à ampla extensão territorial e ao intenso fluxo de imigrantes. Destaca-se a grande variação presente nos falares da região sul brasileira, cada estado - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - ou ainda, cada região, carrega características próprias, o que se convencionou a denominação de dialeto.

Câmara Junior (2004 [1956], p. 115) conceitua o termo afirmando que são “falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais”. Entretanto, os dialetos não apresentam total hegemonia, ou seja, “não oferecem [...] uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, e pode dividir-se em subdialetos” (CÂMARA JUNIOR, 2004 [1956], p. 95), classificados segundo traços fonológicos e morfológicos.

Borba (1973, p. 68) conceitua dialeto como um “conjunto de particularidades que, agrupadas, dão a impressão de um falar distinto, apesar do parentesco que os une”. Para Coseriu (1982, p. 11), o termo exprime “uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica ou idioma”. Já Cunha e Cintra (1985, p. 4) atestam que “dialeto é um sistema de sinais desgarrado de uma língua viva comum, viva ou desaparecida”. E, ainda, para Chambers e Trudgill (1994, p.19), os dialetos

⁵ Sobre a conceituação de mapas linguísticos, favor consultar a seção 4.6 sobre a cartografiação.

podem “ser considerados como subdivisões de uma língua particular”⁶. Nesta tese, como não objetivamos rediscutir o conceito do termo posto, adotamos como conceito de dialeto o que afirmam Ferreira e Cardoso (1994) para quem os dialetos são demarcados por isoglossas, ou seja, por linhas imaginárias limítrofes de traços linguísticos. Segundo as autoras,

Por isoglossa entende-se uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas. As isoglossas podem delinear contrastes e conseqüentemente apontar semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas), podem mostrar contrastes e mostrar semelhanças linguísticas sócio-culturais (isoglossas diastráticas) ou ainda podem configurar diferenças de estilo (isoglossas diafásicas) (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12).

Ferreira e Cardoso (1994, p. 16) afirmam ser “um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras”. Assim, os dialetos são delimitados a partir das isoglossas.

Em face de tamanha diversidade linguística como, já mencionado, a do português brasileiro, é indispensável um viés de estudos capaz de “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2004, p. 1). O primeiro registro de descrição do português brasileiro refere-se a um capítulo escrito por Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, inserido na obra *Introduction à l'atlas ethnographique du globe*, de Adrien Balbi (1826) (CASTILHO, 2004), no qual eram descritas algumas diferenças entre o português brasileiro e o português europeu. Visconde de Pedra Branca defendia que a língua do Brasil refletia “a doçura do clima e dos habitantes e ter sido enriquecida por palavras e expressões novas, tomadas de empréstimo às línguas indígenas e inexistentes no português continental” (CARDOSO; FERREIRA, 1994, p. 37).

Nascentes (1953) divide a Dialectologia brasileira em dois momentos: o primeiro consiste em trabalhos no campo do léxico, como glossários, vocabulários, dicionários e outros, enquanto o segundo concentra estudos dialetais monográficos. Motivada pelas inovações metodológicas dessa área, Cardoso (1999) amplia e divide a Dialectologia brasileira em três fases.

⁶ No original: “ser considerados como subdivisiones de una lengua en particular”.

A primeira fase proposta pelas autoras ocorre entre os anos de 1826 a 1920 e conta com trabalhos de caráter lexicográfico, como dicionários e glossários cujo objetivo era retratar características específicas do português brasileiro. Dentre as obras dessa fase, destacamos *O tupi na geografia nacional* (1901), de Sampaio, que contempla um amplo vocabulário e o panorama da língua tupi no Brasil. O autor ainda traça diferenças entre o tupi e o guarani e entre seus falantes, descreve características fonéticas e sintáticas da língua, as influências exercidas pelo português no tupi e descrições etimológicas da cultura indígena.

O segundo momento é caracterizado por obras monográficas e tem como marco a obra de Amadeu Amaral chamada de *O dialeto caipira* (1920). Segue-se a publicação *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes, em 1922 (com reformulação em 1956), a obra em que apresenta uma divisão dialetal no Brasil, defendendo a existência de dois grandes falares, o norte e o sul, divididos em subfalares. Em 1934, Marroquim publica *A língua do nordeste*, obra que aborda a realidade linguística de Alagoas e Pernambuco. Marroquim, ao tratar de dialetos, faz referência aos elementos da sociolinguística, como o aspecto histórico do Brasil, sendo considerada uma obra de relevância entre os estudos dialetológicos do início do século XX. Nesta fase destacam-se, ainda, os trabalhos monográficos de Teixeira *Falar mineiro* (1938) e *Estudos da dialetologia portuguesa: a linguagem de Goiás* (1944).

De grande importância para a Dialetologia tradicional, estão os glossários regionais e obras acerca de questões mais amplas da língua portuguesa no Brasil. Como exemplo citam-se: *Vocabulário gaúcho* de Roque Callage (1926), *Vocabulário do nordeste do Rio Grande do Sul: linguagem dos praieiros*, de Dante de Laytano (1933), e *Vocabulário pernambucano*, de Francisco Pereira da Costa (1937), que permitiram o estudo do acervo lexical da época; e *O português do Brasil*, de Renato Mendonça (1937), *O problema da língua brasileira*, de Sílvio Elia (1940), *Estudos de língua nacional*, de Arthur Neiva (1940), e *A língua do Brasil*, de Gladstone Chaves de Melo (1946), obras de maior abrangência sobre o português falado no Brasil. A segunda fase encerra-se com a publicação, em 20 de março de 1952, do Decreto 30.643 (anexo 1) que delega, à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a responsabilidade da elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

O ano de 1953 marca o início do terceiro momento da Dialetologia nacional, como afirma Silva Neto (1957), o início de uma “mentalidade dialetológica”. Contudo,

em consequência da dificuldade decorrente da grande extensão territorial brasileira, aliada à falta de pesquisadores, Cunha e Silva Neto, no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em 1957, propuseram a produção de atlas regionais para que, juntos, formem um atlas nacional.

Em 1958, Antenor Nascentes publica o primeiro volume das *Bases para elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, obra em que define as diretrizes norteadoras da elaboração de um atlas, como o perfil dos informantes, escolha das localidades, ferramentas para coleta de dados.

Ao longo dos anos, foram elaborados os atlas regionais *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI et al. 1963), *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al. 1977), *Atlas Lingüístico da Paraíba* (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul* (ALTENHOFEN; KLASSMAN, 2011) de caráter exclusivamente diatópico e *Atlas Lingüístico de Sergipe* (FERREIRA, et tal, 1987) e o *Atlas Lingüístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), que incluíram outras variáveis como a dimensão diasssexual.

Destacamos, entretanto, que já em meados do século XX, o governo brasileiro manifestou interesse pela elaboração de um atlas lingüístico nacional por meio da promulgação do Decreto 30.643/20.03.1952 e a Portaria 536 de 26 de maio de 1952 (Anexo 1), os quais atribuem à Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa a responsabilidade para estruturação do atlas. Todavia, Cardoso (2004) explica que, devido às dificuldades apresentadas naquele cenário, como a inexistência de pesquisadores na área de Dialetoologia, a falta de financiamento para pesquisa lingüística, a extensão territorial brasileira e a difícil circulação, os estudiosos da área optaram pela realização de atlas regionais.

A publicação desses atlas regionais impulsionou a Dialetoologia no Brasil e novos estudos foram empreendidos em busca do mapeamento lingüístico. Marco divisor de duas fases, o seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil*, realizado em 1996 em Salvador, reuniu os principais dialetólogos do Brasil que retomaram o projeto do Atlas Lingüístico do Brasil (preconizado pela Casa de Rui Barbosa), dando início à quarta fase da Geolingüística no Brasil. Mota e Cardoso (2009) atestam que se iniciou, verdadeiramente, a estruturação das estratégias para enfrentar as inúmeras dificuldades que um projeto de tamanha grandeza enfrenta.

O projeto Atlas Lingüístico do Brasil envolve 15 instituições universitárias brasileiras e tem sua sede na Universidade Federal da Bahia. No quadro 1, apresentamos a organização do comitê.

Quadro 1 – Membros do Comitê Nacional do ALiB

Pesquisador	Diretoria	Instituição
Jacyra Andrade Mota	Presidente	Universidade Federal da Bahia
Abdelhak Razky	Científica	Universidade Federal do Pará
Maria do S. S. de Aragão	Científica	Universidade F. do Ceará/Universidade F. da Paraíba
Vanderci de A. Aguilera	Científica	Universidade Estadual de Londrina
Aparecida Negri Isquerdo	Científica	Universidade Federal de MS
Felício W. Margotti	Científica	Universidade Federal de Santa Catarina
Em memória		
Suzana A. M. da S. Cardoso	Presidente	Universidade Federal da Bahia
Mário R. L. Zágari	Científica	Universidade Federal de Juiz de Fora
Walter Koch	Científica	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do site do projeto Atlas Linguístico do Brasil

O projeto objetiva descrever as diferenças diatópicas, diastráticas, diageracionais e diafásicas; proporcionar material aos estudiosos da língua; traçar áreas dialetais; construir um acervo de dados capaz de auxiliar a elaboração de dicionários; além de “contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

Os dados englobam 250 pontos de investigação, fixados segundo a densidade demográfica, incluindo as capitais dos estados – exceto Palmas e Brasília, devido à recente fundação – perfazendo um total de 1.100 informantes, como assevera Cardoso (2006), estratificados segundo o sexo, faixa etária (18 a 30 e 50 a 65 anos) e escolaridade, sendo que os quatro informantes do interior têm, no máximo, o Ensino Fundamental completo, enquanto nas capitais, são incluídos quatro informantes com Ensino Superior.

Os estudos realizados a partir dos dados coletados pelo projeto resultaram na publicação de incontáveis artigos científicos, monografias, dissertações, teses, além das

coletâneas Documentos 1, Documentos 2, Documentos 3, Documentos 4, Documentos 5, Documentos 6, Documentos 7, além do Descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores volumes I, II, III e IV.

A partir da implantação do projeto ALiB, os estudos geolinguísticos no Brasil são impulsionados e novos atlas linguísticos estaduais foram realizados, como ALiSPa (2004), ALAM (2004), ALS II (2005), ALPR II (2007), ALMS (2007), MicroAFERJ (2008), ALMESEMT (2009), ALMASP (2009), ALCE (2010), AGeLO (2012), ALiPE (2013), ALITTETO (2018) e ALSAM (2018).

Os trabalhos em âmbito estadual ou regional propiciaram a elaboração de atlas de pequeno domínio, frutos de monografias, dissertações e teses, capazes de “complementar as pesquisas de maior envergadura, revelando aspectos fonéticos, lexicais e morfossintáticas” (ROMANO, 2013).

Há que se ressaltar que o ALiB – precursor da 4ª fase da Dialectologia no Brasil – inovou com a implementação de alguns dos princípios da Sociolinguística que se afastam da visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogênica, monofásica, etc. – que predominou na geolinguística hoje rotulada monodimensional (CARDOSO; MOTA, 2006). Passam a figurar no cenário da Geolinguística os estudos pluridimensionais, que abrangem, além da diatopia, variáveis como a diassexual, diastrática, diageracional e outras.

2.3 A SOCIOLINGUÍSTICA

Na esteira dos estudos de interface, a Geolinguística instrumentaliza-se nos preceitos da Sociolinguística para o estudo verticalizado da língua. Destacam-se duas linhas que dividem os estudos sociolinguísticos: a Sociolinguística Interacional e a Sociolinguística Variacionista.

A Sociolinguística Interacional, cujo precursor é o antropólogo Dell Hathaway Hymes (1927), estuda a língua na interação social face a face, considerando o modo como o falante se comporta durante a interação, explica Camacho (2005). O processo interativo constitui-se a partir dos elementos: interlocutor, assunto, ambiente, tempo e contexto. Dessa forma, a Sociolinguística Interacional considera os indivíduos envolvidos como personagens das situações comunicativas.

Já a Sociolinguística Variacionista considera que características do falante são capazes de influenciar o seu modo de falar. A influência dos fatores sociais exercida sobre o fenômeno da variação linguística foi atestada já em 1963 por William Labov, em seu estudo realizado na ilha de Martha's Vineyard, litoral de Massachusetts. Contudo, o termo *Sociolinguística* surgiu apenas no ano seguinte, em um congresso organizado pelo linguista William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), em que estavam presentes respeitáveis referenciais como John Gumperz, William Labov, John Fisher e outros. Para Labov (2008, p. 13), “resisti ao termo *sociolinguística*, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social”.

A publicação dos trabalhos apresentados no congresso, em 1966, foi precedida pelo texto *As dimensões da Sociolinguística*, no qual Bright define a nova área de estudo cujo objetivo consiste em “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção” (BRIGHT, 1974, p. 17). Assim, para a Sociolinguística, a diversidade ou variação linguística é sistemática e motivada por fatores estruturais e sociais (MOLLICA, 2008, p. 10). A Sociolinguística vê a variação linguística como “uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico” (ALKMIN, 2005, p. 33) e não um defeito.

Dessa forma, a Sociolinguística se preocupa com o “estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (ALKMIN, 2005, p. 31), uma vez que

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua (ALKMIN, 2005, p. 21).

Nas palavras de Silva-Corvalán (1989), as comunidades linguísticas apresentam um caráter multifacetado e é justamente a heterogeneidade da língua o objeto de estudo da Sociolinguística (BRIGHT, 1974; SILVA-CORVALÁN, 1989; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; ALKMIM, 2005; CAMACHO, 2005; MOLLICA, 2008).

O pioneiro dos estudos sociolinguísticos, William Labov, foi “quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade,

virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (TARALLO, 1985, p. 7); além disso, é o responsável por estabelecer um modelo e método de investigação linguística no contexto social. Precursor da Sociolinguística Variacionista, Willian Labov iniciou sua reflexão sobre a mudança linguística respaldada em três questionamentos distintos: a origem da variação, a difusão e propagação das mudanças linguísticas, e a regularidade da mudança linguística.

Para Labov (2008), a mudança pode ser motivada por processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico esteja em relação com características fisiológicas ou psicológicas do falante. Afirma o autor que, para entender os processos de mudança e variação linguística, é indispensável a vida social e suas relações, pois

o ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008, p. 21).

Nesse cenário, o primeiro trabalho de Labov, em 1963, estudou o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, estado de Massachusetts, Estados Unidos. Nele, Labov realizou as primeiras tentativas de análise. A partir de observação direta, analisou a variação dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/ e a distribuição das variantes conforme as regiões, idades, profissões, além de considerar as atitudes linguísticas como um fator determinante. A ilha apresenta características peculiares: é um ponto independente, ou seja, separado do continente e, ao mesmo tempo, é geograficamente complexa para oferecer amplo espaço para variação linguística. Apesar dos dados significativos do estudo, Labov (2008) aponta as limitações encontradas, como a falta de rigor no método de amostragem. Assim, as técnicas utilizadas em Martha’s Vineyard foram refinadas posteriormente em coleta de dados no coração de Nova Iorque.

Labov (2008) constatou que o processo de mudança era motivado pela atitude de afirmação identitária da comunidade local diante dos turistas; assim, os nativos com sentimentos positivos quanto à ilha usavam a variante local, enquanto aqueles que apresentavam sentimentos negativos ou neutros, não.

A grande inquietação de Labov se volta ao método de coleta de dados aplicado em seu primeiro estudo, pois, para ele, o modelo de entrevista acarreta uma fala mais monitorada, ou seja, mais formal, visto que há um observador externo, um possível avaliador. Assim, Labov questiona se o modo de driblar esse monitoramento por parte do falante é observá-lo em seu ambiente natural, interagindo com sua família e amigos, passando a utilizar uma nova metodologia.

A partir dela, Labov postulou reflexões sobre princípios sociolinguísticos acerca de relações de variação estilística, estratificação social e avaliação subjetiva. Assim, divide o estudo das mudanças em andamento em três problemas distintos.

1. O problema da *transição* é encontrar o caminho pelo qual um estágio de uma mudança linguística evoluiu a partir de um estágio anterior. Desejamos traçar o maior número de estágios intermediários, de modo a conservar somente uma das principais alternativas. Assim, são aspectos do problema da transição gramatical na mudança sonora, sobre “cadeiras que avançam” versus “cadeiras que retrocedem”, sobre movimento constante versus alterações súbitas e descontínuas.
2. O problema do *encaixamento* é encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo. O principal caminho para a solução está na descoberta das correlações entre elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não linguístico de comportamento social. As correlações se estabelecem por provas sólidas de variação concomitante, ou seja: mostrando-se que uma pequena mudança na variável independente é regularmente acompanhada por uma mudança da variável linguística numa direção previsível.
3. O problema da *avaliação* é encontrar os correlatos subjetivos (ou latentes) das mudanças objetivas (ou manifestas) que foram observadas. A abordagem indireta deste problema correlaciona as atitudes e aspirações gerais dos informantes com seu comportamento linguístico. A abordagem mais direta é medir as reações subjetivas inconscientes dos informantes aos valores da própria variável linguística (LABOV, 2008, p. 193).

Considerando as reflexões acerca dos três problemas levantados, Labov constata que é o poder de generalização de determinada explicação que a torna significativa, desde que respaldada em evidências confiáveis e reproduzíveis.

Nesse sentido, verificamos a importância de considerar os fatores linguísticos e sociais na análise das mudanças linguísticas, uma vez que ambos exercem influência no processo. Assim, a observação das variáveis sociais possibilita a visão do mecanismo linguístico inserido no contexto e na comunidade de fala.

Como já exposto, a variação linguística não é aleatória, mas sistemática e motivada por fatores linguísticos e não linguísticos, ou seja, “a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais” (MOLLICA, 2004, p. 27). Dentre a variação social, Ilari e Basso (2014) elencam a diamésica, diacrônica, diatópica e diastrática.

A variação diamésica refere-se aos veículos ou meios de expressão que a língua utiliza, explicam Ilari e Basso (2014). Primeiramente, a variação diamésica compreende a significativa diferença entre a língua falada e a escrita devido, principalmente, aos diferentes graus de cuidado e planejamento entre as modalidades. Ainda, a variação diamésica considera as diferenças a partir dos gêneros discursivos. Ressaltamos, entretanto, que os fatores condicionadores não agem de forma isolada, mas atuam em conjunto e são inter-relacionados.

A variação diacrônica, ou histórica, diz respeito às mudanças ocorridas ao longo do tempo, as quais podem ocorrer nos diferentes níveis linguísticos, segundo atestam Ilari e Basso (2014), como no acervo lexical e os sentidos atribuídos, o processo de gramaticalização – processo pelo qual uma palavra assume funções gramaticais – ou, ainda, o processo inverso à gramaticalização, a lexicalização.

A variação diatópica, ou geográfica, diz respeito às diferenças distribuídas no espaço físico, atesta Alkmin (2005). Devido à sua extensão territorial, o Brasil apresenta uma imensa variação geográfica, resultando em incontáveis estudos dos diferentes níveis linguísticos. Assim como a variação diacrônica, a diatópica ocorre em diferentes níveis linguísticos, como a variação lexical, fonológica e morfossintática.

Ainda, há a variação diastrática, que se refere à organização sociocultural dos falantes, ou seja, relaciona-se a um conjunto de fatores relacionados à identidade dos falantes e com a organização sociocultural da comunidade de fala. Alkmin (2005) elenca como fatores: sexo, idade e classe social.

A análise do paralelismo entre sexo e variação linguística, ou variação diassexual, é bastante complexa, pois, como Radtke e Thun (1996) refletem, a diferença no falar entre homens e mulheres possui caráter social por se tratar de uma representação e posicionamento dos papéis sociais, como observado pelos autores, “as informantes do sexo feminino se mostram claramente mais inovadoras do que os

homens”⁷ (RADTKE; THUN, 1996, p. 36). Nesse sentido, deve ser considerada a organização social em que se insere o contexto de fala, apesar do cenário que aponta para “uma maior consciência feminina do status social das formas linguísticas” (PAIVA, 2015, p. 35).

Moreno Fernández (1996) enfatiza que as mulheres são mais sensíveis às normas de prestígio, pois utilizam a linguagem como mecanismo para demarcar o status social. Assim, a relação existente entre sexo, variação linguística e o prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas apresenta íntima relação, pois as mulheres tendem a estar à frente de processos de mudança linguística. Entretanto, faz-se indispensável considerar o valor social da variante inovadora, uma vez que as mulheres tendem a implementar na língua as formas socialmente prestigiadas, em contrapartida, assumem uma postura conservadora no que diz respeito às variantes desprestigiadas. Salientamos, portanto, que as mulheres tendem a preferir as variedades de maior prestígio, pois,

quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada [...], as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo (PAIVA, 2015, p. 36).

Esse cenário reflete a organização sociocultural em que se espera da mulher o uso de uma linguagem mais adequada aos padrões, observando que a variedade de prestígio não é, obrigatoriamente, o modelo normativo, visto que as relações de prestígio e desprestígio linguístico estão intimamente relacionadas aos aspectos sociais.

No que se refere à classe social, não selecionamos um viés para analisarmos. Em contrapartida, consideramos a análise da variável escolaridade, uma vez que a escola é capaz de incutir modelos e padrões, assim, atua de forma eficaz no processo de mudança ou manutenção linguística. A escola atua na preservação de formas de prestígio frente às tendências de mudança e caracteriza-se como fonte para o conhecimento de padrões estéticos e morais consoante à conformidade de dizer e de escrever, atesta Votre (2015).

Essa variável atua em diferentes instâncias:

⁷ No original: “las informantes femininas se muestran claramente más innovadoras que los hombres”.

A primeira é entre forma de prestígio social e forma relativamente neutra. A segunda distinção é entre o fenômeno socialmente estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização. A terceira versa sobre os fenômenos que são objeto de ensino escolar e aqueles que escapam à atenção normativa da escola (VOTRE, 2015, p. 51).

A primeira distinção se estabelece no prestígio social atribuído aos usuários de determinada variante. O prestígio social opõe-se ao desprestígio direcionado àqueles que não desfrutam do prestígio. A forma de falar socialmente prestigiada se estabelece a partir dos ditames da literatura oficial e das gramáticas normativas. A segunda divisão fundamenta-se no falar estigmatizado e no falar prestigiado, assim, o falar estigmatizado é alvo de rejeição. E, ainda, a terceira divisão volta-se aos fenômenos controlados pela escola, ou seja, a imposição da gramática normativa exercida pelo ambiente escolar, explica Votre (2015, p. 53).

Destacamos, neste contexto, que a correlação entre variação linguística e escolaridade é capaz de agir nos diferentes campos da fala. Em suma, a variável escolaridade atua nos processos de promoção ou resistência à mudança linguística.

Além dessa, sublinhamos a importância da análise da variável faixa etária, ou variação diageracional, conforme Radtke e Thun (1996) explicam, uma vez que ela pode apresentar indícios de mudança da língua. Neste sentido, situa-se o estudo da mudança em tempo aparente, viés respaldado na teoria de que um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade (NARO, 2004). Assim, a fala de uma pessoa com 60 anos representa a língua de 45 anos atrás, enquanto a fala de uma pessoa com 40 anos revela a língua de 25 anos atrás.

Como última observação acerca do assunto, cumpre ressaltar que a variação pode ser analisada por duas vertentes: o tempo aparente e o tempo real (TARALLO, 1985). O estudo em tempo real estrutura-se na comparação de dados obtidos em momentos diferentes, em contrapartida, o estudo em tempo aparente consiste em considerar duas ou mais faixas etárias a fim de observar se a idade é um fator condicionante das variedades linguísticas. É, portanto, o viés seguido nesta tese.

2.4 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A língua portuguesa, ao longo de sua história, passou por mudanças em todos os seus segmentos⁸, processo natural para as línguas, uma vez que elas “estão, pois, em

⁸ As mudanças na língua são percebidas nos sistemas fonético/fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

perpétua mudança” (SILVA NETO, 1988, p. 15) e estas alterações impulsionaram a evolução⁹ do português até atingir o sistema em vigor.

Desde as mudanças pelas quais passou o latim, noticia-se sobre alterações das vogais. Ilari (2004) explica que, no latim clássico, havia cinco vogais – a, e, i, o, u – que poderiam ser longas ou breves, a duração das vogais era diferenciadora nas palavras. A partir da expansão do uso do latim vulgar, as diferenças de duração cederam espaço às diferenças de abertura e, por conseguinte, o sistema vocálico passou a apresentar sete fonemas – /i, e, E, a, ç, o, u/ –, os quais foram preservados na passagem para o português (COUTINHO, 1976).

Inúmeras mudanças foram observadas nas vogais, especialmente, em relação à tonicidade, durante a passagem do latim para o português, explica Coutinho (1976). Verificamos que, na posição pretônica, são encontradas ocorrências de queda da vogal inicial em *onset* silábico, como em *inamorare* > *namorar*, e em posição não inicial, desde que adjunta à sílaba tônica, como em *verecundia* > *vergonha*. Em posição tônica, Coutinho (1976) assevera que as vogais não se transformam na passagem do latim para o português, todavia, as mudanças ocorridas devem-se aos processos de assimilação, como *fame* > *fome*, devido à influência das consoantes labiais, dissimilação *phantasma* > *abantesma*, e analogia, como *arbutu* > *êrvodo*. As vogais postônicas podem ser finais ou não finais. Assim, as postônicas finais podem apresentar duas alterações: *i* e *u* modificam-se, respectivamente, para *e* e *o*, como em *dixi* > *disse*, *metu* > *medo*; e a queda da vogal antecédida por r, l, s, z, n, ou seja, quando o segmento precedente à vogal final pode ser coda de sílaba, como em *amare* > *amar*, *fidele* > *fiel*. Já as postônicas não finais, excetuando a vogal *a*, caem em proparoxítonas, transformando-as em paroxítonas, como em *cálido* > *caldo* e *littera* > *letra*.

Do latim vulgar, o português manteve timbres vocálicos e acento tônico. As palavras paroxítonas foram favorecidas devido aos metaplasmos, explicando por que a língua portuguesa contém um número de proparoxítonas menor em comparação às paroxítonas. Em relação à grafia e pronúncia das vogais, as tônicas da língua portuguesa tendem à manutenção, enquanto as átonas são mais suscetíveis à mudança, como visto nos metaplasmos ocorridos, pois as vogais em posição de menor intensidade articulatória apresentam maior flutuação, explica Mattos e Silva (2001).

⁹ Emprega-se o termo *evolução* como qualquer alteração sofrida por uma língua ao longo do tempo.

Destacamos que as vogais médias – *e* e *o* – em posição átona, desde os primórdios, são caracterizadas por muitas flutuações. Silva Neto (1988) atesta que o fenômeno do alçamento fora testificado já no século III, no Appendix Propri, como em *collonna* > *collumna* e *emago* > *imago*, entre outros casos. Williams (1986) explica que o *o* átono final do português se tornou *u* ainda no século XII.

Silva Neto (1988) assinala que as vogais médias, em Portugal, apresentam variação diatópica, diastrática e contextual. Em relação ao *e* átono final, escopo deste estudo, Silva Neto (1988) afirma que a pronúncia representa a conservação de um estado fonético antigo, visto que no português europeu, hoje, o *e* final quase sempre se elide e, no Brasil, sofre o alçamento, sendo proferido como *i*. Todavia, aponta Silva Neto (1988) que, possivelmente, antes da elisão do *e* átono final europeu, tenha havido o alçamento para *i*. Ainda, Naro (1973) observa que o português do século XVI apresentava formas *e* e *o* discretamente alçadas.

Na esteira dos conceitos teóricos apresentados, afirmamos que as vogais átonas caminham em um processo contínuo de alterações, constituindo-se como variável ou tendendo à neutralização, tanto no português europeu quanto no português brasileiro.

O sistema vocálico do português brasileiro, descrito por Câmara Junior (1982) com base no dialeto carioca e sob o viés estruturalista, defende que a descrição dos fonemas vocálicos deve ser feita a partir da posição tônica, porque, nesta posição, as vogais realizam-se distintivamente.

Para as vogais portuguesas, a presença do que se chama “acento”, ou particular força expiratória (intensidade), associada secundariamente a uma ligeira elevação da voz (tom), é que constitui a posição ótima para caracterizá-las. A posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez (desde que se trate do registro culto formal) os traços distintivos vocálicos (CÂMARA JUNIOR, 1982, p. 40).

No sistema fonológico do português, segundo o autor, há vogais tônicas, pretônicas, postônicas não finais e postônicas finais. Essas vogais estão dispostas em um sistema triangular, conforme a elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior do trato oral.

Há uma série de vogais anteriores, com um avanço da parte anterior da língua e a sua elevação gradual, e outra série de vogais posteriores, com um recuo na parte posterior da língua e sua elevação gradual. Nestas há, como acompanhamento, um arredondamento gradual dos lábios. Entre umas e outras, sem avanço ou elevação apreciável da língua, tem-se a vogal /a/ como vértice mais baixo de um triângulo de base para cima. A articulação da parte anterior, central (ligeiramente anterior) e posterior da língua dá a classificação articulatória de vogais – anteriores, centrais e posteriores. A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória da vogal baixa, vogais médias de 1º grau (abertas), vogais médias de 2º grau (fechadas) e vogais altas (CÂMARA JUNIOR, 1982, p. 41).

Para ilustrar a caracterização das vogais segundo os movimentos articulatórios da língua, o autor utiliza o modelo de Trubetzkoy (1939).

Figura 1 – Vogais em posição tônica

altas	/u/	/i/	
médias	/ô/	/ê/	(2º grau)
médias	/ò/	/è/	(1º grau)
baixa	/a/		
posteriores	central	anteriores	

Fonte: Câmara Junior (1982, p. 41).

Destacamos que, em posição tônica, as vogais do português atuam como diferenciadoras, como em s[a]co, s[e]co, s[E]co, s[o]co, s[ç]co, s[u]co e s[i]go. Todavia, a vogal em posição tônica seguida de uma consoante nasal (p.ex. cama, santo, lento, sinto) apresenta uma eliminação das vogais médias de 1º grau e a vogal baixa torna-se levemente posterior, em vez de anterior, apresentando uma pronúncia mais abafada, representada [â]. Assim, diante de consoantes nasais, o sistema vocálico do português se reduz a cinco vogais, como ilustra a figura 2.

Figura 2 – Vogais tônicas seguidas de consoante nasal

altas	/u/	/i/
médias	/ô/	/ê/
baixa	/a/	
	[â]	

Fonte: Câmara Junior (1982, p. 43).

Nas posições átonas, ocorre a perda ou supressão de certas oposições, levando à redução do número de fonemas, para Trubetzkoy (*apud* CÂMARA JUNIOR, 1982), é o fenômeno da neutralização, ou seja, a eliminação da distinção entre dois fonemas.

Na posição pretônica, há distinção entre as médias de 1º e 2º grau. Câmara Junior (1982) ilustra o fenômeno com os pares mínimos f[o]rma e f[ç]rma, em que há distinção de significado pela qualidade da vogal tônica, entretanto, o adjetivo derivado do segundo substantivo é f[o]rmoso. Assim, forma-se um quadro com apenas cinco vogais.

Figura 3 - Vogais em posição pretônica

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	

Fonte: Câmara Junior (1982, p. 44).

Na posição postônica, as vogais podem ser finais ou não finais. Dessa forma, na posição postônica não final, ocorre a neutralização entre /o/ e /u/ em formas como ár[v]u]re e abób[u]ra, mas não entre /e/ e /i/.

Figura 4 – Vogais postônicas não finais

altas	/u/	/i/
média	/../	/e/
baixa	/a/	

Fonte: Câmara Junior (1982, p. 44).

Na posição postônica final, há a neutralização entre /e/ e /i/, prevalecendo as vogais altas, sejam os segmentos seguidos ou não de /s/ na mesma palavra. Dessa forma, o quadro das vogais fica com apenas três elementos.

3 O ESTADO DA ARTE

Ao investigar um fenômeno, consideramos essencial conhecer o panorama das pesquisas já realizadas. Assim, traçamos um histórico dos estudos que tratam do alçamento da vogal média anterior postônica final no português falado no sul do Brasil.

Um dos primeiros estudos variacionistas a respeito do sistema vocálico átono, intitulado *Redução vocálica postônica e estrutura prosódica*, desenvolvido por Schmitt (1987), relacionou a redução vocálica com a estrutura prosódica das vogais /e/ e /o/ finais e não finais. A amostra para este estudo foi constituída por quatro falantes bilíngues da região de colonização alemã (Taquara), quatro bilíngues da região de colonização italiana (Veranópolis), quatro monolíngues da região fronteira com o Uruguai (Livramento) e um informante da região metropolitana de Porto Alegre (como teste), dentro da faixa etária de 25 e 55 anos, extraídos do banco de dados coletado por Bisol, por meio de entrevistas individuais compostas de duas partes: teste e fala livre (espontânea). Os dados, coletados na década de 80, revelam que o alçamento ou a manutenção das átonas é variável e condicionado segundo os fatores linguísticos e sociais, sendo que o falar gaúcho apresenta significativa manutenção da vogal.

No estudo *Variação fonoestilística das vogais postônicas finais no idioleto de um dialeto do português brasileiro falado em SC*, Vegini (1989) ressalta que a partir da fala de um único indivíduo não é possível inferir conceituações amplas do dialeto em pauta. O autor observou um processo que não favorece o alçamento vocálico na fala espontânea, isto é, em contexto menos monitorado, o indivíduo tende a realizar mais a manutenção.

Mercer (1992) defendeu a sua tese intitulada *Áreas fonéticas do Paraná* em que realizou uma sondagem do /e/ átono final a partir dos dados do ALERS, considerando doze informantes de oito cidades (Jacarezinho, Londrina, Maringá, Umuarama, Curitiba, Ponta Grossa, Cascavel e Foz do Iguaçu). O autor afirma que o alçamento da vogal pode estar se difundindo a partir do norte, passando primeiramente pelas cidades e se alastrando para o campo e afirma que os dados do banco do ALERS indicam que existem dois domínios dialetais no Paraná: a área norte e a área sul, sendo o /e/ átono final um marco divisor dessas áreas. Ainda, o autor atesta que, na fala sul rio-grandense, o alçamento é bastante significativo, exceto quando há interferência dos dialetos alemão e italiano. O autor afirma que o alçamento ou manutenção da vogal /e/ é condicionado

segundo a presença ou ausência da palatalização. Explica que o contexto precedente preenchido por /t/ e /d/ seguido da vogal média propicia a palatalização da consoante e, concomitantemente, o alçamento da vogal. Para Mercer (1992), essa correlação fundamenta-se no *continuum* estabelecido, visto que a palatalização é um indicador seguro de que a vogal seja mais um /e/, pois esses falantes apresentam um marcador audível da passagem de /e/ para /i/.

Vieira (1994), a partir do banco de dados coletados por Bisol, estudou a *Neutralização das vogais médias postônicas*. O *corpus* foi constituído por registros de sete falantes de cada região, pertencentes a faixa etária entre 25 e 55 anos. Vieira (1994) considerou as variáveis segmento precedente, segmento seguinte, contexto vocálico, classe de palavras, tipo de sílaba, posição da sílaba, etnia, sexo e tipo de entrevista. Dentre as variáveis analisadas, o contexto vocálico da tônica apontou que a presença de uma vogal alta favorece o alçamento de /e/ e /o/ em posição postônica e, ainda, o estudo apontou como relevantes para o fenômeno o segmento precedente, tipo e posição da sílaba e etnia. Constatou que as fricativas palatoalveolares e fricativas labiodentais tendem a elevar a vogal /e/. Foi possível constatar a coocorrência das duas formas, isto é, trata-se de uma regra variável.

Roveda (1998) verificou a elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues (português - italiano) e monolíngues (metropolitanos) no estudo intitulado *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano*. A amostra contou com dados do banco VARSUL, sendo 48 informantes, 24 das regiões de Porto Alegre e Florianópolis (metropolitanas) e 24 das comunidades de Flores da Cunha e Chapecó (bilíngues), com idade entre 25 a 50 anos e escolaridade de 4, 8 e 12 anos. Neste estudo, foram consideradas as variáveis contexto precedente, junção, classe de palavra, presença da vogal alta, tipo de coda, sexo, bilinguismo, idade (25 - 50 anos e mais de 51) e escolaridade (4, 8 e 12 anos de escolarização, excluindo o superior). O autor verificou que existe coocorrência das duas formas, isto é, trata-se de uma regra variável e destacou que a classe gramatical verbo é favorecedora da elevação da vogal média, assim como as consoantes dorsais e palatais.

Carniato (2000) publicou *A neutralização das vogais médias finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*, em que observou a regra de neutralização das vogais médias em posição postônica final na fala de 12 informantes da comunidade de Santa Vitória do Palmar-RS, fronteira com o Uruguai, sob a perspectiva da Fonologia

Autossegmental e da Sociolinguística Laboviana. Os dados revelaram que o fenômeno da neutralização, nessa região, é variável e condicionado, especialmente, pela variável contexto precedente, em que a estridente coronal é a mais favorecedora. Entre as variáveis sociais, a faixa etária é a mais significativa, pois Carniato (2000) nota uma ausência do processo de neutralização na fala dos mais velhos e o crescimento entre os mais jovens. Ao examinar a fala da comunidade de Santa Vitória do Palmar (RS), verificou uma coocorrência entre alçamento e manutenção da vogal média anterior.

Mallmann (2001) desenvolveu um estudo na comunidade de Santo Ângelo, região localizada a aproximadamente 140 km da fronteira com Argentina, cujo título é *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)*. A pesquisa conta com uma amostra de 36 informantes, com idade entre 16 e 24 anos, 25 a 49 anos e mais de 50 anos e analisa segundo as variáveis tonicidade, contexto precedente, contexto seguinte, classe gramatical, tipo de vogal, sexo, escolaridade (fundamental e médio-superior) e grupo étnico (alemão, italiano, polonês, misto e luso-brasileiro). Dentre elas, as mais relevantes são o tipo de vogal, contexto precedente e contexto seguinte. Os dados revelam uma heterogenia no fenômeno, isto é, apresentam-se as duas formas em coocorrência.

Vieira (2002) publicou um artigo, intitulado *As vogais médias postônicas: uma análise variacionista*, acerca do comportamento das vogais médias postônicas finais e não finais nos três estados sul brasileiros, nas cidades de Porto Alegre, São Borja, Flores da Cunha e Panambi no Rio Grande do Sul; Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó em Santa Catarina; Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati no Paraná. Os dados foram extraídos do acervo do VARSUL, do qual foram selecionados oito informantes para cada uma das cidades, estratificados em duas faixas etárias (até 50 anos ou mais de 51 anos) e escolaridade (quatro anos ou mais de quatro anos de escolaridade). As vogais /e/ e /o/, em posição final e em posição não final, foram analisadas separadamente, assim, foram consideradas as variáveis contexto precedente, contexto seguinte, contexto vocálico, posição da vogal na palavra, faixa etária, grau de escolaridade e variável geográfica nos itens analisados em posição não final e para a posição final, as mesmas variáveis sociais propostas para a posição não final, mas substituiu-se a variável contexto seguinte pela variável tipo de sílaba. Vieira (2002) observou que a regra de neutralização está sendo introduzida nos sistemas vocálicos das diferentes cidades e que o alçamento é majoritário nas três localidades, sendo que em Curitiba, 53% das

respostas referem-se ao alçamento da vogal, Florianópolis apresenta 91% de alçamento e Porto Alegre, 93%.

Em *Análise das vogais postônicas finais /e/ e /o/ nos falantes do município de Doutor Pedrinho*, Lenzi e Brenner (2008) analisaram a realização das vogais postônicas finais /e/ e /o/ em falantes de Doutor Pedrinho - Santa Catarina, subdivididos segundo a faixa etária. Os dados mostraram que os falantes não realizam o alçamento das vogais /e/ e /o/, apresentando diferenciação entre as cinco vogais nesse contexto.

Silva (2009) publicou sua pesquisa intitulada *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho - RS*, cujo objetivo foi estudar o fenômeno de alçamento das vogais médias átonas /e/ e /o/ finais e não finais no português falado em Rincão - RS, uma comunidade fronteiriça com a Argentina. Os dados da pesquisa foram obtidos junto a 14 informantes, por meio de entrevistas de experiência pessoal e aplicação de um instrumento de perguntas diretas. Com auxílio do programa de análise estatística Rbrul, foram selecionadas como significantes para o alçamento de /e/ em posição final as variáveis contexto vocálico da tônica, contexto precedente, tipo de sílaba, contexto seguinte, localização da postônica, classe gramatical, sexo e escolaridade. Para a vogal /o/, nessa mesma posição, mostraram-se significantes as variáveis contexto vocálico da tônica, contexto precedente, tipo de sílaba, contexto seguinte, localização da postônica, classe gramatical, sexo, idade e escolaridade. Em relação às vogais em posição postônica não final, foram selecionadas como significantes as variáveis tipo de postônica, contexto precedente, contexto seguinte, contexto vocálico da tônica, localização da postônica, tipo de entrevista e sexo. Os resultados revelam que o alçamento das vogais médias /e/ e /o/ finais e não finais é variável, contudo, a elevação de /o/ é mais frequente em ambas posições.

Vieira (2010) publicou *As vogais médias átonas no sul do Brasil*, em que estudou a elevação das vogais médias em posição postônica final e não final na fala de informantes das capitais do sul do país a partir do banco de dados do VARSUL. Foram apontados como significantes à variação, a variável localização geográfica, o contexto precedente, o contexto vocálico e o tipo de sílaba. Os resultados apontam que os falantes de Curitiba tendem a preservar mais as vogais /e/ e /o/ postônicas do que os falantes de Porto Alegre e de Florianópolis.

Em *A vogal /e/ átona final em falantes curitibanos*, Dubiela (2013) analisou a produção da vogal átona final /e/ por falantes nativos da cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná. O trabalho conta com seis falantes do sexo masculino e seis falantes do sexo feminino, estratificados em duas faixas etárias. Os resultados atestam que nenhum informante realizou a manutenção da vogal átona final como /e/, mas uma vogal intermediária entre /e/ e /i/, mais próxima de /i/.

Mileski (2013a) verificou, em *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS*, a regra variável do fenômeno a partir dos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Para tanto, foram realizadas 24 entrevistas de experiência pessoal com informantes representativos da comunidade. Os dados demonstram que o alçamento de /o/ é mais frequente que o de /e/. Dentre as variáveis analisadas, mostraram-se significativas para a elevação de /o/ átono final as variáveis tipo de sílaba, contexto precedente, contexto vocálico da sílaba tônica, contexto seguinte, localização da vogal átona na palavra, faixa etária, ocupação profissional e escolaridade. Já para a elevação de /e/ átono final, a análise estatística apontou como relevantes as variáveis classe gramatical, contexto precedente, localização da vogal átona na palavra, contexto vocálico da sílaba tônica, escolaridade e sexo. Constatou que alçamento de /o/ é mais frequente de que /e/, apesar de ambas as vogais apresentarem percentuais baixos de alçamento, sendo 5,6% e 2,5%, respectivamente.

Também em 2013, a mesma autora publicou *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS* (2013b), fundamentado na Sociolinguística Variacionista. O *corpus* conta com 24 entrevistas de experiência pessoal com informantes representativos da comunidade. Os dados atestam que o alçamento de /o/ é mais frequente que de /e/.

Em *Elevação da vogal /e/ na fala de descendentes de poloneses de Mallet - PR: uma análise variacionista*, publicado em 2014 por Loregian-Penkal e Costa, é observada a regra variável de elevação da vogal média-alta anterior /e/ em posição postônica final, na fala de moradores da zona rural e descendentes de imigrantes eslavos (majoritariamente poloneses) de Mallet, cidade localizada na região Centro-Sul do Paraná. Para tanto, os dados foram extraídos do acervo de dados do projeto VARLINFE (Variação Linguística de Fala Eslava), sendo 12 informantes estratificados segundo sexo, faixa etária e escolaridade. Os resultados demonstram um baixo percentual de

alçamento e apontam como variáveis favorecedoras à realização da elevação de /e/ átono final o contexto precedente, o sexo, a escolaridade, a faixa etária e o tipo de sílaba.

Ainda em 2014, Silva e Aguilera publicaram o artigo *O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas*, em que verificam o impacto do fenômeno alçamento/manutenção da vogal média anterior final /e/ na atribuição de crenças e atitudes linguísticas em falantes de Londrina e Pitanga, cidades paranaenses. As autoras verificaram que a manutenção da vogal /e/ pelos pitanguenses é alvo de desprestígio, ou seja, é considerada como inferior, podendo resultar no desaparecimento desta variante.

Lima (2015) desenvolveu a pesquisa intitulada *Alçamento das vogais postônicas finais /e/ e /o/ nas cidades de Curitiba e Londrina*, em que foram analisadas as variáveis idade, sexo, localidade e, no caso da capital (Curitiba), escolaridade. Os dados revelam que o alçamento da vogal posterior [o] postônica final, em Londrina, é mais alto do que em Curitiba, da mesma forma, a vogal média anterior [e] postônica final é bastante recorrente em Londrina. As variáveis extralinguísticas atestam que as mulheres, os mais jovens e os informantes de Londrina são mais propensos ao alçamento.

Menon (2015) publicou o artigo *Leite quente: o xibolete curitibano*, trabalho em que discute algumas características do falar curitibano, entre elas, a manutenção do /e/ átono final. A autora afirma que a manutenção é a realização comum dos curitibanos, no entanto, afirma que no contexto de sequência de duas vogais, cuja pronúncia geraria um hiato, é possível ocorrer o alçamento da vogal. A autora justifica que isso ocorre porque a língua portuguesa é avessa a determinados hiatos.

Dubiela (2016) publicou sua pesquisa, denominada *Vogal frontal átona final produzida por falantes de Curitiba: subsídios para uma abordagem dinâmica dos sons da fala*, em que verificou o comportamento da vogal /e/ no dialeto curitibano falado por informantes adultas do sexo feminino, sob uma perspectiva dinâmica de língua e verificou que os valores de duração relativa das vogais átonas finais também se mostraram muito mais variáveis que os das tônicas, além de serem menores. Essa variabilidade nos dados das vogais átonas finais acontece por conta do acento.

Apesar da existência de estudos acerca desse fenômeno em diferentes pontos do Brasil, diante do panorama traçado, verificamos que os estudos se concentram em localidades da região sul do país, especialmente, no estado do Rio Grande do Sul. Nesse contexto, essa pesquisa pretende ampliar o horizonte com dados dos três estados do sul do país, preenchendo uma lacuna e permitindo maiores comparações.

4 LÓCUS DA PESQUISA: A REGIÃO SUL

Nas pesquisas sociolinguísticas, os fatores sociais são reconhecidos como possíveis condicionadores da variação linguística. Dentre eles, destacamos a variável diatópica, ou geográfica, que é um fator condicionante em diversos fenômenos linguísticos. Assim, faz-se necessário traçar um breve panorama histórico do processo de povoamento dada a importância dos movimentos de ocupação do território brasileiro, caracterizando o país pela ampla miscigenação, isto é, a mistura de diferentes etnias e povos.

Neste capítulo, apresentamos um breve quadro histórico da região sul brasileira. Informamos que não realizamos o panorama minimamente detalhado, visto não ser este o escopo do estudo, mas buscamos nos fixar na ordem cronológica dos fatos mais importantes, como o movimento dos Bandeirantes, do Tropeirismo e das ondas migratórias.

4.1 PANORAMA HISTÓRICO

Os povos indígenas, como os Carijó, os Guarani e os Kaingang, foram os primeiros habitantes da região sul brasileira e difundiram suas línguas e costumes que, posteriormente, foram amenizados por influência de outras culturas. No período de colonização do Brasil, a Região Sul estava fora do domínio de Portugal, ao contrário das demais regiões, como o nordeste e o sudeste, que já haviam sido ocupados.

Dada a habilidade adaptativa do colonizador português, estabeleceu-se uma fusão cultural entre europeu e indígena. Entretanto, ainda nos primeiros anos do contato, alguns indígenas tentaram fugir a caminho da mata e, com isso, levaram vírus contraídos dos brancos. Nesse cenário, os europeus impuseram sua força e alicerçaram o movimento de escravidão, assim, como explica Ribeiro (2006), as mulheres serviam com seu ventre para multiplicar e os homens com o trabalho braçal, iniciando o processo de miscigenação. Primeiramente, entre os portugueses e as índias e, posteriormente, com os negros.

No século XVI, padres espanhóis integrantes da Companhia de Jesus chegaram à região sul brasileira com o objetivo de catequizar os índios e, também, controlar o

território. Os padres criaram aldeias em que os indígenas habitantes criavam gados, aprendiam ofícios e praticavam a agricultura. No entanto, essa situação acarretou certa vulnerabilidade aos índios que não tinham anticorpos/ resistência às doenças que não tinham contato até então.

O processo de povoamento e ocupação do Brasil ocorreu, primeiramente, no litoral, devido ao posicionamento geográfico estratégico, e apenas anos depois, o processo teve início no interior do país.

No ano de 1516, o explorador Juan Díaz de Solís desembarcou na ilha de São Francisco do Sul, quando buscava um caminho para as ilhas Molucas¹⁰, na costa oriental da Ásia, estabelecendo, assim, os primeiros povoados. Com a criação das Capitanias Hereditárias, nos anos 1530, parte do atual território de Santa Catarina foi doado a Pero de Sousa Lopes, que pouco fez para a colonização do estado. O litoral, entretanto, recebeu alguns desterrados, desertores e náufragos, que habitavam entre os índios e davam apoio aos navios de passagem para a região do Rio da Prata.

O território paranaense foi explorado pelos europeus desde o início do século XVI, tendo sempre como ponto de partida o litoral atlântico, explica Wachowicz (2002). O primeiro europeu a percorrer toda a extensão deste território foi o bandeirante Aleixo Garcia. Ainda no início do século XVI, os portugueses criaram duas capitanias sobre o litoral paranaense. A primeira, a Capitania de São Vicente, oferecida a Martim Afonso de Souza em 1532, na região compreendida entre a Barra de Paranaguá e a de Bertioga. A segunda, a Capitania de Sant'Ana, oferecida a Pero Lopes de Souza em 1535, desde a Barra de Paranaguá até onde fosse legítima pelo Tratado de Tordesilhas; mas, referências históricas, datadas de 1540, atestam a existência de moradores na baía de Paranaguá vindos de Cananéia e São Vicente.

Em 1541, Dom Alvarez Nuñez Cabeza de Vaca, partindo da Ilha de Santa Catarina, seguiu em direção a oeste, tomando posse simbólica deste território em nome da Espanha. Neste momento, a Coroa Espanhola criou cidades a fim de assegurar o seu território determinado pelo Tratado de Tordesilhas (WACHOWICZ, 2002).

No ano de 1554, foi criada a primeira povoação europeia em território paranaense, a vila de Ontiveros, localizada às margens do rio Paraná. Dois anos depois, o povoamento se transferiu para perto da foz do rio Piquiri, recebendo o nome de

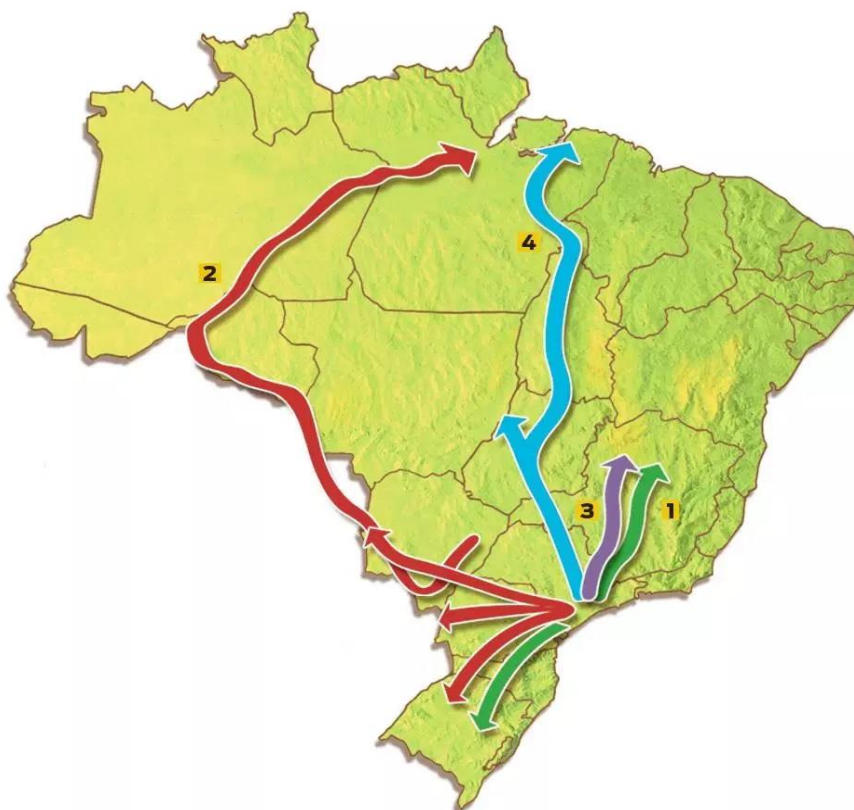
¹⁰ Arquipélago da Insulíndia que faz parte da Indonésia, localizado entre Celebes e a Nova Guiné.

Ciudad Real del Guairá - hoje município de Terra Roxa -, que juntamente com Vila Rica do Espírito Santo formou a província de Vera ou do Guairá.

Dentre as primeiras referências sobre a presença portuguesa no litoral paranaense, consta uma bandeira cativadora de índios no ano de 1585, a primeira lançada pelos paulistas. Essa bandeira foi chefiada por Jerônimo Leitão, Capitão-Mor de São Vicente, que deu continuidade à ação predadora nos anos subsequentes. Seu sucessor, Manoel Soeiro, e os outros bandeirantes continuaram as excursões até a drástica redução da população indígena no litoral sul (MUSEU PARANAENSE, s. p.).

O bandeirismo realizou o desbravamento do território e ocorreu em três grandes ciclos: caça ao índio, sertanismo de contrato e grande ciclo do ouro. Seguindo o curso dos grandes rios, as bandeiras costumavam iniciar suas viagens percorrendo o rio Tietê, no estado de São Paulo. Rumo ao sul, algumas chegaram até o Uruguai, como apresentamos na figura 6.

Figura 6 – Rotas dos bandeirantes



Fonte: Revista Abril, disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-uma-expedicao-dos-bandeirantes/>. Acesso em: 16 jan. 2019.

Na figura 6, encontram-se os caminhos trilhados por Fernão Dias Pais (cerca de 1608-1681) na rota 1, Raposo Tavares (1598-1658) na rota 2, Manuel de Borba Gato (1649-1718) na rota 3 e Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera (1672-1740) na rota 4.

No ano de 1608, foi criada a Província del Guairá, território a oeste do Tratado de Tordesilhas. Nesta região, foram implantadas 13 reduções jesuíticas. A economia mineradora instalada na região paranaense na primeira metade do século XVII, fundamentada no trabalho do cativo indígena, consolidou a ocupação portuguesa no litoral do estado do Paraná. Conseqüentemente, após a concessão da primeira Sesmaria, em 1614, para Diogo de Unhate - considerado o primeiro proprietário português de terras paranaenses -, compreendendo terras situadas entre as barras de Ararapira e Superagüi, outras três Sesmarias foram concedidas na região de Antonina.

Todavia, no século XVII e meados do século XVIII, os bandeirantes chegaram naquelas aldeias e começaram a aprisionar alguns indígenas que, conseqüentemente, começaram a fugir ou, ainda, foram dizimados, afirma Knorst (2011).

Com o passar do tempo, muitos bandeirantes que, a princípio, se dedicavam a capturar os indígenas, se estabeleceram em terras da Região Sul e foram se integrando ao comércio ali praticado. A principal consequência da entrada dos bandeirantes vicentistas nas terras de Santa Catarina foi a aglomeração de pessoas e, posteriormente, a fundação dos primeiros povoados. Assim, a ocupação e colonização da ilha de Santa Catarina tomou força quando o bandeirante Francisco Dias Velho partiu de São Paulo, em 1672, com grande comitiva para fundar um povoado na ilha. Na região escolhida já havia uma igrejinha dedicada à Nossa Senhora do Desterro. Assim, surgiram as três primeiras fundações do território catarinense: Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco, Santo Antonio dos Anjos de Laguna e Nossa Senhora do Desterro, dando origem à atual cidade de Florianópolis (SANTA CATARINA, s.a.).

Na primeira metade do século XVII, a ilha de Santa Catarina já abrigava uma missão jesuíta. Quando foram expulsos do Brasil, em 1759, a missão já contava com um colégio.

Em 1676, o vicentista Domingos de Brito Peixoto fundou o povoado de Santo Antônio dos Anjos de Laguna. Em 1680, Laguna tornou-se um importante entreposto comercial para as embarcações portuguesas que iam ao Rio da Prata. Os conflitos naquela área, com os espanhóis, forçaram os brasileiros a abrir caminhos por terra, no

início do século XVIII, desde Sacramento até Laguna, onde embarcavam suas mercadorias para outros lugares do Brasil (SANTA CATARINA, s.a.).

Portugal, que almejava ampliar seu domínio até o rio da Prata no Uruguai, fundou a Colônia do Sacramento em 1680. Com a fundação da cidade de Colônia do Sacramento nas margens do Rio da Prata, teve início uma rivalidade, que perdurou um século e meio, entre o império português e o espanhol. Esse conflito, permeado por guerras e tratados, prolongou-se até após a independência da Argentina e do Brasil e o reconhecimento da autonomia da República do Uruguai. Dessa forma, para melhor poder apoiar a sua base de colônia nas margens orientais do Rio da Prata, os lusos, comandados pelo brigadeiro Silva Paes, fundaram Rio Grande em 1737. Para afirmar sua presença definitiva, distribuíram estâncias entre os oficiais portugueses.

O Rio Grande do Sul foi, desde o final do século XVIII, uma fronteira caracterizada pela disputa militar, de guerras e de arranjos diplomáticos. Esse cenário conflituoso estendeu-se até o século XIX.

Com a abertura do caminho do Viamão, em 1731, a criação e a invernagem de gado, dá-se início à principal atividade econômica paranaense do século XVIII: o tropeirismo. Ao longo do caminho do Viamão, organizaram-se pousos, invernadas e freguesias, como as de Sant'Ana do Iapó e de Santo Antônio da Lapa, originando vilas e futuras cidades do Paraná Tradicional. Com base nessa atividade, foram ocupados os Campos de Curitiba, os Campos Gerais (WACHOWICZ, 2002). A atividade tropeira teve fundamental participação no desenvolvimento catarinense.

Em 1737, foi fundado o presídio do Porto do Rio Grande de São Pedro, na linha de defesa da Colônia do Sacramento, movimento liderado por José da Silva Paes. Na sequência, o Conselho Ultramarino sugeriu ao rei o transporte de casais açorianos das ilhas para os fortes de defesa de São Pedro do Rio Grande.

Em Santa Catarina, o primeiro governador, o coronel José da Silva Paes, ocupou a posição de 1739 a 1748, devendo-se a sua iniciativa grandes obras e empreendimentos que transformaram Santa Catarina de um ajustamento de pequenas vilas sem maiores afinidades entre si numa verdadeira capitania, afirma Knorst (2011). O então governador preocupou-se em trazer pessoas, entre elas imigrantes, da Ilha de Açores e Madeira, para povoar o território catarinense e, assim, os nativos foram sendo esquecidos e desaparecendo do alvo dos colonizadores.

Farias (2001, p. 60) explica que “quando da criação da capitania, em 1738, moravam pouco mais de 2000 luso-brasileiros em toda a extensão das três vilas existentes, no final do século XVIII esta população era de 23865 habitantes”. Neste sentido, Cabral (1994, p. 61) assevera que

Merece especial destaque o estudo do povoamento de Santa Catarina pelos casais açorianos, pois, como ficou dito, não só contribuíram eles para o aumento da insignificante população existente como porque emprestaram à terra os caracteres básicos da sua cultura, dando à gente catarinense uma feição inconfundível.

Assim, os açorianos trouxeram características culturais e, logo, linguísticas. A imigração açoriana para a Santa Catarina ocorreu, principalmente, de 1747 a 1756, praticamente uma década, por isso a capitania sofreu uma explosão demográfica, surgindo vários blocos de novos povoamentos e aumentando o número populacional do território catarinense. Destacamos, ainda, a prosperidade dos açorianos, visto que, em 1779, eles contavam com 5.191 escravos, ou seja, 21,75% do total de civis (FERREIRA, 2011).

Em 13 de janeiro de 1750, foi celebrado o Tratado de Madrid entre Portugal e Espanha, estabelecendo as fronteiras naturais e, enfim, a Colônia do Sacramento é permutada pelos Sete Povos das Missões. O território, então pertencente ao governo lusitano, deveria ser povoado, contudo, a população disponível para ir ao encontro da fronteira natural era aquela formada pelos casais açorianos. A Coroa recomendou ao governador da Ilha de Santa Catarina que só enviasse casais para o Rio Grande do Sul depois de povoada a Ilha de Santa Catarina, explica Espírito Santo (1997).

No ano de 1751, houve a chegada da primeira leva de açorianos no Rio Grande do Sul. Até o ano de 1754, cerca de 1273 açorianos aportaram na Vila de Rio Grande, em trânsito para as Missões. Em 1752, 60 dos casais instalados na Vila do Rio Grande são conduzidos para o Porto de Viamão, na Sesmaria de Gerônimo de Ornellas. Seis anos mais tarde, o lugar já era conhecido como Porto dos Casais, hoje, Porto Alegre. Neste mesmo ano, foi construído o forte Jesus, Maria, José. Santo Amaro foi fortificada e alguns ilhéus foram levados lá, para o trabalho de apoio. Em 16 de maio de 1756, a redução de São Miguel é destruída e as Missões são ocupadas, afirma Espírito Santo (1997).

Os tropeiros passavam com suas tropas pela Serra do Rio do Rastro, em Santa Catarina, movimentação importante para que, em 1771, fosse fundada a Vila Nossa

Senhora dos Prazeres, que oferecia suporte ao trabalho dos tropeiros e de onde se iniciou o povoamento do planalto (SILVEIRA, 2015).

A questão da posse dos territórios do sul do Brasil foi tratada em vários acordos, como os Tratados de Madrid, em 1750, e de Santo Ildefonso, em 1777. A execução dos acordos, entretanto, sempre contava com empecilhos e normalmente não era completa.

Em junho de 1801, estabeleceu-se a paz entre Portugal e Espanha, o que permitiu a Portugal estender definitivamente as suas fronteiras ao sul do Brasil. As Missões conquistadas e a fronteira oeste do Rio Grande do Sul dilatada. Os campos neutrais entre o Taim e o Chuí e a faixa de terra entre os rios Piratini e Jaguarão foram ocupados e as famílias açorianas rumavam ao Sete Povos.

Os alemães chegaram ao Rio Grande do Sul a partir de 1824 e se instalaram na antiga Feitoria do Linho Cânhamo. Alguns foram trazidos como mercenários para lutar na Guerra Cisplatina, mas a maioria era composta de lavradores que receberam pequenos lotes de terras. No ano de 1829, chegaram, no estado do Paraná, os alemães e se instalaram na Lapa e Rio Negro.

Somente a partir do século XIX, o povoamento da região sul se intensificou com a colaboração de políticas de povoamento motivadas pelo governo brasileiro a fim de impulsionar o desenvolvimento da região. A política consistia em conceber glebas de terra aos europeus a fim de formar colônias agrícolas, nas quais desenvolviam agricultura e pecuária, atividades que tiveram papel fundamental no processo de ocupação da região sul. Destacamos, todavia, que a ocupação nos estados não ocorreu de forma homogênea devido às diferentes condições do relevo e da vegetação.

No século XIX, os Campos de Guarapuava e Palmas se formaram devido ao tropeirismo, o qual se esgotara na década de 1870 em consequência do aparecimento das estradas de ferro, as quais fizeram com que os animais de carga perdessem sua função econômica. Neste momento, foram estabelecidas 34 colônias em Campo Largo, Araucária, Curitiba, São Mateus do Sul, Rio Negro, Paranaguá, Contenda, Palmeira, São João do Triunfo, União da Vitória, Guarapuava, Prudentópolis e Marechal Mallet.

No século XX, com a estrada de ferro que interligava os estados de São Paulo até Rio Grande do Sul, houve a possibilidade de ocupar outras áreas.

Em 1916, chegaram os primeiros colonos holandeses e japoneses. Em 1930, iniciou-se um processo novo de ocupação territorial no Paraná nas regiões Sudoeste e Extremo Oeste por parte migrantes vindos do Rio Grande do Sul e, principalmente, de

Santa Catarina que implantam o regime de pequenas propriedades e a policultura, predominantemente de cereais e oleaginosas. Também se dedicavam à criação de suínos. Deste modo, nos anos de 1960, toda a região estava ocupada.

Em síntese, a região sul do Brasil é a que detém o menor espaço geográfico dentre todas, sendo constituída por três estados - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul -, que ocupam uma área de 576.773,368 km², de acordo com o IBGE¹¹. O contingente populacional sul brasileiro também é significativo, pois segundo o Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a região sul possui 27.386.891 habitantes. Distribuídos da seguinte forma: Rio Grande do Sul – 10.693.929 habitantes, Santa Catarina – 6.248.436 habitantes e Paraná – 10.444.526 habitantes.

Os estados sulistas apresentam bons indicadores de saúde, taxa de mortalidade, qualidade de vida e educação, além de deter a segunda melhor renda *per capita*, inferior apenas ao sudeste. Os estados do sul estão entre os seis melhores na média do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH): Santa Catarina 0,840 (2º posição no ranking nacional), Rio Grande do Sul 0,830 (5º posição) e Paraná 0,820 (6º posição).

Seus estados fazem fronteira com Uruguai, Argentina, Paraguai, Região Centro-Oeste e Região Sudeste. A região possui duas regiões metropolitanas que se destacam: a Grande Porto Alegre e Curitiba. Há, também, cidades médias de grande relevância dentro da região, como Londrina e Maringá, localizadas na região norte do estado do Paraná.

¹¹ IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial.html>. Acesso em: 17 ago. 2018.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de alcançar os objetivos propostos, fundamentamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008) e da Geolinguística Pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1996). Neste capítulo, mostramos a metodologia utilizada nesta tese, a qual se alicerça na metodologia do projeto Atlas Linguístico do Brasil que será explicitada a seguir.

5.1 PERFIL DOS INFORMANTES

Nos estudos geolinguísticos, o perfil do informante tem papel fundamental na definição metodológica. Chambers e Trudgill (1988) atestam que o perfil indicado é composto por um indivíduo habitante da zona rural, de sexo masculino, mais velho, que não tenha saído de sua região, características resumidas por meio da sigla NORMs, do inglês, *nonmobile, older, rural males*. O correspondente no português é HARAS, sigla que se refere ao indivíduo homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário, como destaca Zágari (2005). A seleção do corpus de uma pesquisa é etapa fundamental para a fidelidade e veracidade do trabalho, conforme afirma Mota (2004). Neste sentido, Serafim da Silva Neto define que o informante selecionado deve:

ser pessoa do lugar, filho de gente do lugar [...]; se casado, deve ser a esposa também do lugar [...]; ser iletrado se possível analfabeto [...]; não ser viajado, não ter feito o serviço militar [...]; ser agricultor, filho de agricultor [...]; ter entre 30 e 50 anos de idade (SILVA NETO, 1955, p. 28-29).

Esse perfil almejado pelas pesquisas geolinguísticas é traçado na intenção de garantir que o falar seja representativo da localidade em questão, isto é, para fugir de interferências de outros padrões linguísticos.

A definição das características dos informantes do ALiB fundamentou-se em toda a experiência das pesquisas geolinguísticas, além disso, baseou-se nas novas orientações fundamentadas na sociolinguística, o que levou a considerar, também, o perfil social dos falantes, destaca Castro (2009). Assim, como o ALiB visa a

pluridimensionalidade, estipulou a distribuição por sexo, faixa etária e escolaridade para compor o perfil dos informantes, explicam Mota e Cardoso (2009).

Em cada uma das 225 localidades do interior investigadas pelo projeto, foram entrevistados quatro informantes, distribuídos equitativamente pelas variáveis sexo (dois homens e duas mulheres), faixa etária (faixa I de 18 a 30 anos e faixa II de 50 a 65 anos), todos de nível fundamental de escolaridade. Já 25 capitais, além dos informantes de nível fundamental, incluem-se mais quatro do mesmo perfil, porém, de nível superior, como descrevem Mota (2004) e Castro (2009). O quadro 2 apresenta o perfil dos informantes do ALiB.

Quadro 2 – Perfil dos informantes

Informante	Escolaridade	Faixa Etária	Sexo
01	Fundamental	I (18 a 30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18 a 30 anos)	Feminino
03	Fundamental	I (18 a 30 anos)	Masculino
04	Fundamental	I (18 a 30 anos)	Feminino
05	Superior	II (50 a 65 anos)	Masculino
06	Superior	II (50 a 65 anos)	Feminino
07	Superior	II (50 a 65 anos)	Masculino
08	Superior	II (50 a 65 anos)	Feminino

Fonte: Banco de dados da tese com base no Atlas Linguístico do Brasil (2014)

Destacamos, ainda, que a análise dos dados relacionados à escolaridade ocorrerá por meio de percentual e não de números absolutos, dada a discrepância de informantes dos dois níveis, uma vez que apenas 12 deles, sendo quatro de cada capital, possuem nível superior de escolaridade, conforme metodologia definida pelo projeto ALiB.

Além do resumo do perfil dos informantes exposto no quadro 2, na ata da XI reunião do Comitê Nacional, de 11 a 15 de novembro de 2002, são apresentados mais detalhes acerca do perfil dos informantes. Em relação à escolaridade, destacamos a preferência por informantes com, no máximo, quatro anos de escolaridade, todavia, devido à dificuldade em encontrar esse perfil em determinadas localidades, especialmente na faixa etária I (18 a 30 anos), admitiram-se informantes que tenham

cursado mais do que quatro anos, desde que não tenham completado o Ensino Fundamental.

Em relação à idade, no intuito de facilitar a seleção de informantes da primeira faixa etária, foi aceito um limite de tolerância de seis meses para menos ou para mais, significando que a faixa etária I passa a ser de 17 anos e seis meses até 30 anos e seis meses. Ainda, Mota e Cardoso (2009) destacam, que devido à vasta migração em determinados pontos, aceitou-se também a inclusão de informantes que tenham vivido algum tempo fora da localidade, desde que o afastamento não ultrapasse 1/3 de sua vida, não se situasse em seus primeiros anos de vida e não coincidissem com a fase de aquisição da língua ou os anos imediatamente anteriores à entrevista.

Além das características supracitadas, o falante deve: i) ser natural da localidade investigada; ii) possuir pais (e, se possível, cônjuges) também naturais dessa localidade; iii) não ter se afastado da localidade por mais de um terço de sua vida; iv) ser desenvolvido e comunicativo; v) não ter realizado muitas viagens; vi) apresentar boas condições de fonação. A obediência a esses pontos visa encontrar o falar mais característico das localidades observadas, tendo o mínimo de influências externas que for possível. Trata-se da enculturação total apresentada por Spradley (1979), que se direciona à total inserção do indivíduo dentro dos valores e comportamentos característicos de determinada cultura.

Uma inovação do ALiB foi a investigação em áreas urbanas, diferentemente do que é apontado em outras pesquisas dialetais, a justificativa está respaldada na nova configuração do Brasil em que grande parte da população está alocada nas zonas urbanas. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015, a maior parte da população brasileira, 84,72%, vive em áreas urbanas e apenas 15,28% dos brasileiros vivem em áreas rurais.

Para garantir a adequação do informante à pesquisa, parte essencial é o preenchimento da “ficha do informante” antes do início da entrevista, explica Mota (2004). Trata-se de um questionário dividido em duas partes, sendo a primeira para verificação de dados dos informantes e a segunda preenchida pelo inquiridor sobre suas impressões acerca do entrevistado.

Figura 7 – Modelo de ficha do informante do ALiB

		Projeto Atlas Linguístico do Brasil Ficha do Informante No. do ponto: _____ No. informante: _____	
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE			
1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. M B. F	5. IDADE:	
6. ENDEREÇO:			
7. ESTADO CIVIL: <u>A.</u> solteiro B. casado C. viúvo D. outro			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:			
11. ESCOLARIDADE		12. OUTROS CURSOS: A. especialização B. profissionalizante C. <u>outros culinária, informática</u>	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:		14. FOI CRIADO PELOS PROPRIOS PAIS? A. sim B. não	
		15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:	

Fonte: Atlas Linguístico do Brasil

A ficha do informante (anexo 2) traz dados que colaboram com a análise das variáveis sociais. Dentre os dados, destacamos a naturalidade de pai e de mãe, variável que colabora com a análise diatópica dos dados. Dessa forma, apresentamos no quadro 3 a naturalidade dos pais de cada informante.

Quadro 3 – Naturalidade dos pais dos informantes

Ponto	Localidade	Informante	Mãe	Pai
207	Nova Londrina	1	Nova Londrina	Minas Gerais
207	Nova Londrina	2	Nova Londrina	Nova Londrina
207	Nova Londrina	3	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
207	Nova Londrina	4	São Paulo	São Paulo
208	Londrina	1	Londrina	Mato Grosso
208	Londrina	2	São Paulo	São Paulo

208	Londrina	3	São Paulo	Minas Gerais
208	Londrina	4	São Paulo	Argentina
209	Terra Boa	1	São Paulo	São Paulo
209	Terra Boa	2	Terra Boa	Terra Boa
209	Terra Boa	3	São Paulo	São Paulo
209	Terra Boa	4	São Paulo	São Paulo
210	Umuarama	1	Umuarama	Umuarama
210	Umuarama	2	Umuarama	Umuarama
210	Umuarama	3	Umuarama	Umuarama
210	Umuarama	4	Umuarama	Umuarama
211	Tomazina	1	São Paulo	Santa Catarina
211	Tomazina	2	Tomazina	Tomazina
211	Tomazina	3	Minas Gerais	Tomazina
211	Tomazina	4	Tomazina	Minas Gerais
212	Campo Mourão	1	Minas Gerais	Paraná
212	Campo Mourão	2	Não consta	Não consta
212	Campo Mourão	3	Paraná	Paraná
212	Campo Mourão	4	Paraná	Santa Catarina
213	Cândido de Abreu	1	Cândido de Abreu	Cândido de Abreu
213	Cândido de Abreu	2	Paraná	Paraná
213	Cândido de Abreu	3	Paraná	Paraná
213	Cândido de Abreu	4	Cândido de Abreu	Cândido de Abreu
214	Piraí do Sul	1	Piraí do Sul	Piraí do Sul
214	Piraí do Sul	2	Piraí do Sul	Piraí do Sul
214	Piraí do Sul	3	Paraná	Paraná
214	Piraí do Sul	4	Piraí do Sul	Piraí do Sul
215	Toledo	1	Santa Catarina	Santa Catarina
215	Toledo	2	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul
215	Toledo	3	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul
215	Toledo	4	Santa Catarina	Santa Catarina

216	Adrianópolis	1	Adrianópolis	Adrianópolis
216	Adrianópolis	2	Adrianópolis	Adrianópolis
216	Adrianópolis	3	Paraná	Paraná
216	Adrianópolis	4	São Paulo	Paraná
217	São Miguel do Iguaçu	1	Rio Grande do Sul	Santa Catarina
217	São Miguel do Iguaçu	2	Rio Grande do Sul	Não consta
217	São Miguel do Iguaçu	3	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul
217	São Miguel do Iguaçu	4	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul
218	Imbituva	1	Imbituva	Imbituva
218	Imbituva	2	Imbituva	Imbituva
218	Imbituva	3	Imbituva	Imbituva
218	Imbituva	4	Imbituva	Imbituva
219	Guarapuava	1	Guarapuava	Guarapuava
219	Guarapuava	2	Guarapuava	Guarapuava
219	Guarapuava	3	Guarapuava	Guarapuava
219	Guarapuava	4	Guarapuava	Guarapuava
220	Curitiba	1	Curitiba	Curitiba
220	Curitiba	2	Curitiba	Curitiba
220	Curitiba	3	Curitiba	Não consta
220	Curitiba	4	Polônia	Polônia
220	Curitiba	5	Curitiba	Curitiba
220	Curitiba	6	Curitiba	Curitiba
220	Curitiba	7	Curitiba	Curitiba
220	Curitiba	8	Curitiba	Curitiba
221	Morretes	1	Morretes	Morretes
221	Morretes	2	Morretes	Morretes
221	Morretes	3	Morretes	Morretes
221	Morretes	4	Morretes	Morretes

222	Lapa	1	Lapa	Lapa
222	Lapa	2	Lapa	Lapa
222	Lapa	3	Lapa	Lapa
222	Lapa	4	Lapa	Lapa
223	Barracão	1	Não consta	Não consta
223	Barracão	2	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul
223	Barracão	3	Santa Catarina	Santa Catarina
223	Barracão	4	Santa Catarina	Rio Grande do Sul
224	Porto União	1	Porto União	Porto União
224	Porto União	2	Porto União	Porto União
224	Porto União	3	Porto União	Porto União
224	Porto União	4	Porto União	Porto União
225	São Francisco do Sul	1	São Francisco do Sul	São Francisco do Sul
225	São Francisco do Sul	2	São Francisco do Sul	São Francisco do Sul
225	São Francisco do Sul	3	São Francisco do Sul	São Francisco do Sul
225	São Francisco do Sul	4	São Francisco do Sul	São Francisco do Sul
226	São Miguel do Oeste	1	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul
226	São Miguel do Oeste	2	São Miguel do Oeste	São Miguel do Oeste
226	São Miguel do Oeste	3	Santa Catarina	Santa Catarina
226	São Miguel do Oeste	4	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul
227	Blumenau	1	Blumenau	Blumenau
227	Blumenau	2	Blumenau	Blumenau

227	Blumenau	3	Blumenau	Blumenau
227	Blumenau	4	Blumenau	Blumenau
228	Itajaí	1	Itajaí	Itajaí
228	Itajaí	2	Itajaí	Itajaí
228	Itajaí	3	Itajaí	Itajaí
228	Itajaí	4	Itajaí	Itajaí
229	Concórdia	1	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul
229	Concórdia	2	Santa Catarina	Santa Catarina
229	Concórdia	3	Não consta	Não consta
229	Concórdia	4	Itália	Itália
230	Florianópolis	1	Florianópolis	Florianópolis
230	Florianópolis	2	Florianópolis	Florianópolis
230	Florianópolis	3	Florianópolis	Florianópolis
230	Florianópolis	4	Florianópolis	Florianópolis
230	Florianópolis	5	Florianópolis	Florianópolis
230	Florianópolis	6	Florianópolis	Florianópolis
230	Florianópolis	7	Florianópolis	Florianópolis
230	Florianópolis	8	Florianópolis	Florianópolis
231	Lages	1	Lages	Não consta
231	Lages	2	Lages	Lages
231	Lages	3	Lages	Lages
231	Lages	4	Lages	Lages
232	Tubarão	1	Tubarão	Tubarão
232	Tubarão	2	Tubarão	Tubarão
232	Tubarão	3	Tubarão	Tubarão
232	Tubarão	4	Tubarão	Tubarão
233	Criciúma	1	Criciúma	Não consta
233	Criciúma	2	Criciúma	Criciúma
233	Criciúma	3	Criciúma	Criciúma
233	Criciúma	4	Criciúma	Criciúma
234	Três Passos	1	Três Passos	Três Passos

234	Três Passos	2	Três Passos	Três Passos
234	Três Passos	3	Três Passos	Três Passos
234	Três Passos	4	Três Passos	Três Passos
235	Erechim	1	Não consta	Não consta
235	Erechim	2	Não consta	Não consta
235	Erechim	3	Não consta	Não consta
235	Erechim	4	Não consta	Não consta
236	Passo Fundo	2	Passo Fundo	Passo Fundo
236	Passo Fundo	3	Passo Fundo	Passo Fundo
236	Passo Fundo	4	Passo Fundo	Passo Fundo
237	Vacaria	1	Vacaria	Vacaria
237	Vacaria	2	Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul
237	Vacaria	3	Vacaria	Vacaria
237	Vacaria	4	Vacaria	Vacaria
238	Ijuí	1	Ijuí	Ijuí
238	Ijuí	2	Ijuí	Ijuí
238	Ijuí	3	Ijuí	Ijuí
238	Ijuí	4	Ijuí	Ijuí
239	São Borja	1	Não consta	Não consta
239	São Borja	2	Não consta	Não consta
239	São Borja	3	Não consta	Não consta
239	São Borja	4	Não consta	Não consta
240	Flores da Cunha	1	Não consta	Não consta
240	Flores da Cunha	2	Não consta	Não consta
240	Flores da Cunha	3	Não consta	Não consta
240	Flores da Cunha	4	Não consta	Não consta
241	Santa Cruz do Sul	1	Não consta	Não consta
241	Santa Cruz do Sul	2	Não consta	Não consta
241	Santa Cruz do Sul	3	Não consta	Não consta
241	Santa Cruz do Sul	4	Não consta	Não consta
242	Santa Maria	1	Não consta	Não consta

242	Santa Maria	2	Não consta	Não consta
242	Santa Maria	3	Não consta	Não consta
242	Santa Maria	4	Não consta	Não consta
243	Porto Alegre	1	Porto Alegre	Porto Alegre
243	Porto Alegre	2	Porto Alegre	Porto Alegre
243	Porto Alegre	3	Porto Alegre	Porto Alegre
243	Porto Alegre	4	Porto Alegre	Porto Alegre
243	Porto Alegre	5	Não consta	Não consta
243	Porto Alegre	6	Não consta	Não consta
243	Porto Alegre	7	Não consta	Não consta
243	Porto Alegre	8	Não consta	Não consta
244	Osório	1	Não consta	Não consta
244	Osório	2	Não consta	Não consta
244	Osório	3	Não consta	Não consta
244	Osório	4	Não consta	Não consta
245	Uruguaiana	1	Não consta	Não consta
245	Uruguaiana	2	Não consta	Não consta
245	Uruguaiana	3	Não consta	Não consta
245	Uruguaiana	4	Não consta	Não consta
246	Caçapava do Sul	1	Não consta	Não consta
246	Caçapava do Sul	2	Não consta	Não consta
246	Caçapava do Sul	3	Não consta	Não consta
246	Caçapava do Sul	4	Não consta	Não consta
247	Santana do Livramento	1	Não consta	Não consta
247	Santana do Livramento	2	Não consta	Não consta
247	Santana do Livramento	3	Não consta	Não consta
247	Santana do Livramento	4	Não consta	Não consta
248	Bagé	1	Não consta	Não consta

248	Bagé	2	Não consta	Não consta
248	Bagé	3	Não consta	Não consta
248	Bagé	4	Não consta	Não consta
249	São José do Norte	1	Não consta	Não consta
249	São José do Norte	2	Não consta	Não consta
249	São José do Norte	3	Não consta	Não consta
249	São José do Norte	4	Não consta	Não consta
250	Chuí	1	Chuí	Chuí
250	Chuí	2	Chuí	Chuí
250	Chuí	3	Chuí	Chuí
250	Chuí	4	Uruguai	Chuí

Fonte: Banco de dados da tese com base no Atlas Linguístico do Brasil (2014)

Nesse sentido, destacamos que não houve precisão no registro da naturalidade de pai e mãe. Isso justifica a diferença na apresentação dos dados, uma vez que alguns informantes referiram-se ao estado, enquanto outros, à cidade. Ainda, há pontos em que não consta essa informação.

5.2 A ÁREA GEOGRÁFICA ESTUDADA

A rede de pontos do ALiB conta com um total de 250 localidades distribuídas por todo o território brasileiro e é, inevitavelmente, menos densa do que a dos atlas regionais. As localidades foram selecionadas segundo critérios demográficos, históricos e culturais, além disso, foram consideradas a extensão de cada estado/região e a natureza de seu povoamento na delimitação do número de pontos da área, segundo Mota e Cardoso (2009).

Ao contrário do que tem sido feito tradicionalmente em trabalhos geolinguísticos, não foram considerados como prioritários alguns critérios como antiguidade e grau de isolamento com relação a centros mais desenvolvidos na região. Dessa forma, foram incluídas cidades de grande e médio porte, inclusive todas as capitais. Apenas Brasília (Distrito Federal) e Palmas, capital de Tocantins, não foram pontos de inquérito, devido à recente formação.

Figura 8 – Rede de pontos do ALiB



Fonte: Projeto de Atlas Linguístico do Brasil.

Nesta tese, utilizamos dados dos três estados da Região Sul – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul –, perfazendo um total de 44 cidades brasileiras. Logo, contamos com os dados dos pontos:

Quadro 4 – Rede de pontos da Região Sul

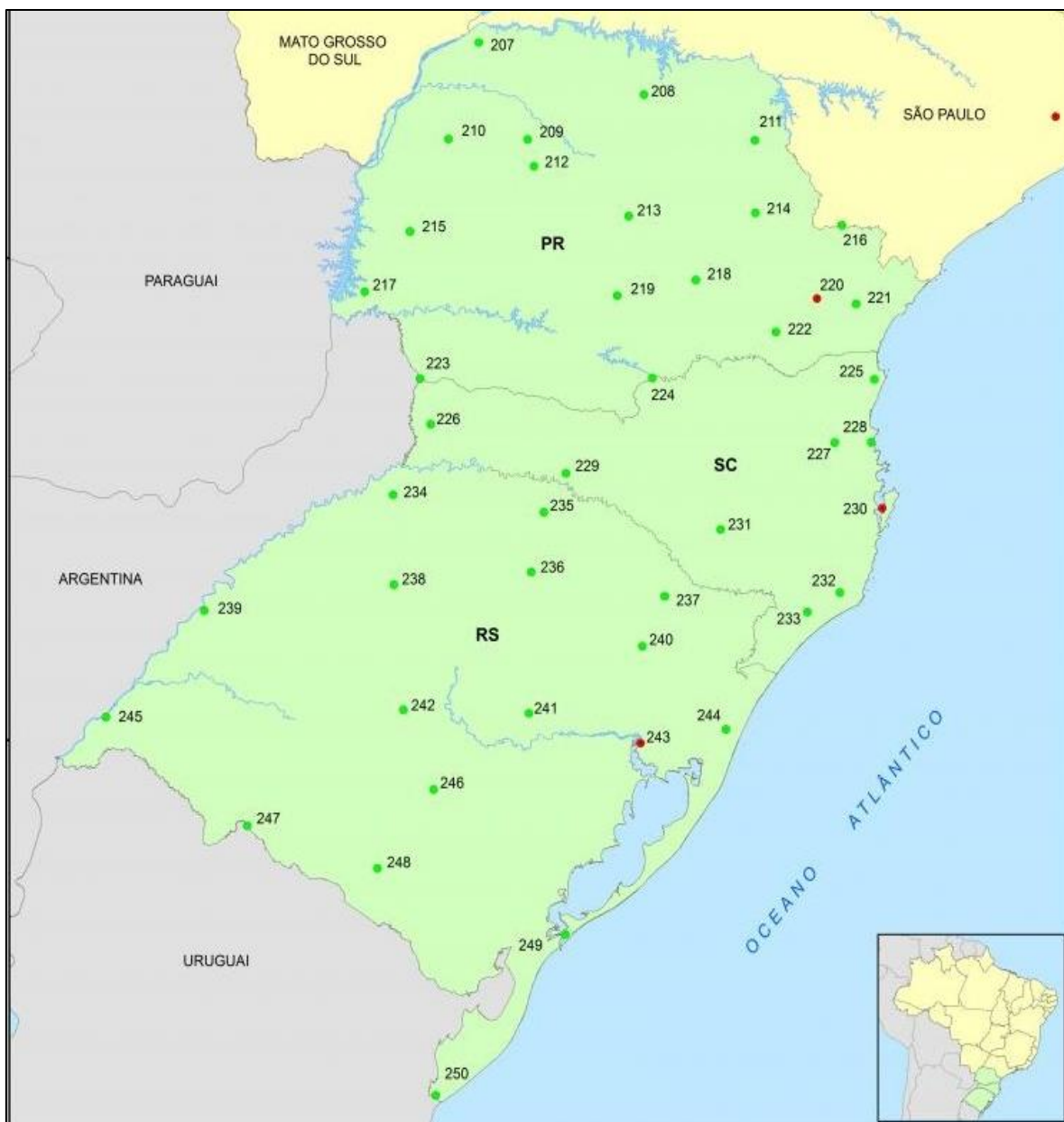
Ponto	Localidade	Estado	
207	Nova Londrina	Paraná	
208	Londrina		
209	Terra Boa		
210	Umuarama		
211	Tomazina		
212	Campo Mourão		
213	Cândido de Abreu		
214	Piraí do Sul		
215	Toledo		
216	Adrianópolis		
217	São Miguel do Iguaçu		
218	Imbituva		
219	Guarapuava		
220	Curitiba		
221	Morretes		
222	Lapa		
223	Barracão		
224	Porto União		Santa Catarina
225	São Francisco do Sul		
226	São Miguel do Oeste		
227	Blumenau		
228	Itajaí		
229	Concórdia		
230	Florianópolis		
231	Lages		
232	Tubarão		

233	Criciúma	
234	Três Passos	Rio Grande do Sul
235	Erechim	
236	Passo Fundo	
237	Vacaria	
238	Ijuí	
239	São Borja	
240	Flores da Cunha	
241	Santa Cruz do Sul	
242	Santa Maria	
243	Porto Alegre	
244	Osório	
245	Uruguaiana	
246	Caçapava do Sul	
247	Santana do Livramento	
248	Bagé	
249	São José do Norte	
250	Chuí	

Fonte: Banco de dados da tese com base no Atlas Lingüístico do Brasil (2014)

Os 44 pontos que compõem essa tese estão localizados conforme a figura 9

Figura 9 – Rede de pontos da Região Sul brasileira



Fonte: Site do projeto Atlas Linguístico do Brasil

5.3 A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: O QUESTIONÁRIO E AS QUESTÕES ESTUDADAS

Mota (2008) e Mota e Cardoso (2009) explicam que os questionários para a constituição do corpus contemplam os diferentes níveis da língua, subdividindo-se em

fonético-fonológico (QFF), semântico-lexical (QSL) e morfossintático (QMS) e, além desses, quatro questões de pragmática, seis perguntas metalinguísticas, quatro temas para discurso semidirigido e um texto para leitura.

Para a análise do fenômeno estudado, observamos a sua realização em respostas ao questionário fonético-fonológico do projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001). O QFF, que conta com 159 questões sobre os fatos fônicos e 11 questões de prosódia, visa identificar os fatos fônicos e coletar as variações na pronúncia dos itens, conforme explica Mota (2008). Nosso estudo, que verifica a vogal média postônica final anterior /e/, voltou-se à análise de 12 questões, a saber:

Quadro 5 – Questões analisadas

Número	Item	Questão
30	Tomate	Aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho de macarrão?
39	Árvore	O que é que dá sombra nas ruas, no campo/ para o gado nos pastos?
49	Elefante	Um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (mímica)?
50	Peixe	O que é que se pesca nos rios, no mar?
55	Noite	Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a?
62	Tarde	Qual é o contrário de cedo?
65	Catorze/quatorze	O que vem depois do treze?
78	Deve	Você/o (a) senhor (a) tomou/pediu emprestado 500 reais a alguém e não pagou. A pessoa vai a você/ ao senhor / à senhora e diz: Fulano, você me ___ 500 reais.
104	Inocente	Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?
116	Dente	E isto? <i>Apontar</i> .
144	Perfume	O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?
157	Hóspede	Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?

Fonte: Dados do Questionário do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001)

A partir do tratamento dos dados obtidos por meio do QFF, selecionamos os pontos onde encontramos ambas as formas, alçamento e manutenção, os quais são:

Quadro 6 – Localidades onde há as duas formas

Ponto	Localidade
213	Cândido de Abreu
214	Piraí do Sul
216	Adrianópolis
218	Imbituva
219	Guarapuava
220	Curitiba
221	Morretes
222	Lapa
223	Barracão
224	Porto União
227	Blumenau
229	Concórdia
231	Lages
234	Três Passos
235	Erechim
236	Passo Fundo
238	Ijuí
239	São Borja
240	Flores da Cunha
245	Uruguaiana

Fonte: Dados do banco de dados da tese com base no Questionário do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001)

Nesses pontos, observamos o comportamento da fala no discurso semidirigido e na leitura de texto, a fim analisar três estilos diferentes e verificar se a modalidade do discurso pode condicionar as respostas dos informantes, visto que Radtke e Thun (1996) destacam que essa variável é significativa aos estudos de variação linguística.

O questionário semidirigido do ALiB é composto por quatro questionamentos, a saber:

Quadro 7 – Questionário semidirigido

Questão	Questionamento
1	Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro)
2	De que programa de televisão você/ o senhor gosta mais? Por que?
3	Você / o senhor trabalha em que? Fale um pouco sobre seu trabalho.
4	Conte um caso / um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, eu tenha acontecido com um amigo)

Fonte: Baseado no Questionário do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001)

É neste momento do questionário que o informante tem maior possibilidade de se expressar livremente. Triviños (1987) explica que um questionário semidirigido fundamenta-se em questionamentos básicos atrelados aos objetivos e pressupostos teóricos da pesquisa e, a partir das respostas dos informantes, os questionamentos podem conduzir a novas perguntas e respostas, o que favorece a compreensão do fenômeno investigado, bem como contribui com a posição consciente e atuante do pesquisador durante o processo de coleta de informações. Manzini (1991) explica que o questionário semiestruturado tem as perguntas principais e, ao longo da entrevista, possibilita a adição de novos questionamentos que emergem das circunstâncias do momento, os quais contribuem para que o pesquisador obtenha informações mais livres e menos padronizadas. Dessa forma, a entrevista perpassa por caminhos em que o informante pode se sentir mais confortável a se expressar mais livremente, ocasionando, eventualmente, uma fala menos policiada.

Para possibilitar um contraste entre níveis de monitoramento da fala, observamos, ainda, a leitura de um texto previamente estabelecido e disponível, também, no questionário do ALiB. Trata-se da *Parábola dos sete vimes*.

Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer, chamou-os a todos e, depois de ter olhado inquieto e tristemente para o céu, disse-lhes:

_ Já não tendes mãe e eu sei que não posso durar muito; mas antes de morrer, desejo que cada um de vós me vá buscar, no Campo do Moinho, um vime seco.

_ Eu também? perguntou o mais novo – um garoto esbelto de quatro anos que estava, inocentemente, brincando ao sol com duas moedas num velho chapéu de feltro.

_ Tu também, Tiago.

Quando os filhos voltaram com os vimes, o pai pediu ao menor deles:

_ Quebra esse vime.

Ao ouvir isto, o pequeno partiu o vime sem nada lhe custar.

_ Agora parti os outros, um a um.

O menino obedeceu.

_Trazei-me, todos, outro vime! Tornou o pai, logo que viu o menino partir o último sem dificuldade alguma.

Quando os rapazes apareceram de novo, enfeixou os sete vimes soltos, atando-os com o fio.

_ Toma este feixe, Paulo. Parti-o! ordenou o pai ao filho mais velho – o homem mais valente da cidade.

Vendo que já lhe doíam as mãos de tanto se esforçar por partir o feixe, acrescentou:

_ Não foste capaz! O osso é duro de roer!

Todos os outros tentaram em vão.

_ Se fossem mil vimes em vez de sete, pior seria exclamou o pai. Quer sejam vimes ou corações, lembrai-vos sempre que a união faz a força. Se estiverdes sempre unidos, ninguém vos fará mal.

Ao acabar de dizer isto, morreu. Fiés ao bom conselho paterno, até o fim da vida, foram sempre felizes e fortes como leões, os sete irmãos desta história.

A seleção deste texto justifica-se pelo cunho neutro, ou seja, não deixa o leitor incomodado ou demasiadamente empolgado na leitura, além de apresentar várias vezes o fenômeno estudado nesta tese.

Para nossa análise, consideramos a realização da vogal média anterior no que tange à manutenção ou ao alçamento. Sabemos que há gradações na realização das vogais, no entanto, optamos por agrupar nas duas categorias, uma vez que não contamos com análise acústica das variantes, mas uma análise de oitiva. Desta forma, consideramos a manutenção das vogais média-baixa /e/ ou seu alçamento para a alta /i/.

Além disso, incluímos todas as respostas que apresentaram a vogal em contexto final, inclusive em respostas em que houve síncope – como *arvre* para árvore ou *hóspe* para hóspede – uma vez que o segmento estudado se manteve.

5.4 ARMAZENAMENTO DOS DADOS, TRANSCRIÇÃO E REVISÃO

O corpus que constitui esta tese é parte do material linguístico coletado pela equipe do projeto ALiB para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. As entrevistas foram

realizadas por inquiridores e, em relação à aplicação do questionário, na ata da XI reunião do Comitê Nacional, de 11 a 15 de novembro de 2002, foi explicitado que a reformulação das questões sem resposta fica a critério do inquiridor, o qual é responsável por buscar a maior eficiência praticável, sendo possível, portanto, retornar às perguntas não respondidas no final da entrevista. No entanto, Mota (2008) destaca a importância de o inquiridor observar a relação entre expressão e conteúdo na reformulação das questões, para que não se obtenham variantes diferentes das que se pretende documentar.

As gravações estão salvas em CDs e no computador central da sala de projetos, número 169, situada no Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina. Além desse acervo, há cópias em cada uma das universidades que compõem o projeto. A partir das gravações, foram realizadas transcrições grafemáticas, ou ortográficas, pela equipe do projeto.

Para os itens do questionário fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL), foi realizada transcrição fonética ampla¹² entre colchetes, seguindo a normatização metodológica estabelecida pelo ALiB, a qual se fundamenta, especialmente, no Alfabeto Fonético Internacional (IPA), instrumento que permite representar cada som da maneira mais fiel possível à realidade, afirma Aragão (2004). A figura 10 descreve o alfabeto fonético utilizado nesta tese.

¹² A transcrição fonética ampla é a mais indicada para trabalhos sem o instrumental acústico. Trata-se de uma transcrição mais abstrata do que a transcrição estreita, porém, mais adequada quando é utilizada apenas a percepção natural (isto é, oitiva) e não de equipamentos de acústica.

Figura 10 – Alfabeto Fonético Internacional (IPA)

THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (2005)

CONSONANTS (PULMONIC)

	Bilabial	Labio-dental	Dental	Alveolar	Post-alveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Epi-glottal	Glottal
Nasal	m	ɱ	n			ɳ	ɲ	ŋ	ɴ			
Plosive	p b	ɸ β	t d			ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ			
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	ħ ʕ	h ɦ
Approximant		ʋ	ɹ			ɻ	j	ɰ				
Trill	ʙ		r						ʀ		ʀ	
Tap, Flap		ⱱ	ɾ			ɽ						
Lateral fricative			ɬ ɮ		ɮ	ɬ	ɮ					
Lateral approximant			l		ɭ	ʎ	ʟ					
Lateral flap			ɺ		ɻ							

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a modally voiced consonant, except for murmured ɦ. Shaded areas denote articulations judged to be impossible. Light grey letters are unofficial extensions of the IPA.

Fonte: Disponível em: http://fonologia.org/arquivos/tb_ipa_chart.pdf. Acesso em: 26 jul. 2018.

Para a descrição do português brasileiro, o ALiB seleciona os seguintes sons constantes das transcrições, também considerados para este trabalho de doutoramento:

Quadro 8 - Consoantes do Português Brasileiro

		Ponto de articulação						
		Bilabial	Labio-dental	Dental ou Alveolar	Alveo-palatal	Palatal	Velar	Glotal
Vozeamento		Su/ So	Su / So	Su / So	Su / So	Su /So	Su /So	Su /So
Modo de Articulação	Oclusiva	p b		t d			k ɡ	
	Africada				tʃ dʒ			
	Fricativa		f v	s z	ʃ ʒ		x	h
	Nasal	m		n				
	Tepe			ʀ				
	Vibrante			r				
	Retroflexa			ɻ				
Lateral			l			ʎ	ɻ	

Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Além das anotações das consoantes para o português brasileiro, consideramos as vogais segundo Câmara Junior (1982), conforme apresentado na fundamentação teórica desta tese e cujo quadro 9 sintetiza.

Quadro 9 – Vogais do Português Brasileiro

	Anterior	Central	Posterior
	Não-arredondada		Arredondada
Alta	i		u
Média-alta	e		o
Média-baixa	E		ç
Baixa		a	

Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

O quadro 9 sintetiza as vogais, mas destacamos os glides, ou semivogais, j e w, os quais são considerados na transcrição fonética.

A partir da transcrição, foram realizadas duas revisões, por membros do projeto, para cada gravação. Sempre que possível, cada gravação deveria passar por três olhares diferentes, sendo: transcritor, revisor um e revisor dois. Além desse procedimento padrão do projeto ALiB, a autora desta tese realizou uma terceira revisão, desta vez, apenas dos itens componentes do corpus.

5.5 O TRATAMENTO DOS DADOS

A análise quantitativa tem fundamental relevância para os estudos de análise e descrição linguística, visto que é capaz de mensurar e apresentar dados, além de permitir a avaliação dos fatores condicionantes. Todavia,

as suas limitações são as do próprio linguista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. O progresso da ciência linguística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas (NARO, 2004, p. 25).

Desta forma, atestamos a importância de analisar os dados de maneira mais fidedigna possível, avaliando as preferências, bem como a contribuição dos fatores para a realização de determinada variante (NARO, 2004).

No intuito de realizar uma análise quantitativa confiável, a primeira etapa de organização dos dados consistiu em tabular os dados no editor de planilhas Excel, como apresentado na figura 11.

Figura 11 – Tabulação dos dados em planilha do Excel

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N
1		207/1	207/2	207/3	207/4	208/1	208/2	208/3	208/4	209/1	209/2	209/3	209/4	210/1
2	30. Tomate	to'matʃi	to'matʃi	to'matʃi	to'matʃi	to'matʃi	to'matʃi	to'matʃi	to'matʃi	to'matʃi	to'matʃi	to'matʃi	to'matʃi	tu'matʃi
3	39. Árvore	'aʃvi	'aʃvuʀi	'aʃvuʀi	'aʃvuʀi	'aʃvuʀi	'aʃvuʀi	'aʃvoʀi	'aʃvuʀi	'aʃvuʀi	'aʃvoʀi	'aʃvoʀi	'aʃvuʀi	'aʃvuʀi
4	49. Elefante	ele'fẽ	ele'fũʃi	ele'fũʃi	ele'fũʃi	ele'fũʃi	ele'fũʃi	ele'fũʃi	ele'fũʃi	ele'fũʃi	ele'fũʃi	ele'fũʃi	ele'fũʃi	ele'fũʃi
5	50. Peixe	'peʃi	'peʃi	'peʃi	'peʃi	'peʃiʃi	'peʃi	'peʃi	'peʃiʃi	'peʃi	'peʃi	'peʃi	'peʃi	'peʃi
6	55. Noite	'nojti	'nojti	'nojti	'nojti	'nojti	'nojti	'nojti	'nojti	'nojti	'nojti	'nojti	'nojti	'nojti
7	62. Tarde	'taʃdʒi	'taʃdʒi	'taʃdʒi	'taʃdʒi	'taʃdʒi	'taʃdʒi	'taʃdʒi	'taʃdʒi	'taʃdʒi	'taʃdʒi	'taʃdʒi	'taʃdʒi	'taʃdi
8	65. Quatorze	ka'toʃzi	ka'toʃzi	ka'toʃzi	ka'toʃzi	ka'toʃzi	ka'toʃzi	ka'toʃzi	ka'toʃzi	ka'toʃzi	ka'toʃzi	ka'toʃzi	ka'toʃzi	ka'toʃzi
9	78. Deve	'devi	'devi	'devi	'devi	'devi	'devi	Item N.Obt.	'devi	'devi	Item N.Obt.	'devi	'devi	'devi
10	104. Inocente	ino'sẽʃi	ino'sẽʃi	ino'sẽʃi	ino'sẽʃi	ino'sẽʃi	ino'sẽʃi	no'sẽʃi	ino'sẽʃi	ino'sẽʃi	no'sẽʃi	ino'sẽʃi	ino'sẽʃi	no'sẽʃi
11	116. Dente	Não form.	'dẽʃi	'dẽʃi	'dẽʃi	'dẽʃi	'dẽʃi	'dẽʃi	'dẽʃi	'dẽʃi	'dẽʃi	'dẽʃi	'dẽʃi	'dẽʃi
12	144. Perfume	peʃ'fumi	peʃ'fumi	peʃ'fumi	peʃ'fumi	peʃ'fumi	peʃ'fumi	peʃ'fumi	peʃ'fumi	peʃ'fumi	peʃ'fumi	peʃ'fumi	peʃ'fumi	peʃ'fumi
13	157. Hóspede	'ospidi	Não soube	'ospide	'ospidʒi	'ospidʒi	'ospidʒi	Item N.Obt.	'ospidʒi	'ospidʒi	'ospidʒi	'ospidʒi	'ospidʒi	'ospedʒi
14														

Fonte: Elaborado pela própria autora com base nos dados do ALiB

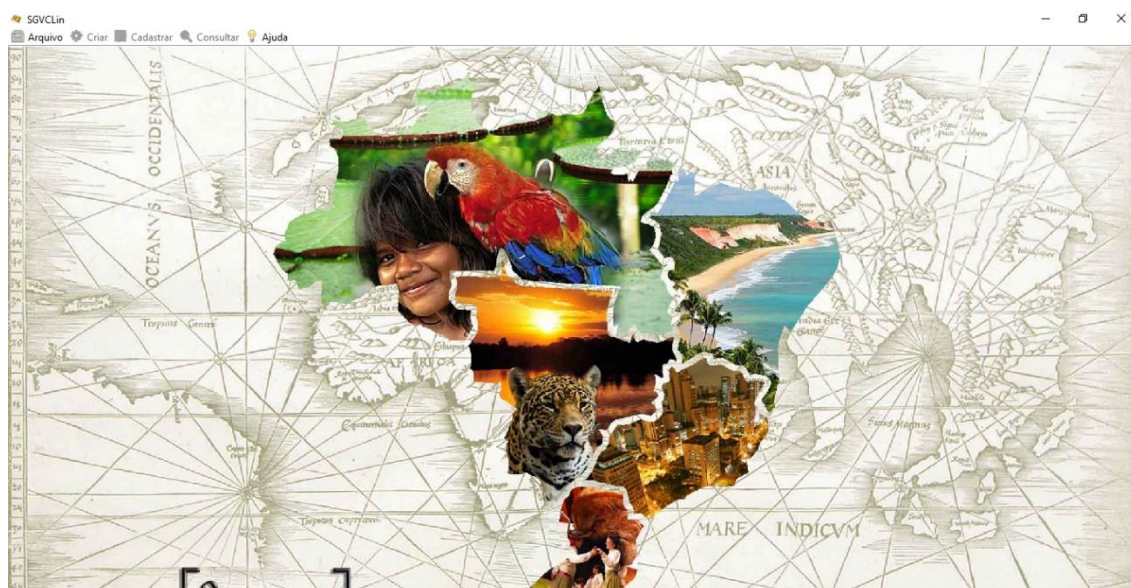
Com os dados devidamente tabulados, foi possível ter uma prévia da distribuição das realizações na fala dos informantes.

Em seguida, utilizamos o software¹³ [SGVCLin], que oferece relatórios numéricos e, ainda, geração cartográfica automatizada. Trata-se do projeto idealizado e concretizado pelo Dr. Valter Romano, em parceria com o Dr. Rodrigo Duarte Seabra e Nathan Oliveira, no campus da Universidade Federal de Itajubá.

O software “foi desenvolvido utilizando linguagem Java e banco de dados MySQL. O banco de dados utilizado pela ferramenta foi modelado com base não só nas fichas dos informantes, mas também na metodologia do Projeto ALiB” (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014, p. 129). A interação do usuário com o sistema é realizada de modo intuitivo por meio da leitura da interface.

¹³ Maiores informações sobre o projeto e software, acessar o link: <http://sgvclin.altervista.org/>.

Figura 12 – Interface do Software de Geração e Visualização de Cartas Linguísticas [SGVCLin]



Fonte: Programa computacional SGVCLin

O software gera relatórios agrupados em três conjuntos e segmentados em treze formatos diferentes. O conjunto de relatórios Geral possui quatro opções: (i) Geral; (ii) Geral por sexo; (iii) Geral por faixa etária e (iv) Geral por ponto. O segundo conjunto de relatórios, por estado, abrange quatro opções: (i) Por estado; (ii) Por estado, segundo o Sexo; (iii) Por estado, segundo a faixa etária; e (iv) Por estado, segundo o sexo e a faixa etária. O terceiro conjunto de relatórios diz respeito a algumas informações pessoais dos informantes: (i) Geral por estado civil; (ii) Geral por escolaridade; (iii) Geral por profissão; (iv) Geral por religião; e (v) Geral por categoria social.

Dentro das possibilidades oferecidas pelo software, selecionamos os cruzamentos e relatórios mais significativos para nossa tese. Como variáveis sociais, apuramos os dados relativos à faixa etária, escolaridade e sexo. Como variáveis linguísticas, elencamos consoante precedente, número de sílabas, classe gramatical da palavra, modalidade do discurso, além de refletirmos acerca do grau de formalidade do discurso. Essa seleção justifica-se:

i) Dada a natureza das respostas obtidas no QFF, não é possível obter o contexto posterior, uma vez que o informante é levado a responder apenas o item esperado. Destacamos, ainda, que não utilizamos o QSL para coleta de dados porque seu caráter pressupõe a variação lexical, impossibilitando a garantia da resposta desejada para a

análise do fenômeno, por exemplo, a questão 199 do QSL: *área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?*, para a qual podemos obter a resposta *lote*, em que é possível estudar o fenômeno, no entanto, possibilita outras formas, como *data* ou *terreno*, as quais não permitem a análise do fenômeno desta tese.

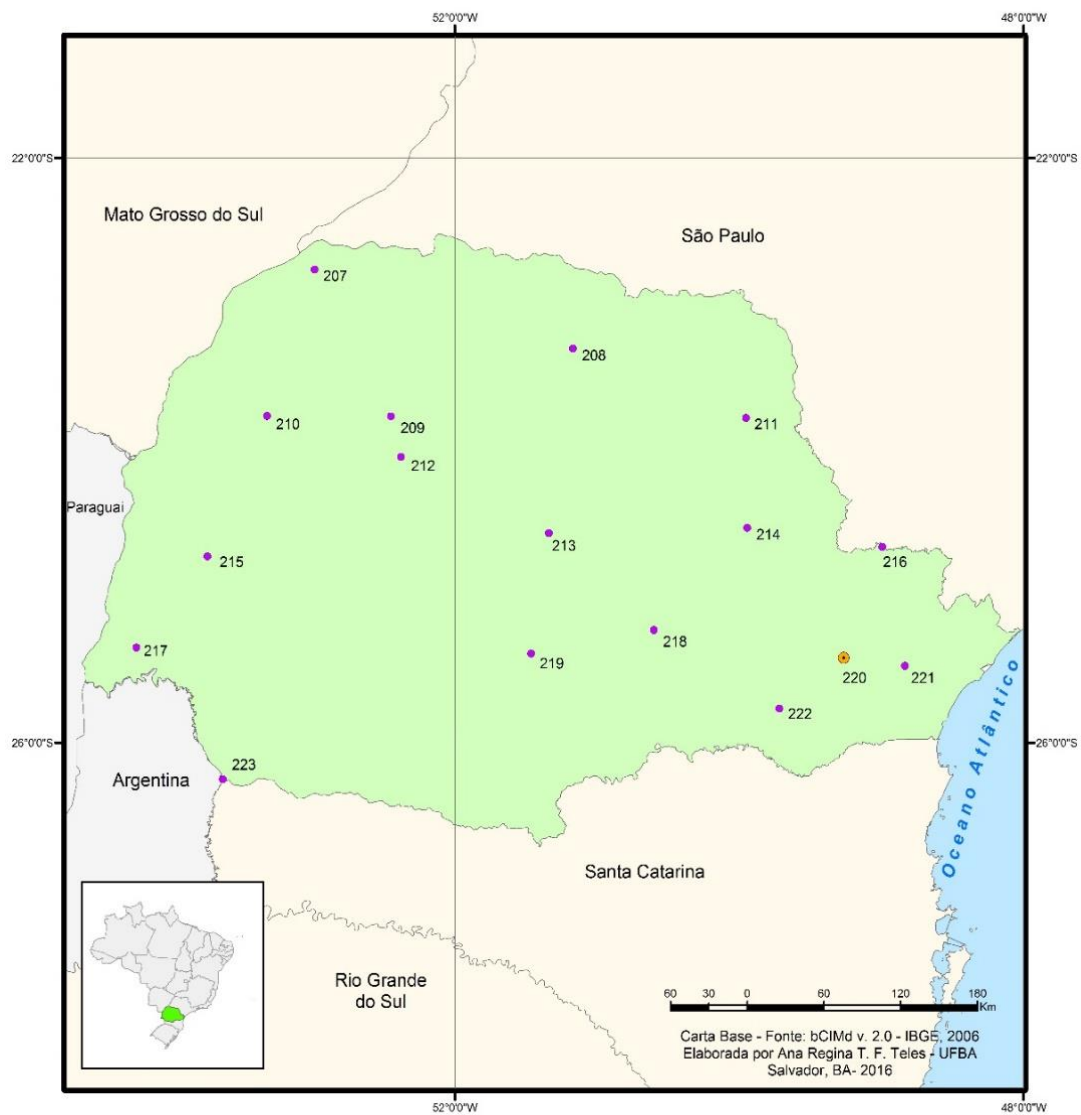
ii) O corpus desta tese não possibilita a análise de outras variáveis linguísticas como, por exemplo, tonicidade, uma vez que todas são átonas finais.

Além disso, a partir das bases cartográficas georreferenciadas, o programa elabora as cartas linguísticas, contendo elementos indispensáveis, como a escala gráfica, os limites políticos do território e a localização dos pontos linguísticos.

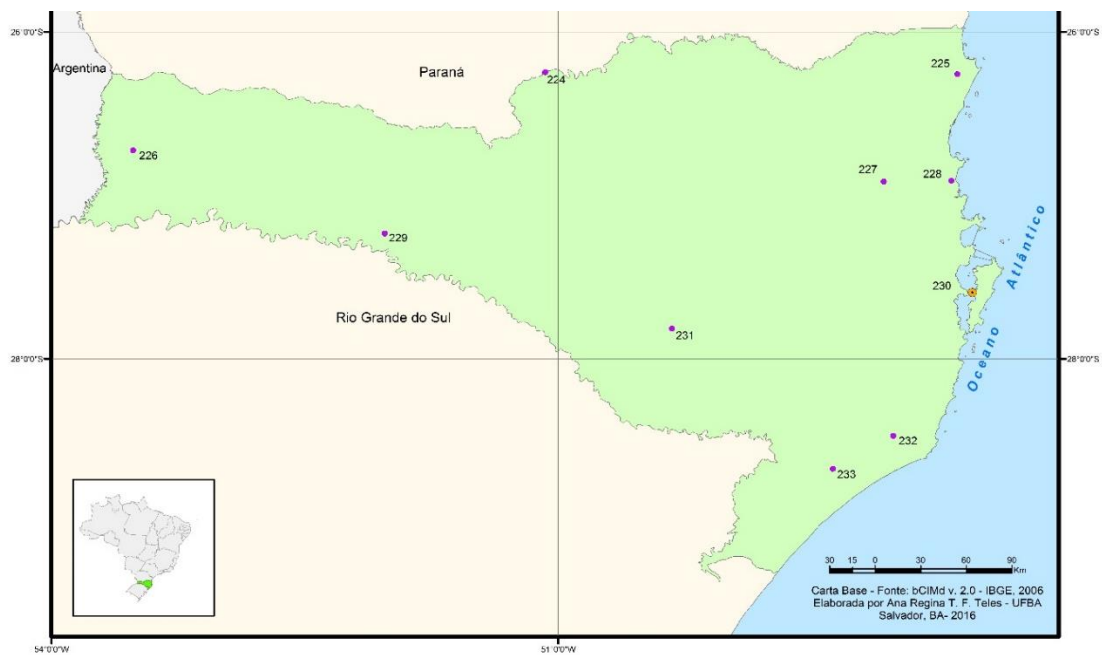
5.6 A CARTOGRAFAÇÃO

A cartografia desta tese foi realizada por meio do uso do software [SGVCLin] e a partir das bases cartográficas georreferenciadas elaboradas por Ana Regina Torres Ferreira Teles, responsável pela cartografia do projeto ALiB. A base cartográfica é composta por informações georreferenciais como os limites estaduais e nacionais, escala, longitude e latitude, como apresentamos nas figuras a seguir:

Figura 13 – Base cartográfica: Paraná



Fonte: Atlas Linguístico do Brasil

Figura 14 – Base cartográfica: Santa Catarina

Fonte: Atlas Linguístico do Brasil

Figura 15 – Base cartográfica: Rio Grande do Sul



Fonte: Atlas Linguístico do Brasil

O software elabora cartas monodimensionais e de arealidade simples e gradual. Nas cartas monodimensionais, apresentamos os dados, por estado – a saber, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul –, por meio de gráficos em formato de pizza. As cartas monodimensionais têm como característica a apresentação apenas da dimensão diatópica, ou seja, as variantes por ponto linguístico ou localidade. Dessa forma, por meio dela é possível observar possíveis delimitações de isófonas.

Além disso, apresentamos as cartas de arealidade, as quais trazem uma visão ampla dos dados. Contamos com dois formatos: i) arealidade simples que delimita onde há ocorrência de determinada variante e ii) arealidade gradual que representa a intensidade em que dada variante é produzida por meio de uma escala gradual de cores

que representa o percentual de ocorrências. As cartas de arealidade permitem, quando possível, delimitar isófonas. Para tanto, o software SGVCLin (2014) utiliza aspectos do método dialetométrico, segundo Romano (2015), ao estabelecer um interponto entre as localidades contíguas.

Destacamos, ainda, que as cartas são apresentadas em uma sequência a ser seguida a fim de colaborar com a compreensão e fluidez textual, a saber: primeiramente, as cartas monodimensionais por estado, seguida das cartas de arealidade simples e, por fim, as cartas de arealidade gradual.

Além disso, ressaltamos que as variáveis sociais são apresentadas por meio de gráficos que trazem os dados em números absolutos e percentuais.

Apresentada a metodologia da tese, procedemos à descrição e análise dos dados.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A fim de alcançar os objetivos, fundamentamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008) e da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1996).

Nesta seção, iniciamos a descrição e a análise das respostas registradas para a realização da vogal média anterior /e/ postônica final no falar sul brasileiro a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil.

Em termos gerais, os dados registrados, com as respostas fornecidas para as 12 questões pelos informantes do corpus, isto é, 2.205 realizações do fenômeno estudado produzidas pelos 188 informantes distribuídos nos 44 pontos de inquérito da Região Sul do Atlas Linguístico do Brasil, obtivemos o total de 248 ocorrências de [e], 11,25% de manutenção da vogal média, e 1.957 ocorrências de alçamento [i], 88,75% de alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final no falar sul brasileiro, índices que corroboram os resultados de pesquisas anteriores apresentadas no estado da arte.

Podemos afirmar que a Região Sul brasileira, como um todo, caracteriza-se pelo predomínio de uma regra variável, com tendência ao alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final.

Estudos variacionistas sobre a realização da vogal média anterior na Região Sul (SCHMITT, 1987; MERCER, 1992; VIEIRA, 1994, 1997, 2002, 2010; ROVEDA, 1998; CARNIATO, 2000; MALLMANN, 2001; SILVA, 2009; MENON, 2015) corroboram os dados aqui observados, afirmando que, nessa região, o alçamento da vogal média anterior final representa uma regra variável, isto é, a realização de ambas as formas. Assim, encontramos a realização do sistema de três vogais – altas /i/, /u/ e central /a/ – e também o sistema de cinco vogais em que, além das altas e central, apresentam-se as vogais médias /e/ e /o/.

Apesar de ser uma regra variável, ou seja, apesar de o fenômeno ser realizado como alçamento e como manutenção, nossos dados apontam para o predomínio do alçamento ao considerarmos o território sul como um todo. Assim como os dados da nossa tese, o predomínio do alçamento da vogal média anterior em comparação à manutenção foi observado em outros estudos, como Vieira, em 1994, quando constatou que, na fala sul rio-grandense, o alçamento é bastante significativo, exceto quando há interferência dos dialetos italiano e alemão.

Vieira (2002), ao analisar o comportamento da vogal média anterior nas três capitais sulistas, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, observou que o alçamento é majoritário nas três localidades, sendo que em Curitiba, 53% das respostas referem-se ao alçamento da vogal, Florianópolis apresenta 91% de alçamento e Porto Alegre, 93%. Verificamos, dessa forma, que Porto Alegre manifesta-se como a localidade com maior índice de alçamento dentre as capitais sulistas, enquanto Curitiba apresenta-se como a capital sulista que menos realiza o alçamento.

Em contrapartida, alguns estudos apontam para a manutenção da vogal média anterior como Schmitt (1987), um dos primeiros autores a estudar a realização das vogais postônicas finais e não finais. Ao analisar a fala de 12 informantes a partir dos dados coletados por Bisol na década de 80, verificou que, no falar gaúcho, é significativa a manutenção da vogal média anterior em contexto postônico em final de palavra.

Igualmente, Lenzi e Brenner (2008) constataram que os falantes do município de Doutor Pedrinho (SC) utilizam cinco vogais em posição final postônica em palavras terminadas em /e/ e /o/, isto é, eles realizam de forma distinta as vogais /e/ e /i/ e /o/ e /u/ em posição final de palavra. Ao analisar o comportamento de /e/ e /o/ no município de Rincão Vermelho (RS), Silva (2009), verificou que as vogais médias assumiram um comportamento variável, com tendência à manutenção, ainda mais evidente na vogal /o/. Em relação à vogal /e/, do total de 3.883 realizações, apenas em 16,7% constata-se o alçamento, enquanto que em 83,3% ocorre a manutenção da vogal em posição final.

Na mesma direção, Mileski (2013a), observando a fala dos imigrantes poloneses no município de Vista Alegre do Prata (RS), constatou que alçamento de /o/ é mais frequente de que /e/, apesar de ambas as vogais apresentarem percentuais baixos de alçamento, sendo 5,6% e 2,5%, respectivamente.

Ao observarem a fala de descendentes de poloneses de Mallet (PR), Loregian-Penkal e Costa (2014) verificaram uma predominância da manutenção, com 80% das respostas e 1.078 de ocorrências, sendo uma das características do falar eslavo¹⁴ da região analisada e uma marca identitária do falar local.

¹⁴ Os povos eslavos são classificados em eslavos ocidentais (tchecos, eslovacos, morávios, poloneses, silesianos e sérbios), eslavos orientais (bielorrussos, russos e ucranianos) e eslavos meridionais (bosníacos, búlgaros, croatas, macedônios, montenegrinos, sérvios e eslovenos).

Ainda, há estudos que apontam para a coocorrência das formas, como Carniato (2000) que, ao examinar a fala da comunidade de Santa Vitória do Palmar (RS), verificou uma coocorrência entre alçamento e manutenção da vogal média anterior.

De forma semelhante, Mercer (1996) assinalou que 49% das respostas de seus informantes são de alçamento da vogal no estado do Paraná, caracterizando, também, uma coocorrência entre as duas formas. Constatamos, portanto, que os estudos já realizados acerca do fenômeno apresentam que a regra é variável e possivelmente condicionada por variáveis sociais, como diatopia, ou ainda fatores linguísticos, como o contexto precedente.

Há, ainda, estudos que apontam para a manutenção da vogal média, no entanto, estes estudos voltam-se à análise de pequenas regiões e, normalmente, de comunidades ou cidades, ao contrário do escopo desta tese, que engloba uma área geográfica mais ampla, possibilitando um olhar mais abrangente. Em síntese, os dados apresentados por esta tese sinalizam para o alçamento.

Realizado o exame das respostas como um todo, partiremos para a análise das variáveis linguísticas e sociais. Iniciamos com a análise das variáveis linguísticas, no intuito de verificar como elas atuam no condicionamento da realização de cada uma das formas, seja a manutenção, seja o alçamento. Para melhor visualização dos dados, dividimos as análises em três seções: a primeira, que iniciamos a seguir, versa sobre os dados segundo as variáveis linguísticas, a segunda sob a óptica da diatopia e a terceira sobre a atuação das variáveis sociais.

6.1 ANÁLISE DOS DADOS SEGUNDO AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Nas análises que seguem, foram contempladas as seguintes variáveis linguísticas: o número de sílabas, a classe gramatical, o contexto precedente, a modalidade do discurso, além de uma comparação com o viés Estruturalista apresentado por Câmara Junior. Nesta análise, objetivamos verificar de que maneira as variáveis de cunho linguístico interferem na realização das formas ou, ainda, se elas são condicionadoras de determinada variante.

Cabe ressaltar aqui a justificativa para a seleção dos dados. Para verificar a efetiva interferência de tais fatores, nas localidades em que houve coocorrência de

alçamento e manutenção, incluímos o questionário semidirigido e o texto para leitura. Não utilizamos o Questionário Semântico-Lexical para coleta de dados porque seu caráter pressupõe a variação lexical, impossibilitando a garantia da resposta desejada para a análise do fenômeno. A seleção das variáveis linguísticas não inclui outras variáveis linguísticas como, por exemplo, tipo de sílaba, uma vez que todas são átonas finais.

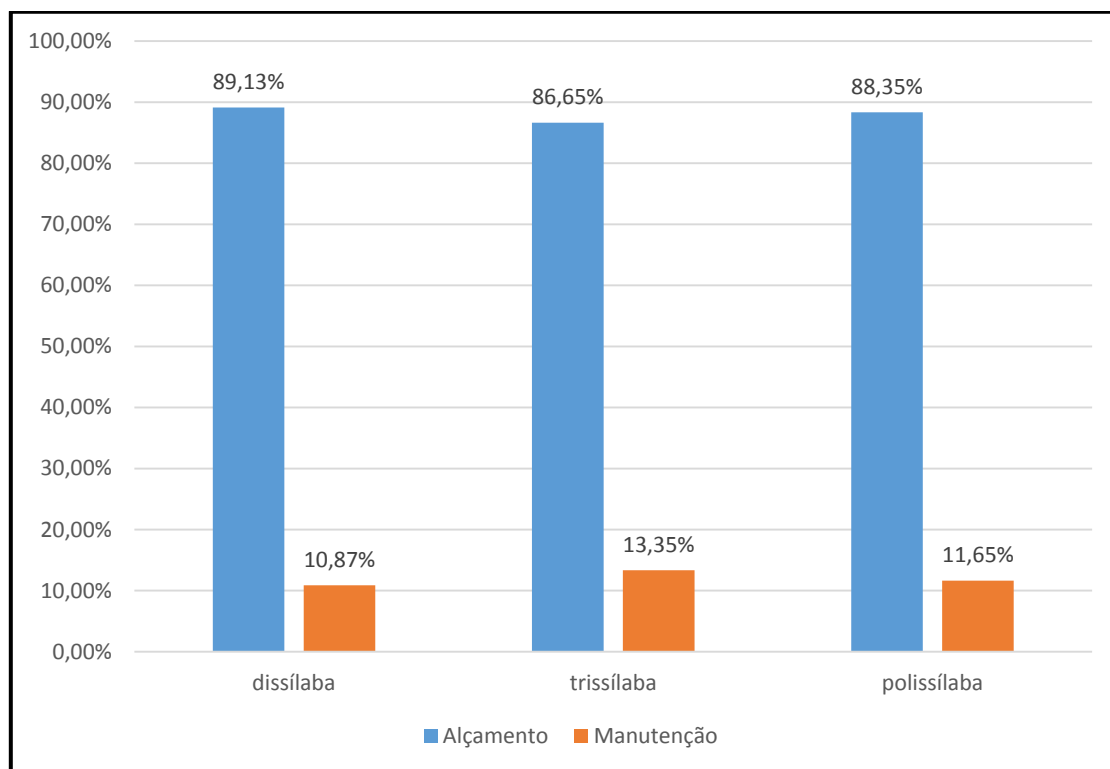
Iniciamos o estudo das variáveis linguísticas segundo o número de sílabas. O grupo das palavras dissílabas é formado por *peixe*, *noite*, *tarde*, *deve* e *dente*, o grupo de palavras trissílabas é formado por *tomate*, *árvore*, *quatorze*, *perfume* e *hóspede* e o grupo de palavras polissílabas é formado por *elefante* e *inocente*. Como apresentamos no quadro a seguir:

Quadro 10 – Organização de acordo com o número de sílabas

Dissílabas	Trissílabas	Polissílabas
peixe	tomate	elefante
noite	árvore	inocente
tarde	quatorze	
deve	perfume	
dente	hóspede	

Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

No gráfico 1, apresentamos os dados quanto ao número de sílabas.

Gráfico 1 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: número de sílabas

Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Os dados¹⁵ expostos no gráfico 1 demonstram que as palavras dissílabas, trissílabas e polissílabas apresentam a forma alçada como predominante, corroborada por percentuais quase categóricos (89,13%, 86,65% e 88,35%, respectivamente). Esses percentuais de alçamento prevalecem nos três grupos estabelecidos a partir do número de sílabas, mantendo a homogeneidade na Região Sul sobre o fenômeno.

Apesar de o alçamento ser predominante nos três tipos de palavra, os percentuais demonstram que as palavras trissílabas constantes do nosso corpus (tomate, árvore, quatorze, perfume e hóspede) são ligeiramente menos favoráveis ao alçamento, com índices de 2 a 3% menores do que os demais grupos. A variável linguística número de sílabas não foi considerada como significativa nas demais pesquisas e estudos acerca do fenômeno elencados no estado da arte desta tese.

O segundo grupo analisado é o da classe gramatical, que, em nosso corpus, está dividido em quatro classes distintas: adjetivo, numeral, substantivo e verbo. Nesse sentido, o grupo dos adjetivos é composto por *inocente*, dos numerais inclui a palavra

¹⁵ Lembramos que não há palavra monossílaba em nosso corpus pois analisamos as vogais átonas postônicas finais e, conseqüentemente, uma palavra monossílaba não possui vogal átona postônica final.

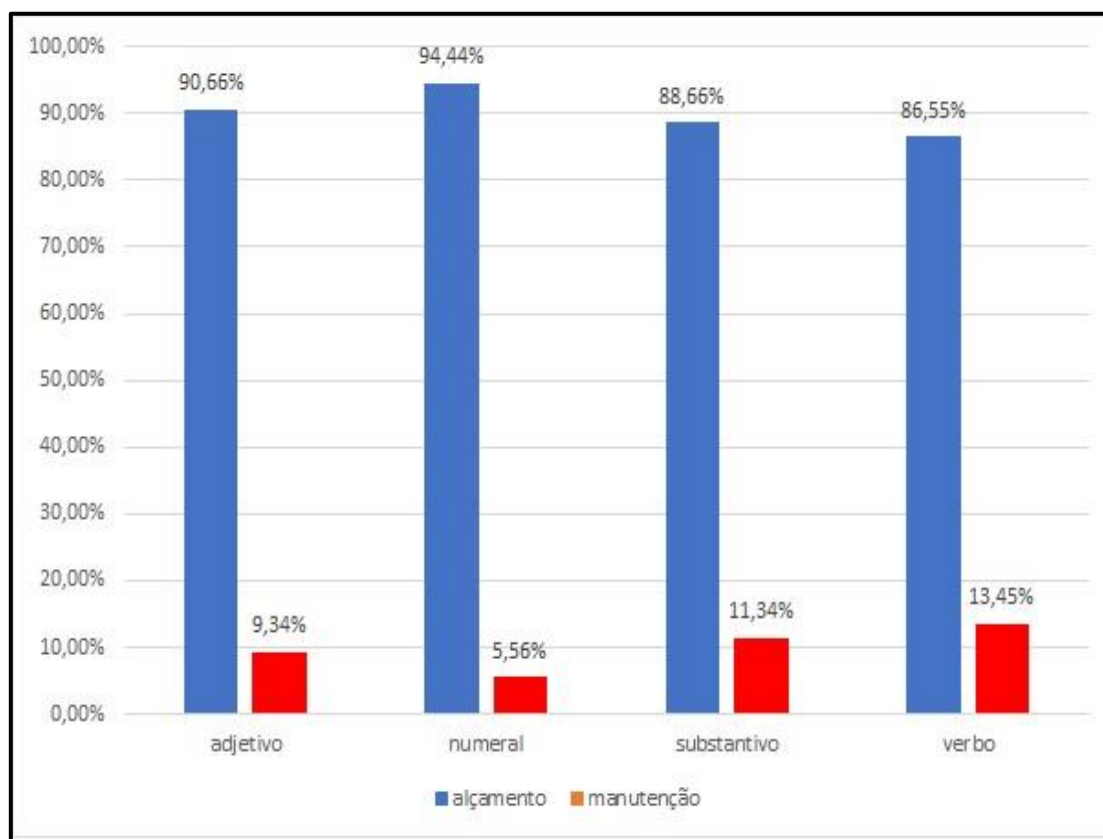
quatorze/catorze, o grupo dos substantivos conta com *tomate, árvore, elefante, peixe, noite, tarde, dente, perfume e hóspede*, e o grupo dos verbos por *deve*. Como apresentamos no quadro a seguir:

Quadro 11 – Organização de acordo com a classe gramatical

Adjetivo	Numeral	Substantivo	Verbo
inocente	quatorze	tomate	deve
		árvore	
		elefante	
		peixe	
		noite	
		tarde	
		dente	
		perfume	
		hóspede	

Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Como não foram registrados números iguais de ocorrência para as classes, os dados foram apresentados em percentuais, conforme apresentamos no gráfico 2.

Gráfico 2 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: classe gramatical

Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Os dados expostos no gráfico 2 ilustram o panorama referente à variável linguística classe gramatical que, novamente, apresentam o alçamento como predominante, com percentuais bastante elevados, respectivamente, 90,66%, 94,44%, 88,66% e 86,55% de alçamento. Os dados registrados credenciam a afirmar a ocorrência elevada do fenômeno.

Apesar do predomínio de alçamento nos grupos das quatro classes gramaticais, verificamos que as realizações do numeral - *catorze e quatorze* - apresentam o maior percentual de alçamento (94,44%) dentre as classes gramaticais observadas. Ainda que se trate de apenas um item lexical, o numeral demonstra maior tendência ao alçamento em comparação às demais classes, seja em sua forma monotongada, seja com o ditongo.

Por outro lado, a classe gramatical verbo, representada por *deve*, demonstra ser menos favorável ao alçamento que as demais classes gramaticais, visto que apresenta 13,45% de manutenção, isto é, o maior percentual dentre as classes gramaticais analisadas. Como a classe gramatical verbo, em nosso corpus, é representada por apenas um item, não é possível generalizar e afirmar que a classe de verbos possui uma

tendência maior à manutenção, especialmente, por se tratar de uma questão que aborda um assunto mais delicado, isto é, cobrar uma dívida de alguém (Você/o (a) senhor (a) tomou/pediu emprestado 500 reais a alguém e não pagou. A pessoa vai a você/ ao senhor / à senhora e diz: Fulano, você me ___ 500 reais.), o informante pode ter realizado uma fala mais monitorada, mais cuidada, levando à realização da vogal em manutenção.

Na literatura da área, podemos citar Roveda (1998) e Silva (2009), que selecionaram a variável classe gramatical como relevante e verificaram que a vogal /e/ é mais suscetível à elevação na classe gramatical verbo, ou seja, os autores verificaram que os verbos tendem mais ao alçamento.

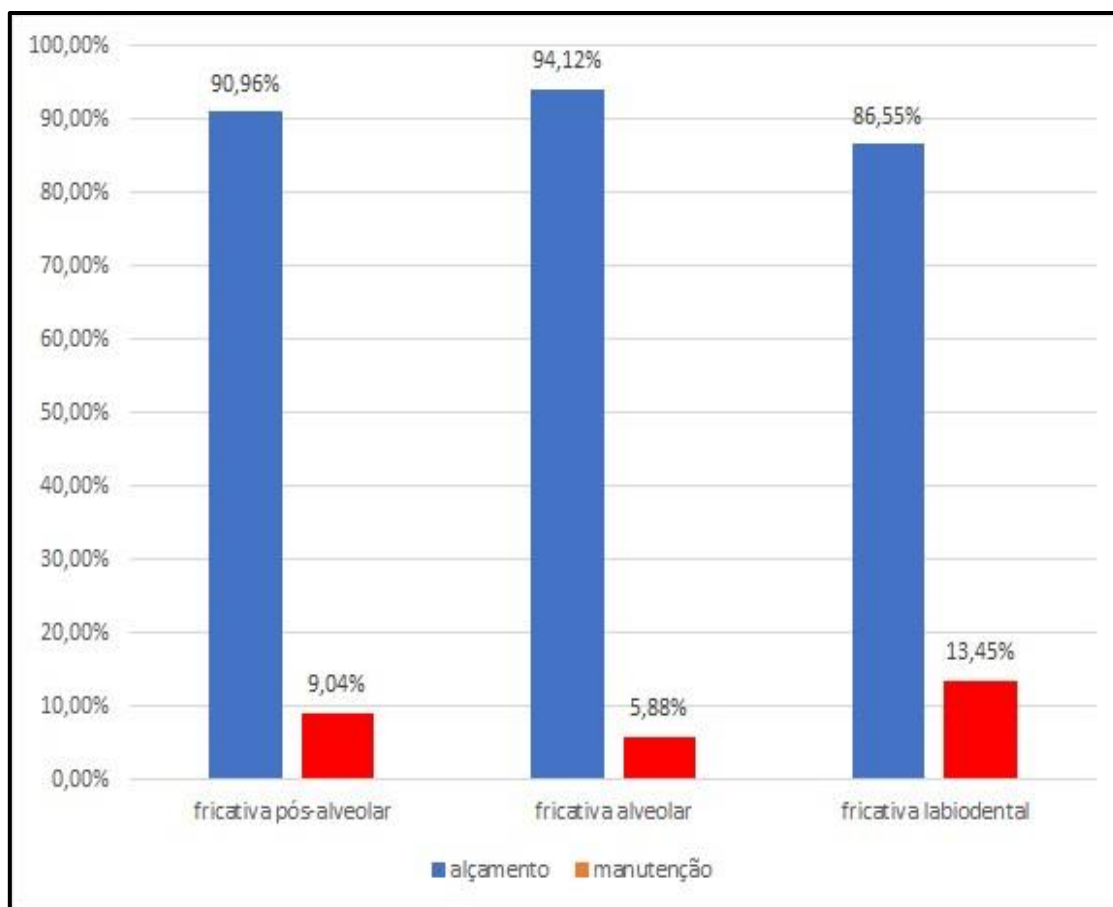
Nesse sentido, observamos que os numerais, os adjetivos e os advérbios revelam-se bastante favorecedores do alçamento da vogal, pois obtivemos 94,44% de alçamento na classe gramatical do numeral, 90,66% de alçamento na classe gramatical de adjetivos e 88,66% de alçamento na classe gramatical substantivo, revelando que os numerais e os adjetivos são ligeiramente mais favoráveis que os substantivos para o alçamento.

Para o contexto precedente, o corpus possibilita a análise de variados contextos precedentes, optamos por fragmentar os dados segundo o modo de articulação. Dessa forma, iniciamos a análise com as fricativas¹⁶ em contexto precedente, as fricativas pós-alveolares, fricativas alveolares e fricativas labiodentais.

No grupo das realizações com contexto precedente preenchido por uma fricativa pós-alveolar, temos a palavra *peixe*, já em relação à fricativa alveolar, contamos com a palavra *catorze/quatorze* e, ainda, como fricativa labiodental a palavra *deve*. Apresentamos os dados referentes às fricativas em contexto precedente no gráfico 3.

¹⁶ Consoantes produzidas pela passagem do ar através de um canal estreito feito pela colocação de dois articuladores próximos um ao outro.

Gráfico 3 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: fricativa em contexto precedente



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Os dados demonstram que as palavras com contexto precedente fricativa pós-alveolar, fricativa alveolar e fricativa labiodental apresentam a forma alçada como predominante, destacada por percentuais elevados, sendo, respectivamente, 90,96%, 94,12% e 86,55% de alçamento. Dessa forma, verificamos que o alçamento prevalece nos três grupos estabelecidos a partir do contexto precedente preenchido por fricativas e, ainda, que são contextos precedentes altamente favorecedores para o alçamento da vogal média anterior.

De forma semelhante, Schmitt (1987) observou que as consoantes precedentes mais favorecedoras ao alçamento são as obstruintes¹⁷. Já Vieira (1994) constatou que as fricativas palatoalveolares e fricativas labiodentais tendem a elevar a vogal /e/. Por sua

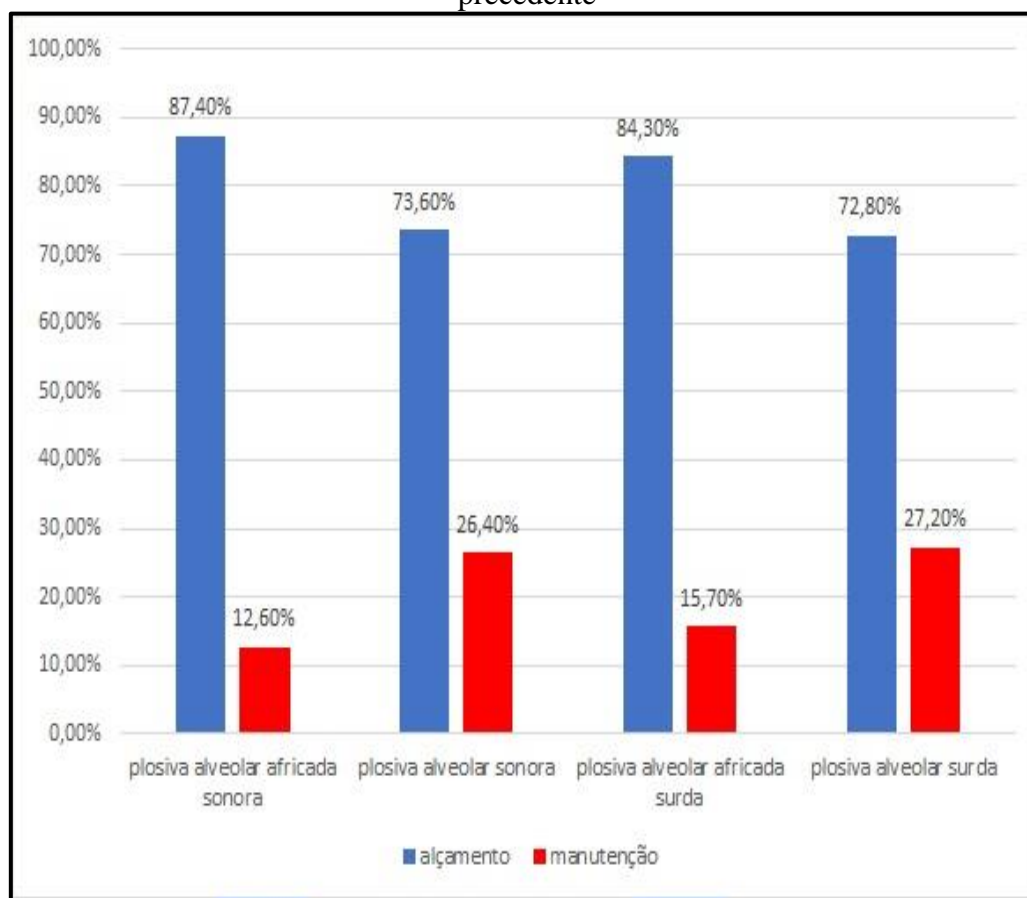
¹⁷ Uma consoante obstruente ou obstruinte, é um som formado impedindo o fluxo de ar na boca, causando um aumento na pressão do ar antes da obstrução. Podem ser divididas em: oclusivas, africadas e fricativas.

vez, Silva (2009) verificou que as fricativas alveolares e as labiais favorecem a elevação da vogal. Dessa forma, destacamos que esses estudos corroboram os resultados encontrados nesta tese.

Além da análise das fricativas em contexto precedente, analisamos os dados da realização da vogal média anterior /e/ com contexto precedente plosivo. Uma consoante plosiva, também chamada de consoante explosiva ou consoante oclusiva, é pronunciada pela expiração de ar que é bloqueado por um obstáculo bucal, que interrompe, momentaneamente, a sua corrente, e que “explode” quando aberto.

As realizações em contexto precedente plosivo, para esta tese, foram separadas em plosivas sonoras (alveolar africada e alveolar) e plosivas surdas (alveolar africada e alveolar). As plosivas sonoras são representadas pelas palavras *tarde* e *hóspede*, enquanto as plosivas surdas são representadas por *tomate*, *elefante*, *noite*, *inocente* e *dente*. Apresentamos os dados referentes às plosivas em contexto precedente no gráfico 4.

Gráfico 4 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: plosiva em contexto precedente



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Afirmamos que as palavras com contexto precedente plosiva alveolar africada sonora, plosiva alveolar sonora, plosiva alveolar africada surda e plosiva alveolar surda apresentam alçamento como predominante com percentuais elevados, sendo, respectivamente, 87,40%, 73,60%, 84,30% e 72,80%. Dessa forma, verificamos que o alçamento prevalece nos quatro grupos estabelecidos a partir do contexto precedente preenchido por plosivas.

É interessante observar que as consoantes plosivas africadas, isto é, as consoantes que, em sua pronúncia, combinam o som de uma plosiva com o de uma fricativa no mesmo ponto de articulação, apresentam-se mais favoráveis ao alçamento do que as plosivas alveolares, tendo 87,40% de alçamento a consoante sonora e 84,30%, a surda. Esse cenário possibilita destacarmos que o som africado acarreta uma tendência maior de alçamento, visto que os contextos precedentes que mais propiciam o fenômeno são as consoantes fricativas e as plosivas africadas.

Corroborando os dados desta tese, Schmitt (1987) observou que as consoantes precedentes mais favorecedoras ao alçamento são as obstruentes. Já Vieira (1994) constatou que as plosivas tendem a elevar a vogal /e/. Roveda (1998) verificou que as consoantes dorsais e palatais são favorecedoras do alçamento da vogal média anterior. Da mesma forma, Vieira (2009) constatou que as plosivas africadas favorecem o alçamento.

Nesse sentido, observamos que as plosivas alveolares africadas e as fricativas apresentam uma tendência maior ao alçamento, enquanto as plosivas alveolares apresentam-se menos condicionadoras do alçamento, corroborando Mercer (1992), que afirma que o alçamento ou manutenção da vogal /e/ é condicionado segundo a presença ou ausência da palatalização.

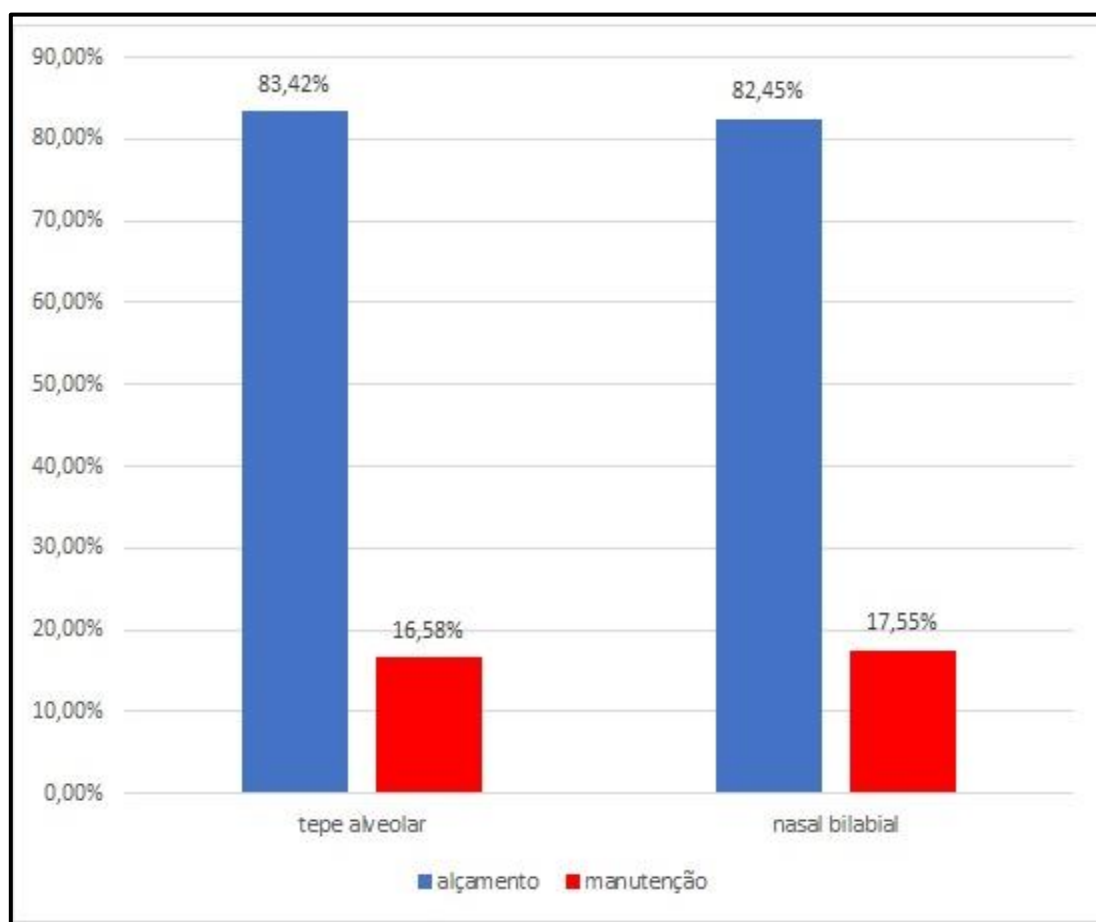
Mercer (1992) explica que o contexto precedente preenchido por /t/ e /d/ seguido da vogal média propicia a palatalização da consoante e, concomitantemente, o alçamento da vogal. Para Mercer (1992), essa correlação fundamenta-se no *continuum* estabelecido, visto que a palatalização é um indicador seguro de que a vogal seja mais um /e/, pois esses falantes apresentam um marcador audível da passagem de /e/ para /i/.

Ainda, destacamos que as plosivas alveolares representam o contexto precedente que teve menor realização de alçamento dentre todos, sendo 73,60% de alçamento com a plosiva alveolar sonora e 72,80% com a plosiva alveolar surda. Igualmente, Vieira (2009) constatou que as consoantes plosivas alveolares favorecem a manutenção. Já

Mercer (1992) afirma que não há comportamento diferente entre as plosivas sonoras ou surdas em relação ao fenômeno estudado, logo, as consoantes precedentes /d/ e /t/ se comportam de forma similar, corroborando os dados apresentados nesta tese.

Para a análise do o tepe alveolar e a nasal bilabial como contexto precedente, esta tese registra os termos *árvore*, tepe alveolar e *perfume*, tepe nasal bilabial. O tepe alveolar é produzido por meio de um curto toque entre os articuladores, posicionando o articulador ativo em direção ao céu da boca. A nasal bilabial é uma consoante que, em sua pronúncia, o ar expirado ressoa na cavidade nasal e realiza-se com o contato do lábio inferior e superior. No grupo das realizações com contexto precedente preenchido por um tepe alveolar, apresentamos os dados em relação aos demais contextos no gráfico 5.

Gráfico 5 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: outros contextos precedentes



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Novamente, o alçamento configura-se como predominante com percentuais elevados, sendo, respectivamente, 83,42% e 82,45%. Desse modo, verificamos que o alçamento prevalece nos dois grupos estabelecidos a partir do contexto precedente preenchido pelo tepe alveolar e pela nasal bilabial.

Destacamos que o contexto precedente caracteriza-se como uma variável significativa, pois apresenta contextos que são mais motivadores para a realização do alçamento do que outros. Igualmente, Schimitt (1987), Vieira (1994), Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001), Vieira (2002), Silva (2009) e Vieira (2010) constataram a importância do contexto precedente na análise do fenômeno.

Quanto ao número de sílabas, o alçamento mostra-se predominante nos três tipos de palavras, porém com percentuais um pouco menos expressivos no que se refere às palavras trissílabas (tomate, árvore, quatorze, perfume e hóspede).

Quanto à classe gramatical, apesar do predomínio de alçamento nos grupos, verificamos que as realizações do numeral *catorze e quatorze* apresentam o maior percentual de alçamento (94,44%) dentre as classes gramaticais observadas. Ainda que se trate de apenas um item lexical, o numeral demonstra maior tendência ao alçamento em comparação às demais classes, seja em sua forma monotongada, seja com o ditongo. Por outro lado, verificamos que a classe gramatical verbo, representada por *deve*, demonstrou ser menos favorável ao alçamento, visto que apresenta 13,45% de manutenção, o maior percentual dentre os grupos analisadas.

Já em relação ao contexto precedente, notamos que as consoantes fricativas e as africadas apresentam os maiores índices de alçamento, sendo apresentados os percentuais para fricativa pós-alveolar, fricativa alveolar e fricativa labiodental, respectivamente, 90,96%, 94,12% e 86,55% , enquanto as plosivas africadas sonoras contemplam 87,40% de alçamento e 84,30%, a surda. As plosivas alveolares representam o contexto precedente que teve menor realização de alçamento dentre todos, sendo 73,60% de alçamento com a plosiva alveolar sonora e 72,80% com a plosiva alveolar surda.

Sublinhamos, ainda, que a observação sobre a vogal média anterior não é recente, já que Silva Neto (1988) afirma que a pronúncia dessa vogal representa a conservação de um estado fonético antigo, visto que no português europeu, hoje, o /e/ final quase sempre se elide e, na variedade do português brasileiro, sofre o alçamento na

maioria das regiões, sendo realizado como /i/. O autor aponta ainda que, possivelmente, antes da elisão do /e/ átono final europeu, tenha havido o alçamento para /i/.

Naro (1973) aponta que o português do século XVI apresentava formas /e/ e /o/ discretamente alçadas. Inferimos, dessa forma, que a vogal média anterior em posição átona caminha em um processo contínuo com tendência ao alçamento no português falado no Brasil como etapa da mudança linguística preconizada por Labov (2008).

Sob a ótica Estruturalista, Câmara Junior (1982), verifica que em posição átona, há a perda ou supressão de certas oposições, levando à redução do número de fonemas e consequente eliminação da distinção entre dois fonemas, ou seja, a neutralização de /e/ e /o/, prevalecendo as vogais altas /i/ e /u/, respectivamente. Dessa forma, o quadro das vogais fica com apenas três elementos.

Figura 14 – Vogais postônicas finais

altas	/u/	/i/
baixa	/a/	

Fonte: Câmara Junior (1982, p. 44).

Nesse sentido, destacamos que a teoria de Câmara Junior (1982) é corroborada pela maioria dos dados apresentados nesta tese, pois em quase todo o território o sistema de vogais apresenta-se como neutralizado.

A partir do tratamento dos dados obtidos por meio do QFF, selecionamos os pontos onde encontramos ambas as formas, alçamento e manutenção, os quais são: 213, 214, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 227, 229, 231, 234, 235, 236, 238, 239, 240 e 245. Nesses pontos em que houve a realização das duas formas, observamos o comportamento da fala no discurso semidirigido e na leitura de texto.

Dessa forma, verificamos se o grau de formalidade do discurso, isto é, a variação diafásica, é capaz de condicionar a realização das vogais. O fator grau de formalidade das diferentes partes da entrevista possibilita verificar a variação na fala dos informantes em relação aos diferentes estilos contextuais.

Labov (2008), em seu estudo sobre o inglês falado em Nova Iorque, constatou que existe variação regular segundo estilos e contextos diferentes. Semelhantemente,

Margotti (2004) e Botassini (2009) verificaram que o grau de formalidade do discurso é capaz de condicionar a realização de determinada variante.

Dessa forma, observamos os dados em diferentes contextos: questionário, discurso semidirigido e leitura, os quais apresentam diferenças no grau de formalidade e, conseqüentemente, diferença no nível de formalidade de fala. A fala mais espontânea no discurso semidirigido, ao relatar e descrever fatos emocionantes, acarretando em uma fala menos “policiada”. No questionário, a consciência de fala aumenta significativamente e, na leitura, atinge os mais altos níveis de monitoração. Sendo assim, destacamos que o aumento de monitoração de fala resulta, possivelmente, no uso de formas linguísticas menos espontâneas.

Optamos por analisar três estilos diferentes para verificar se a variável estilística pode condicionar as respostas dos informantes, visto que Radtke e Thun (1996) destacam que essa variável é significativa aos estudos de variação linguística.

É no discurso semidirigido em que o informante tem maior possibilidade de se expressar livremente. Triviños (1987) explica que um questionário semidirigido fundamenta-se em questionamentos básicos atrelados aos objetivos e pressupostos teóricos da pesquisa e, a partir das respostas dos informantes, os questionamentos podem conduzir a novas perguntas e respostas, o que favorece a compreensão do fenômeno investigado, bem como contribui com a posição consciente e atuante do pesquisador durante o processo de coleta de informações.

Manzini (1991) explica que o questionário semiestruturado tem as perguntas principais e, ao longo da entrevista, possibilita a adição de novos questionamentos que emergem das circunstâncias do momento, os quais contribuem para que o pesquisador obtenha informações mais livres e menos padronizadas. Dessa forma, a entrevista perpassa por caminhos em que o informante pode se sentir mais confortável a se expressar mais livremente, ocasionando, eventualmente, em uma fala menos policiada.

Sobre o grau de formalidade do discurso, afirmamos pelas análises apresentadas que a variação diafásica condiciona a realização do alçamento, como segue no quadro 11.

Quadro 11 – Realizações da vogal média em números absolutos e percentuais segundo o critério do grau de formalidade do discurso

Tipo de discurso	Grau de monitoramento	Realização da manutenção	Realização do alçamento	Total por tipo de discurso
QFF	Médio	248 (10,3%)	1.957 (89,7%)	2.205 (100%)
Semidirigido	Baixo	433 (27,9%)	1.121 (72,1%)	1.554 (100%)
Leitura	Alto	573 (22,4%)	1.983 (77,6%)	2.556 (100%)

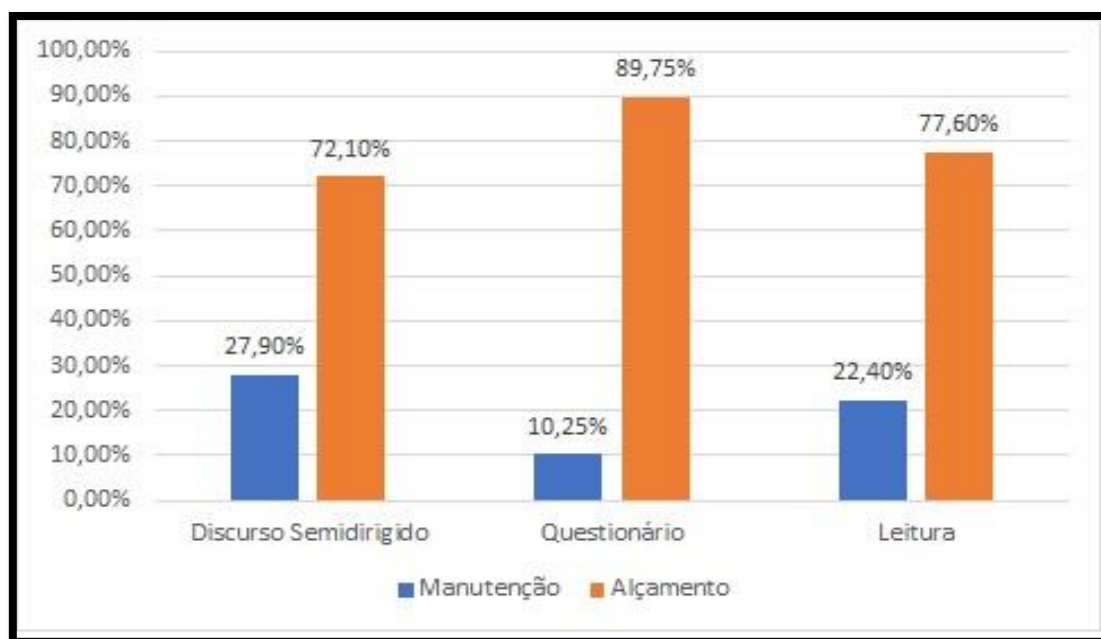
Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

A partir do quadro 11, verificamos os dados a respeito da realização da vogal média anterior postônica final segundo o grau de formalidade. Verificamos que a estrutura do questionário implica nos índices de realização de alçamento e/ou manutenção. Nesse sentido, destacamos que no discurso semidirigido foram realizadas 433 realizações de manutenção (27,9%) e 1121 de alçamento (72,1%). No questionário, obtivemos 248 realizações de manutenção (10,25%) e 1957 de alçamento (89,75%). Já na leitura, foram obtidas 573 realizações de manutenção (22,4%) e 1983 de alçamento (77,6%).

Assim, observamos que, no questionário, os informantes realizam o alçamento de forma muito mais expressiva, contrariando a hipótese inicialmente levantada de que um grau de monitoramento mais elevado condicionaria a realização de uma variante de maior prestígio linguístico. O cenário apresentado pode tratar-se de “prestígio encoberto”, isto é, embora a variante seja reconhecida como de prestígio, neste caso o alçamento, é menos empregado que a outra forma, a qual carrega outra vantagem social, como o reconhecimento pelos falantes

Para melhor visualização dos dados, apresentamos no gráfico 6.

Gráfico 6 – Realização da vogal média anterior postônica final segundo o grau de formalidade



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

A partir da leitura dos dados apresentados no gráfico 6, observamos a realização do alçamento pelos informantes de forma bastante expressiva. Esse cenário contraria a hipótese inicialmente levantada de que um grau de monitoramento mais elevado condicionaria a realização de uma variante de maior prestígio linguístico.

Semelhantemente aos nossos dados, Mercer (1992) constatou que o alçamento teve números mais elevados no questionário do que na leitura e afirma que esse cenário é interessante, pois o nível de formalidade na leitura é muito maior do que nas respostas ao questionário. Nesse sentido, Mercer afirma que,

como pode policiar sua fala mais intensamente na leitura que na entrevista, o falante emprega variantes de prestígio de maneira mais frequente que nesta. Ora, se a elevação é um traço de prestígio – conforme faz supor preferência dada por mulheres e universitários –, esperava-se que sua frequência crescesse da entrevista para as leituras. (MERCER, 1992, p. 99)

De maneira semelhante, Roveda (1998) verificou maior propensão ao alçamento nas respostas ao questionário do que em discurso semidirigido ou leitura. Ainda, Margotti (2004) verificou que, em seus dados, o alçamento da vogal média postônica

final é mais favorecido nas respostas ao questionário e, segundo o autor, esse cenário caminha em sentido contrário às suas hipóteses de que a difusão do português ocorreria por meio dos estilos mais formais, como a leitura.

Mercer (1992) afirma que esse cenário pode se tratar de “prestígio encoberto”, isto é, embora a variante seja reconhecida como de prestígio, é menos empregada que a outra forma, a qual carrega outra vantagem social, como o reconhecimento pelos falantes. Nesse sentido, Mercer (1992) situa o fenômeno da manutenção da vogal média não como um elemento de formalidade, mas como prática escolar, marcada pela pronúncia alfabética.

Após a análise das variáveis linguísticas, vamos verificar o fenômeno à luz das teorias Sociolinguística e Dialetoлогия Pluridimensional.

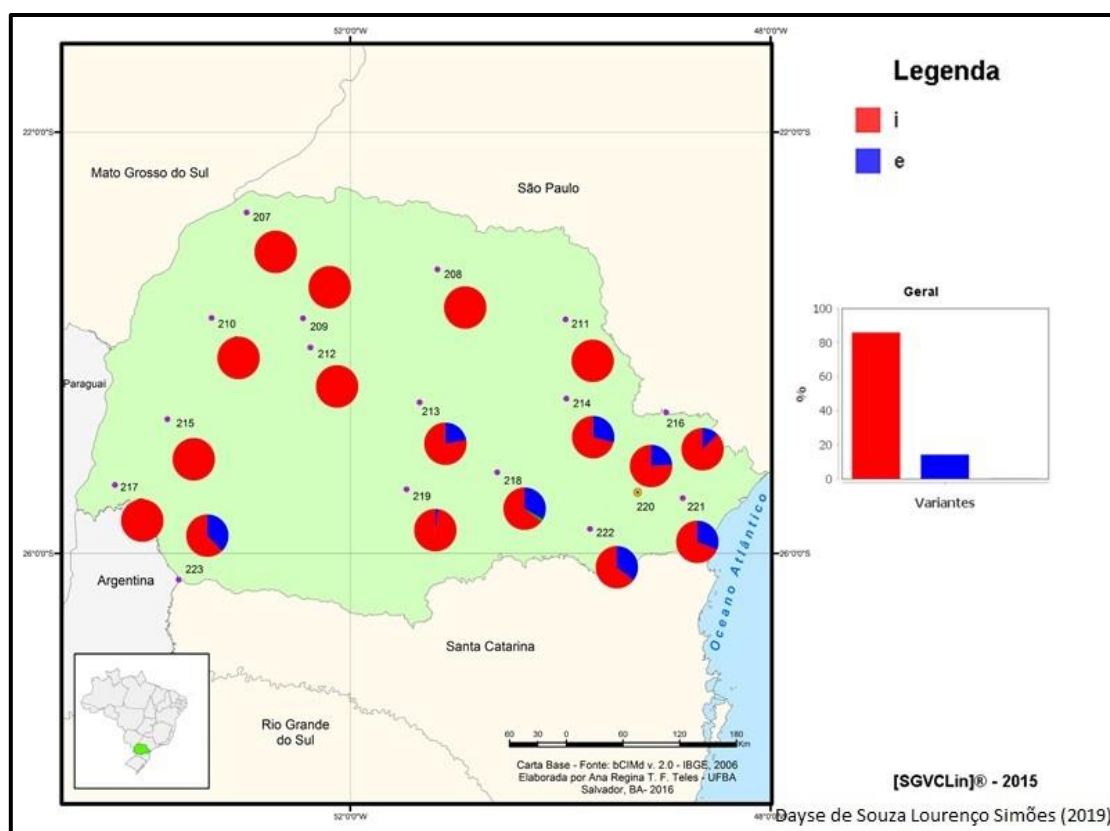
Por meio da carta da distribuição diatópica da Região Sul, observamos que, nos três estados, há a realização de alçamento e manutenção da vogal. A distribuição diatópica da realização das duas formas necessita de um olhar estado por estado. Assim, sucederemos com a análise, sendo apresentados na seguinte ordem: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

6.2.1 PARANÁ

Os dados registrados na fala de informantes paranaenses delineiam a distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final. Na figura 15, verificamos a manutenção e o alçamento na fala dos informantes. Constatamos que, em todo o território paranaense, predomina o alçamento, que está presente na fala de todos os informantes de todas as localidades.

O mapa 2 (figura 18) possibilita a visualização dos dados, evidenciando a isofônica traçada a partir do fenômeno em questão. Em algumas localidades – Nova Londrina (207), Londrina (208), Terra Boa (209), Umuarama (210), Tomazina (211), Campo Mourão (212), Toledo (215) e São Miguel do Iguazu (217) – o alçamento é categórico, ou seja, foi realizado na fala de todos os informantes, com 100% de frequência.

Figura 18 – MAPA 2 – Distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Delimitamos uma região paranaense em que, apesar da forte presença do alçamento, há índices significativos de manutenção ao comparar com o restante do estado. Trata-se de Cândido de Abreu (213), Piraí do Sul (214), Imbituva (218), Curitiba (220), Morretes (221), Lapa (222) e Barracão (223). Esses dados apontam para uma divisão no estado do Paraná, já preconizada por Mercer (1992) e Aguilera (1994), mas que agora mostra-se com contornos diferentes.

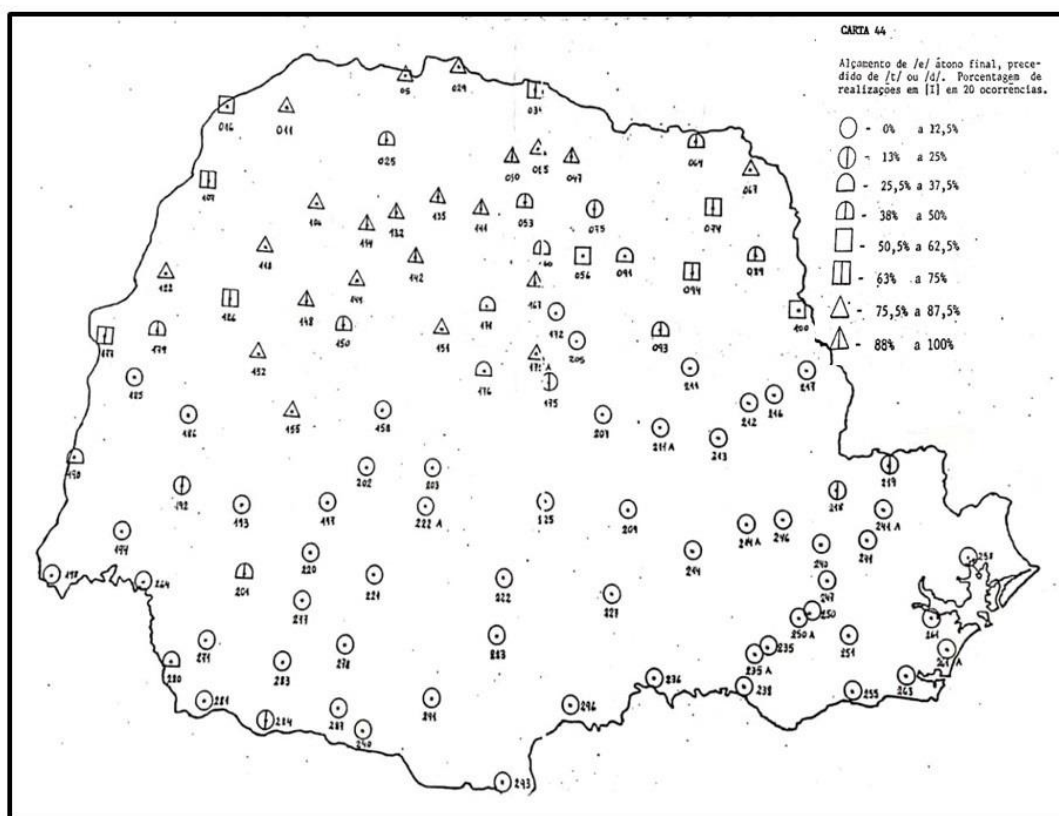
A delimitação espacial que divide o estado do Paraná em Norte/Oeste e Sul/Leste, evidencia a realização categórica do alçamento na primeira e manutenção significativa da vogal média, ocorrendo com o alçamento, na Região Sul/Leste. Essa divisão foi observada por Mercer, já em 1992, ao verificar que as cidades do Norte tendem a alçar mais a vogal do que as cidades do Sul, conforme verificamos na figura 16, que reproduz a Carta 44 de seu estudo.

Na figura 19, verificamos os dados apresentados por Mercer (1992) sobre a realização de alçamento e manutenção em território paranaense. Apesar de a rede de

pontos não ser coincidente com o desta tese, verificamos que a divisão territorial é bastante similar, dividindo o estado paranaense em dois cenários distintos.

Na carta de Mercer (1992), observamos a Região Sul do Paraná realizando a manutenção quase que de forma categórica, visto que onde há o símbolo circular, o alçamento obteve percentual de 0% a 12%. Nesse sentido, Mercer (1992), na carta 44, demonstra que a vogal média anterior precedida de /t/ e /d/ apresenta um comportamento distinto ao comparar os falares paranaenses, sendo que o Norte do estado tende a alçar, enquanto o Sul tende à manutenção da vogal. Mercer (1992, p. 97) afirma que o alçamento da vogal média pode ser uma inovação que estaria se difundindo a partir da Região Norte, sendo “primeiramente para as cidades e depois para o campo, das camadas superiores para as camadas inferiores”.

Figura 19 – Carta 44: alçamento de /e/ átono final precedido de /t/ ou /d/

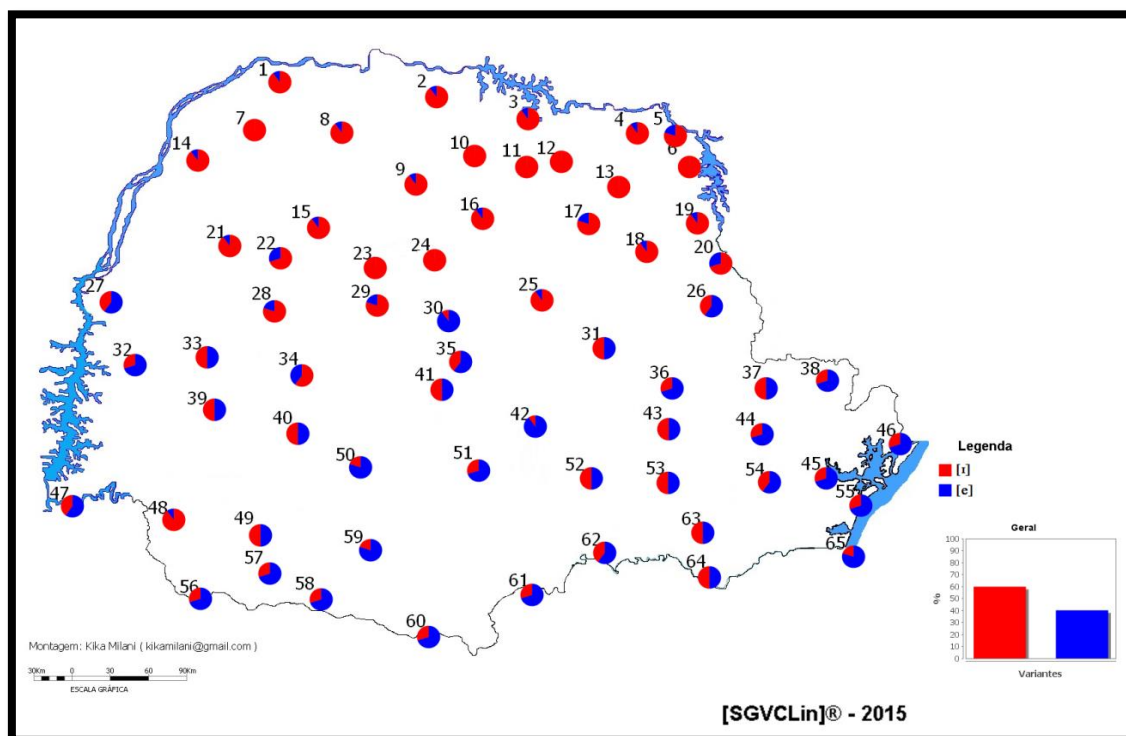


Fonte: Adaptado de Mercer (1992).

Além disso, apresentamos, na figura 20, que reproduz a Carta 1 de Altino (2019), em que estão sintetizados os dados do ALPR (AGUILERA, 1994; ALTINO, 2007) sobre a vogal média anterior, mostra o “movimento linguístico” em quase 30

anos¹⁸, isto é, uma geração. Nesse sentido, constatamos que a manutenção da vogal média anterior está presente em grande parte do estado e, com o passar dos anos, sua incidência diminui. Destacamos que a carta de Altino (2019) confirma a divisão territorial do Paraná, em que o Norte realizava mais o alçamento e o Sul, a manutenção.

Figura 20 – Carta 1 – ALPR: Vogal média anterior em posição postônica final



Fonte: ALTINO (2019)

A constituição populacional do Paraná é responsável pela existência das duas formas de realização da vogal média anterior, visto que conta com imigrantes provenientes de diferentes pontos, acarretando na distinção entre os extremos do estado devido às diferentes culturas dos povos que vieram para o estado, além da possível mobilidade da vida urbana.

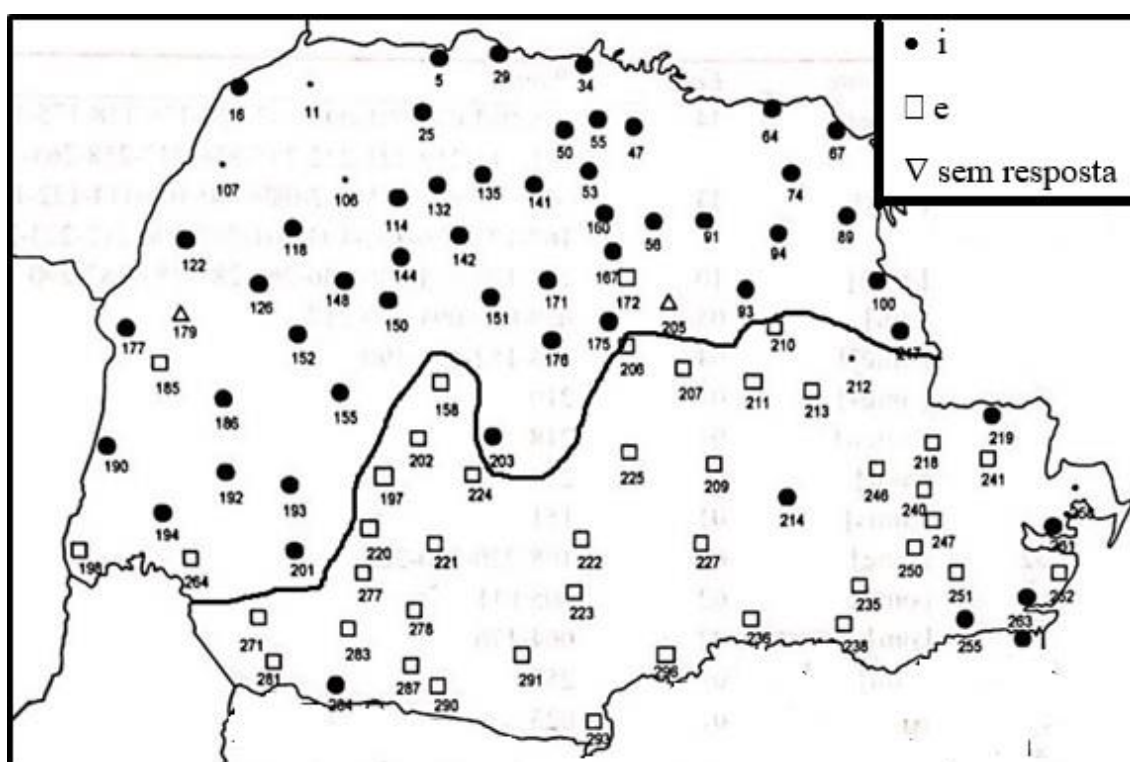
Os dados do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (2011) - figura 21 - também apontam para a existência de dois domínios dialetais no Paraná: a área Norte e a área Sul, sendo que a área Norte realiza mais o alçamento da vogal média

¹⁸ Os dados para o ALPR foram coletados em meados de 1980 e os do ALiB, em 2010.

e a área Sul realiza mais a manutenção (ALERS, 2011, p. 141), como verificamos na figura 17.

Na figura 18, que reproduz a Carta 8 do ALERS (2011[2002]), verificamos a realização da vogal média anterior postônica final e constatamos que, assim como os dados de Mercer (1992), o ALPR (1994 e 2007) e este estudo, o Paraná apresenta uma divisão dialetal, sendo que na parte mais ao norte da linha realiza-se o alçamento e, na parte mais ao sul, a manutenção.

Figura 21 – Carta 8 – Alçamento e manutenção no ALERS



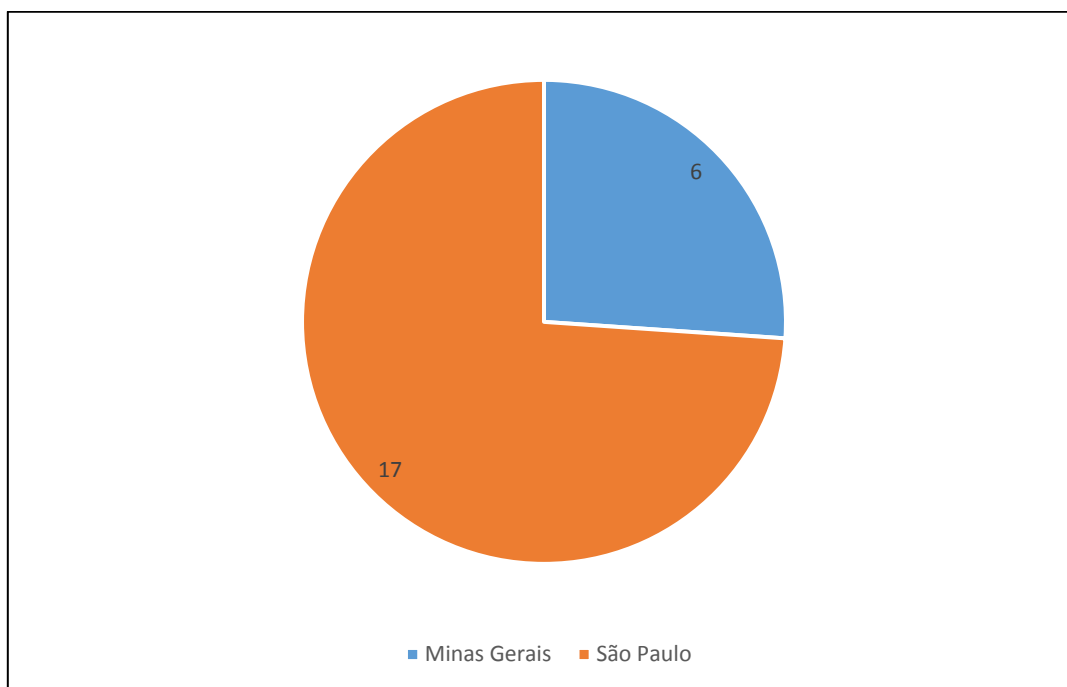
Fonte: Adaptado de ALERS (2011 [2002], p. 141).

É importante observar que a Região Norte do Paraná apresenta características semelhantes às do estado de São Paulo, mais do que em relação à sua própria capital. Essa afirmação baseia-se na hipótese de que o alçamento da vogal média anterior /e/ seja um fenômeno inovador no estado do Paraná, cujo processo de difusão teve início a partir do êxodo de paulistas e mineiros no momento da grande industrialização daquelas regiões, cenário que acarretou grandes dificuldades para os produtores de café que optaram por migrar para o Norte paranaense que, até então, era pouco povoado e apresentava melhores condições climáticas, além de solo extremamente fértil.

Sobre a ocupação do Norte do Paraná, Mercer (1992) explica que o povoamento do Norte paranaense se iniciou na segunda metade do século XIX com a chegada de mineiros e paulistas. O primeiro grupo de pioneiros implantou fazendas no estilo tradicional paulista, com o predomínio de grandes propriedades, dando início ao “Norte Velho” ou “Norte Pioneiro”, já o segundo grupo contou com companhias colonizadoras, como a *Paraná Plantations Limited*, estabelecendo o “Norte Novo”. A terceira onda colonizadora ocupou o “Norte Novíssimo” como parte da iniciativa governamental.

Nesse contexto, a região foi sendo cada vez mais povoada por mineiros e paulistas, que trouxeram seus hábitos, seus costumes, sua cultura e, também, suas características de fala, entre elas, o alçamento das vogais átonas em posição final. Assim, o processo de difusão passou, primeiramente, pelas comunidades e foi em direção ao campo.

Quando analisamos as informações constantes das fichas dos informantes do ALiB, objeto deste estudo, confirmamos a influência de mineiros e, especialmente, paulistas no processo de povoamento da Região Norte. Entre os dados, destacamos que o pai do informante 1 de Nova Londrina (ponto 207) é mineiro; os pais da informante 4 de Nova Londrina (ponto 207) são de Descalvado – SP; os pais do informante 2 de Londrina (ponto 208) são de São Paulo – SP; do informante 3 de Londrina (ponto 208), a mãe é do estado de São Paulo e o pai de Minas Gerais; a mãe da informante 4 de Londrina (ponto 208) é do estado de São Paulo; os pais do informante 1 de Terra Boa (ponto 209) são do estado de São Paulo; os pais do informante 3 de Terra Boa (ponto 209) são de Batatais – SP; os pais da informante 4 de Terra Boa (ponto 209) são de Matão – SP; a mãe do informante 3 de Umuarama (ponto 210) é de Ribeirão Preto – SP; os pais da informante 4 de Umuarama (ponto 210) são de Berilo – SP; a mãe do informante 1 de Tomazina (ponto 211) é do estado de São Paulo; a mãe da informante 2 de Tomazina (ponto 211) é de Minas Gerais; a mãe do informante 3 de Tomazina (ponto 211) é de Pouso Alegre – MG; o pai da informante 4 de Tomazina (ponto 211) é de Minas Gerais; a mãe da informante 1 de Campo Mourão (ponto 212) é de Minas Gerais ou, sinteticamente exposto no gráfico 7.

Gráfico 7 – Influência de mineiros e paulistas no povoamento da Região Norte

Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Esse cenário resulta, até nos dias de hoje, na forte influência nos hábitos, na cultura e, também, na língua dos falantes do Norte do Estado, aspectos que se espelham nos traços dos habitantes naturais do sul do estado de São Paulo, e não da capital paranaense, como foi observado por Lourenço (2015).

Ao contrário da Região Norte do estado, a Região Sul apresenta índices significativos de manutenção da vogal e, dentre todas as capitais sulistas, Curitiba apresenta os números mais significativos de manutenção da vogal média anterior, sendo 23,96%, e

Não se deve esquecer que uma das isófonas que separa o território estadual em norte e sul é dada por traço de que a comunidade falante tem consciência e utiliza como distintivo linguístico. Trata-se da conservação/alteamento do [e], que, como referido anteriormente, condiciona a presença ou ausência de palatalização de [t] no xibolete 'leite quente'. A consciência por parte dos falantes é indicativo da saliência dialetal do traço (MERCER, 1992, p. 108).

O traço de manutenção da vogal /e/ é destaque nas observações de Mercer (1992), visto que ele separa o território em Norte e Sul. Apesar de não ser categórica, a manutenção da vogal média no falar curitibano se destaca em comparação aos índices do estado paranaense e, ainda, das demais capitais deste estudo, podendo ser um

mecanismo consciente dos falantes como distintivo linguístico, como defendido por Mercer (1996).

Podemos afirmar que o dialeto da capital paranaense apresenta características marcantes “que vão desde o acervo lexical, prosódia até os traços fonéticos. Dentre os traços fonéticos, os mais marcantes são a predominância do tepe em coda interna, com a inserção gradativa do /r/ retroflexo, e o não alçamento da vogal átona final” (LOURENÇO, 2015, p. 46).

Há possibilidade de os falantes curitibanos realizarem, de forma consciente, a manutenção da vogal, a fim de marcar sua identidade, visto que, segundo Woodward (2000), a identidade é relacional, ou seja, se estabelece a partir da identidade do outro, ela é marcada pela diferença e, segundo Moreno Fernández (1998, p. 180), a identidade linguística é “aquilo que permite diferenciar um grupo do outro, uma etnia da outra, um povo do outro”.

Menon (2015), ao exemplificar as relações de identidade dos falantes paranaenses, discute a singularidade da pronúncia das vogais médias – anterior e posterior – por falantes da cidade de Curitiba. Segundo a autora, além de outros aspectos caracterizadores do falar curitibano, a pronúncia da vogal média anterior é sempre lembrada como marca de um falar sulista (o xibolete leite quente representa este estereótipo). Nas palavras da autora, “no dialeto curitibano, mantém-se a pronúncia de vogal anterior média [e]: [‘lej’te ‘ke’tē]” (MENON, 2015, p. 113). Na mesma obra, a autora admite a utilização do alçamento por curitibanos para desfazer os possíveis hiatos gerados por contexto de sequência de duas vogais.

Nesse sentido, como já observado por Lourenço (2015), a preservação da identidade do grupo e, conseqüentemente a identidade linguística, pode promover determinadas atitudes e comportamentos, seja de forma autônoma ou inconsciente, uma vez que “incorporamos atitudes que aparecem adequadas para a participação em grupos que consideramos importantes. Às vezes, mudamos de atitudes como meio para deixar um grupo e participar de outro” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 121), pois o prestígio estabelece-se a partir do prestígio vinculado ao indivíduo, isto é, seu posto social.

Salientamos que a noção de prestígio se associa à noção de identidade social, ao orgulho linguístico, à pertinência a uma dada classe social ou comunidade de fala, ou seja, a relação de prestígio não é imutável, ela varia segundo questões socioculturais,

econômicas, políticas, históricas, linguísticas, como afirma Moreno Fernández (1998). Assim, o falante de Curitiba é o falante da capital do estado, ou seja, ele é diferente dos falantes do interior do estado e, por diferente, podemos inferir um prestígio em direção ao falar/falante da capital, visto que “as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (WOODWARD, 2000, p. 18).

Dessa forma, estabelece-se um prestígio direcionado ao falar da capital em detrimento do falar interiorano, como explica Moreno Fernández (1998, p. 189), “processo de concessão de estima e respeito aos indivíduos ou aos grupos que reúnem certas características e que leva à imitação das condutas e crenças desses indivíduos ou grupos”. Esse prestígio atribuído a determinado grupo pode induzir à conservação de determinadas características, como explica Calvet (2002), como a hipótese apresentada nesta tese de que os curitibanos conservam a realização da vogal média anterior, ou seja, o estereotipado *leite quente* como marcador de sua identidade linguística.

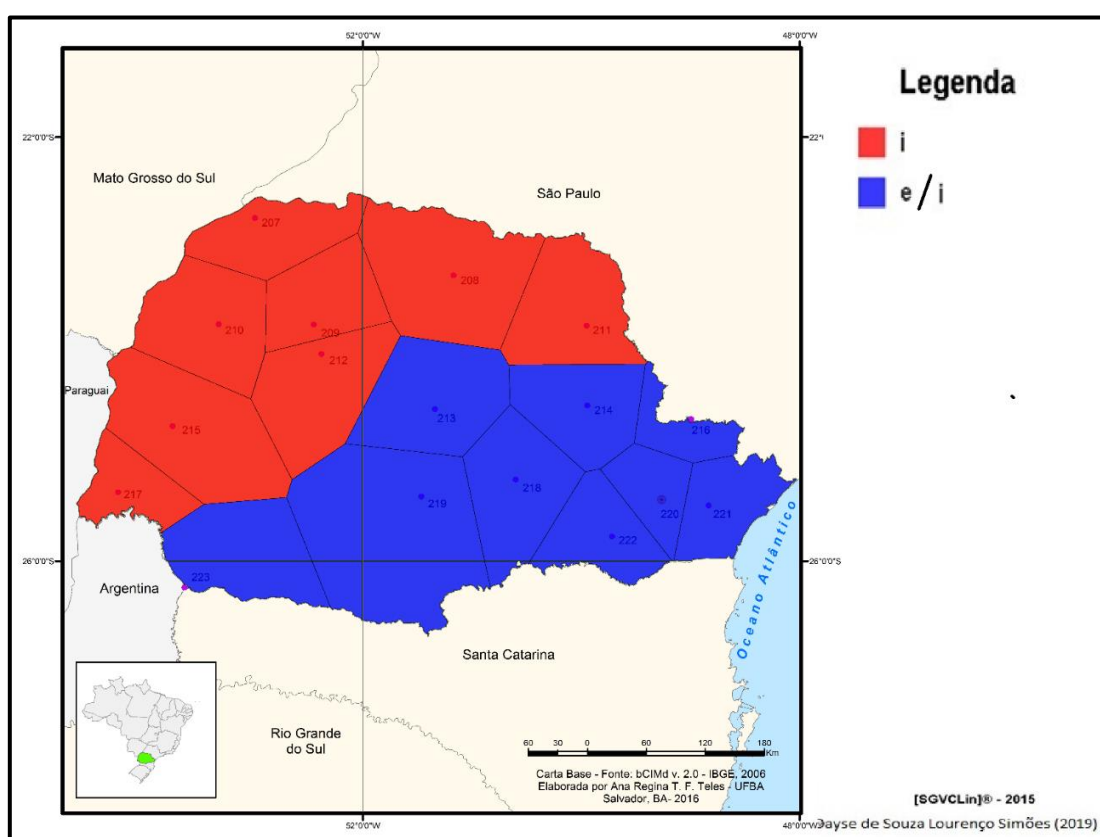
Lourenço (2015, p. 66) verificou os índices de prestígio e desprestígio de falantes curitibanos e constatou que “os curitibanos consideram os próprios curitibanos como mais ricos culturalmente, mais trabalhadores e mais solidários”, pois “a atribuição de maior prestígio ao falar curitibano é decorrente do *status* social mais elevado que a capital apresenta em comparação a um município do interior. Isso ocorre porque o prestígio linguístico é estreitamente vinculado ao *status* social” (LOURENÇO, 2015, p. 81).

Assim, é possível assinalarmos a importância de considerar o prestígio linguístico do falar da capital como condicionador da manutenção da vogal média anterior por falantes curitibanos estabelecendo, desse modo, o “dialeto” característico de Curitiba e sua região metropolitana.

Por outro lado, destacamos que, no estado paranaense, é possível delimitar uma área em que o alçamento é categórico, isto é, ocorre em todas as respostas de todos os informantes. Essa divisão é ilustrada por meio da figura 22, que apresenta a realidade da produção oral paranaense. Em vermelho, sinalizamos a região em que ocorre somente o alçamento na fala de todos os informantes, isto é, onde o alçamento é categórico. Já na área em azul, ocorrem as duas formas na fala de um ou mais informantes. Ressaltamos, ainda, que não há nenhuma localidade paranaense em que a manutenção é categórica.

Destacamos que, nesta figura, não apresentamos percentual ou índices de ocorrência, apenas a presença ou ausência de cada forma. Por meio da figura 19, constatamos que o alçamento é realizado na fala de informantes de todas as localidades paranaenses e é a única forma em Nova Londrina (207), Londrina (208), Terra Boa (209), Umuarama (210), Tomazina (211), Campo Mourão (212), Toledo (215) e São Miguel do Iguçu (217).

Figura 22 – MAPA 3 – Arealidade da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final

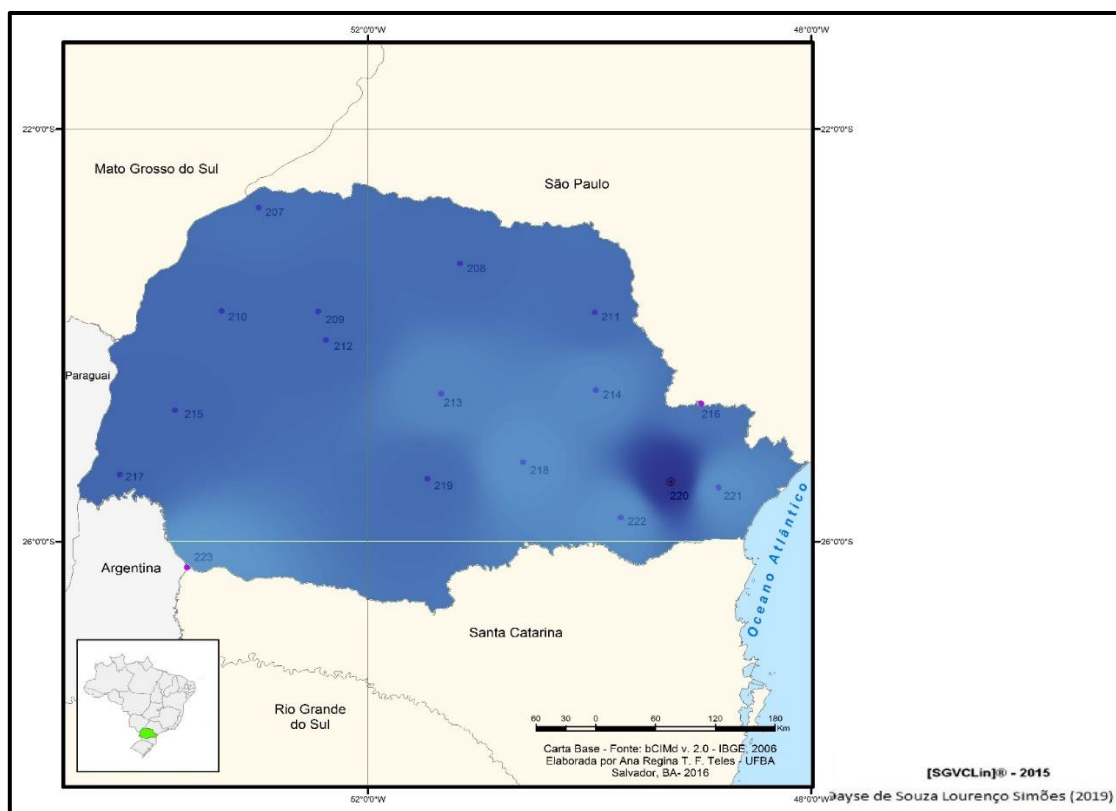


Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

A figura 22 delimita claramente a isófono traçada no Paraná a respeito da realização da vogal média anterior postônica final, ou seja, há uma área, a Região Norte, em que existe como traço a realização categórica do alçamento neste contexto.

Além da análise de presença ou ausência da variante, observamos a proporção da realização do alçamento ilustrada na figura 23.

Figura 23 – MAPA 4 – Arealidade gradual do alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

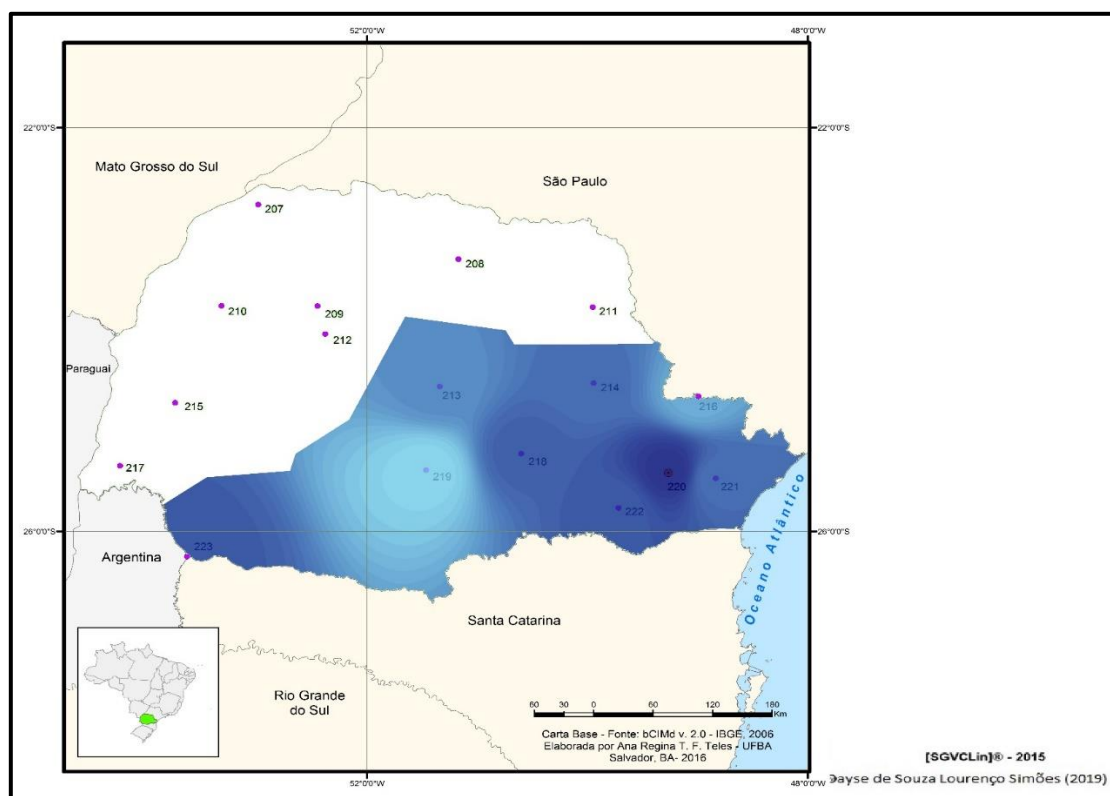
A carta de arealidade gradual, figura 23, apresenta a proporção com que ocorre o alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final. Explicamos que o azul mais intenso ilustra onde há mais ocorrências de alçamento e, onde o azul está mais claro, há menos ocorrências do alçamento. Logo, detectamos uma delimitação na região Norte e Oeste do estado em que há uma tendência maior ao alçamento em comparação ao restante do território paranaense, apesar de o alçamento ser presente em todo estado, como já observado em outros mapas. Nesse sentido, Londrina e Umuarama, localizadas no Norte e Oeste do estado, respectivamente, cidades que foram colonizadas por companhias de terras, receberam migrantes paulistas e mineiros, e “com a chegada dos mineiros ao Norte Pioneiro iniciou-se a partir desta região a difusão de inovações lingüísticas, entre as quais a realização da velar do /R/ e a elevação de /e/ átono final, que hoje participam da divisão norte e sul” (MERCER, 1992, p. 112).

Além dos movimentos migratórios e da expansão econômica da região, o avanço do alçamento se deve, também, à deriva da língua, processo que prevê a realização das

vogais altas em contexto átono final como categóricas no português do Brasil, como já assinalou Câmara Junior (1982). Quando verificamos os dados da manutenção da vogal, observamos a presença de gradações em relação à proporção em que é realizada.

Na figura 24 – MAPA 4, apresentamos a arealidade gradual da produção oral da vogal média anterior postônica final em manutenção. Nos pontos em que o azul está mais forte, há maior número de casos de manutenção da vogal e, conforme mais claro o azul, menor ocorrências de manutenção e, assim sucessivamente, até os pontos em que não ocorrem a manutenção, os quais estão em branco.

Figura 24 – MAPA 5 - Arealidade gradual da manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

No ponto 220, Curitiba, encontramos a maior frequência de manutenção na fala dos informantes. Vieira (2002; 2009) observou que Curitiba é a capital sulista em que há a maior preservação da vogal média. Semelhantemente, Bisol (2003) verificou que a capital paranaense apresenta um comportamento divergente em relação às demais

capitais do sul do Brasil, pois enquanto o alçamento é apresentado como categórico em Porto Alegre, em Curitiba ele é que tem menor frequência.

Sobre a capital paranaense, Menon (2015), em seu texto intitulado *Leite quente*: o xibolete curitibano, destaca que os falantes alternam a realização da vogal [e], visto que

Os curitibanos podem elevar, sob certas circunstâncias, a vogal média anterior ou posterior: no contexto de sequência de duas vogais, cuja pronúncia geraria um hiato, é possível ocorrer o alçamento da vogal, produzindo-se [i] ou [u] ou as semivogais [i] e [w] para produzir uma crase ou um ditongo (MENON, 2015, p. 114).

Da mesma forma, Barracão (223) apresenta coocorrência das formas, sendo o ponto com a segunda maior proporção de manutenção da vogal, seguido de Lapa (222), Morretes (221), Imbituva (218), Piraí do Sul (214) e Cândido de Abreu (213), demarcando o território paranaense que apresenta a preservação da vogal média, território que, com a abertura do Caminho do Viamão¹⁹, em 1731, e a criação de gado, teve o início da principal atividade econômica paranaense do século XVIII: o tropeirismo.

Mercer (1992) explica que grandes tropas partiam do Rio Grande do Sul até a feira de Sorocaba. Com base nessa atividade, foram surgindo povoados, como Lajes, Lapa, Palmeira, Ponta grossa, Piraí do Sul, Castro, Jaguariaíva, Itararé e outros. Além da ocupação dos campos gerais e Curitiba, a atividade tropeira foi responsável pelo povoamento dos campos de Guarapuava e de Palmas.

Nesse sentido, recorreremos às fichas dos informantes e verificamos que os pais dos informantes 2 e 4 de Barracão (ponto 223) são do Rio Grande do Sul, mais especificamente da região Norte do estado, onde encontramos percentual significativo de manutenção da vogal média; o informante 1 de Cândido de Abreu (ponto 214) assinalou que seus avós são imigrantes poloneses; a informante 4 de Cândido de Abreu (ponto 214) tem avós poloneses.

¹⁹ “Desde o século XVIII até o princípio do século XX, estabeleceu-se uma rota entre o extremo sul do Brasil e a cidade de Sorocaba, chamada Caminho do Viamão, pela qual seguiam as tropas de muares criados no Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, com destino à Feira de Muares de Sorocaba, onde eram vendidas e distribuídas para todo o interior do país.” (TROPEIROS: o caminho de Viamão. Disponível em: <https://tropeirosmuseumunacional.wordpress.com/about/>. Acesso em: 17 set. 2018.)

Já Curitiba, inicialmente foi colonizada por meio da vinda dos bandeirantes atraídos pelo ouro. Em seguida, a capital paranaense recebeu povoados a partir da atividade tropeira no Caminho de Viamão. Além disso, recebeu imigrantes alemães, italianos, poloneses e ucranianos, os quais influenciaram nos hábitos locais. Mais tarde, Morretes recebeu uma onda migratória de italianos, alemães, sírios e, recentemente, japoneses. Mercer (1992) afirma que Curitiba e seus arredores receberam grande número de alemães, italianos e poloneses para o povoamento da região, como os pais da informante 4 de Curitiba (ponto 220) que são poloneses, conforme consta na ficha dos informantes.

Amadeu Amaral (1981 [1920]), ao observar o comportamento das vogais átonas, afirma que, em posição postônica dos vocábulos graves, as vogais átonas se mantêm, ou seja, não há o processo de alçamento, diferentemente do comportamento apresentado em Portugal a partir do século XVIII. Amadeu Amaral (1981 [1920]) inclui a manutenção da vogal média anterior como um traço do *dialeto caipira*, o qual “acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso” (AMARAL, 1981 [1920], p. 12).

Indubitavelmente, não podemos caracterizar Curitiba como uma pequena localidade que não acompanhou o progresso, no entanto, destacamos que a capital paranaense passa por mudanças linguísticas ao longo dos anos, cuja mudança de perfil observaremos na comparação entre as duas faixas etárias do nosso corpus.

Uma síntese do Estado

Sinteticamente, verificamos, no estado paranaense, uma delimitação espacial que divide o estado em Norte/Oeste e Sul/Leste. Na Região Norte/Oeste, o alçamento é categórico e, na Região Sul/Leste, a existe a presença da manutenção de forma significativa. Essa divisão foi observada por Mercer (1992), registrada no ALPR (1994 e 2007), corroboram os dados desta tese que aponta que as cidades do Norte tendem a alçar mais a vogal do que as cidades do Sul. A carta 44 demonstra que a vogal média anterior precedida de /t/ e /d/ apresenta um comportamento distinto ao comparar os falares paranaenses, sendo que o Norte do estado tende a alçar enquanto o Sul, tende à manutenção da vogal. Mercer (1992, p. 97) afirma que o alçamento da vogal média

pode ser uma inovação que estaria se difundindo a partir da Região Norte do Paraná em direção ao restante do estado.

Destacamos, ainda, a influência de mineiros e, especialmente, de paulistas no processo de povoamento da Região Norte. Esse contexto reflete, até nos dias de hoje, em impacto nos hábitos, na cultura e, conseqüentemente, nos falares do Norte do estado, aspectos que se espelham muito mais nos traços dos habitantes naturais da região sul do estado de São Paulo do que com os traços da própria capital.

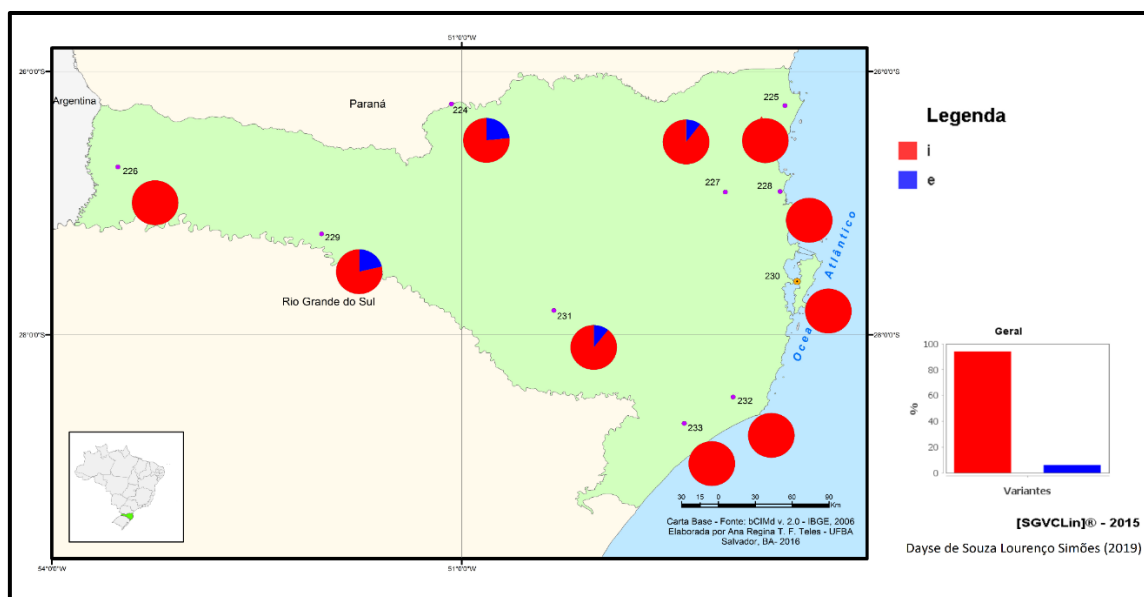
Em contrapartida, asseveramos que o ponto 220, Curitiba, apresenta os maiores percentuais de manutenção na fala dos informantes, consoante à constatação de Vieira (2002; 2009) ao observar que Curitiba é a capital sulista em que há a maior preservação da vogal média. Esse cenário deve-se pelo processo de povoamento que mescla povos descendentes de alemães, italianos, poloneses e ucranianos, além da atividade tropeira no Caminho de Viamão, os quais influenciaram nos hábitos locais e, principalmente, nas características linguísticas.

Esse cenário torna o estado paranaense particularmente interessante no que tange à realização da vogal média anterior postônica final, pois tendo em vista que o fenômeno traça uma isofônica capaz de delimitar e, ainda, caracterizar os falares do Paraná.

6.2.2 SANTA CATARINA

Nas análises para o estado de Santa Catarina, a figura 25 – MAPA 6, organizado com os dados gerais registrados na fala catarinense, aponta para o alçamento da vogal média anterior, presente na fala de todos os informantes em todos os pontos investigados no estado, como pode ser observado no mapa 6.

Figura 25 – MAPA 6 – Distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final

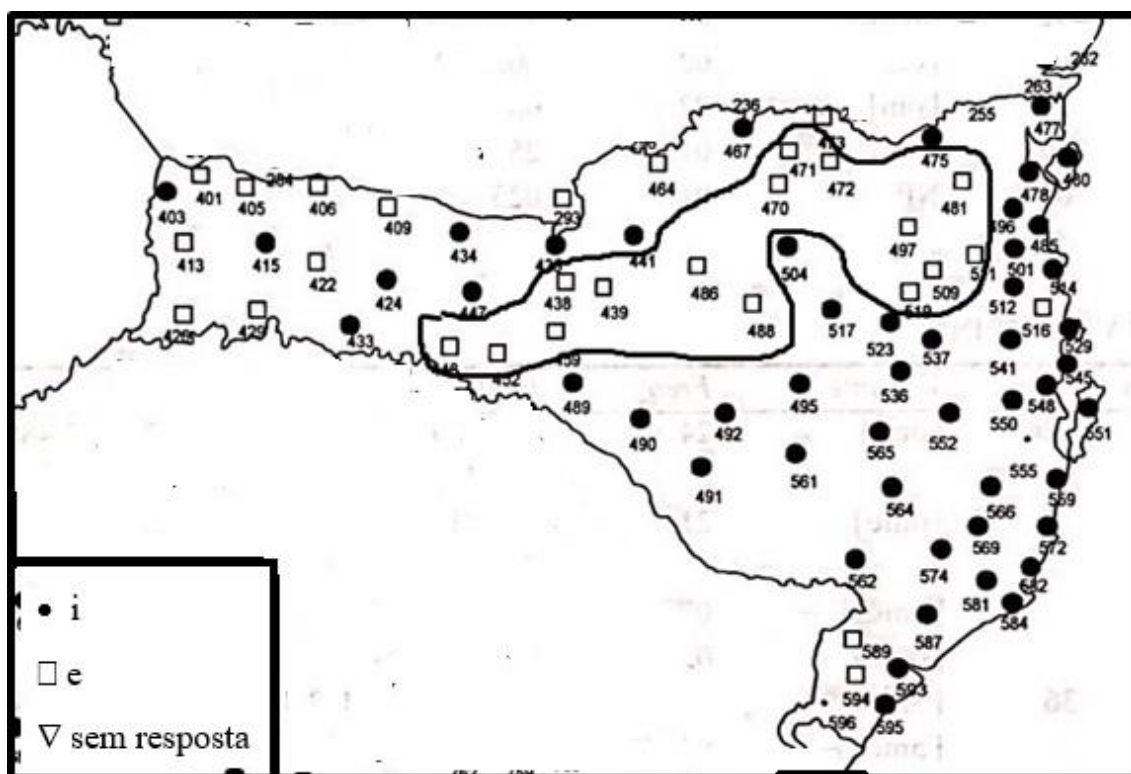


Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Constatamos que, nas localidades São Francisco do Sul (225), São Miguel do Oeste (226), Itajaí (228), Florianópolis (230), Tubarão (232) e Criciúma (233), o alçamento é categórico, enquanto nos municípios Porto União (224), Blumenau (227), Concórdia (229) e Lages (231), localizados na região central do estado, há coocorrência de manutenção e de alçamento, formando uma ilha de manutenção da vogal média anterior no interior do estado. Este “bolsão de resistência” da vogal média ocorre, particularmente, por razões étnicas, como veremos no decorrer da análise.

A delimitação da área central do estado catarinense, na qual a realização da vogal média anterior postônica final apresenta coocorrência entre as formas de alçamento e manutenção, diferenciando-se das extremidades do estado, em que o alçamento é categórico, é também anotada na carta 8 do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (2011), que apresenta os dados sobre a realização da vogal média anterior na pronúncia do vocábulo *sete*, cujos dados demonstram que o interior do estado de Santa Catarina tem índices mais significativos de manutenção, como demonstramos na figura 26.

Figura 26 – Carta 8 – Alçamento e manutenção no ALERS



Fonte: Adaptado de ALERS (2011 [2002], p. 141).

A figura 26 demonstra a distribuição diatópica da realização da vogal média anterior postônica final em Santa Catarina a partir dos dados do ALERS, em que pode ser observado o alçamento, representado pelo símbolo ● (círculo preenchido), predominando no litoral e no sul do estado. A manutenção da vogal está representada pelo □ (quadrado vazado) e predomina mais ao centro, parte do norte e no oeste catarinense. Esse cenário corrobora os dados apresentados por este estudo.

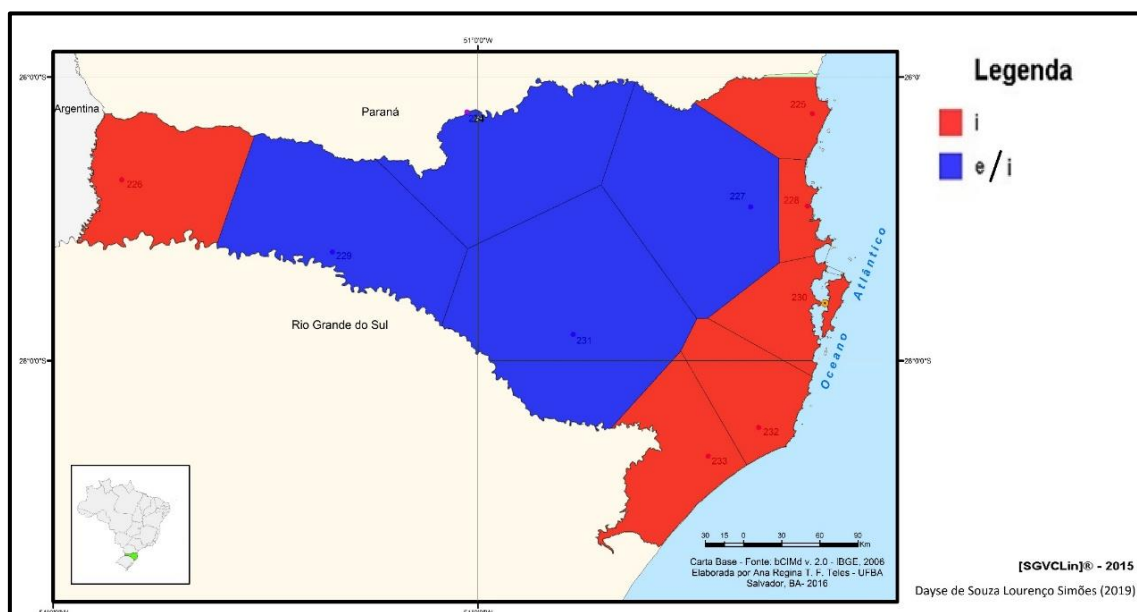
Lenzi (2008), que examinou a realização da vogal média por falantes de Doutor Pedrinho (SC), município localizado na região central do estado, constatou que são utilizadas as cinco vogais em posição postônica final, ou seja, ocorre a manutenção da vogal média. O município de Doutor Pedrinho não faz parte da rede de pontos do ALiB, no entanto, localiza-se próxima a Blumenau, ponto 227 do ALiB (são apenas 67 quilômetros de distância entre as cidades). Lenzi (2008, p. 64) explica esse cenário pela influência dos descendentes de italianos e alemães no falar local.

Apesar de se tratar de um fato estigmatizado, os falantes daquela região ainda sofrem significativa influência histórica, visto se tratar de um reflexo do bilingüismo, sobretudo português/italiano, que marca o dialeto da cidade. Assim, considerando tratar-se de uma comunidade com forte característica italiana, os dados levam a crer que a etnia seja um fator condicionante para a elevação ou não da vogal média em posição átona final.

Além da influência italiana no município de Doutor Pedrinho, Blumenau, ponto 227, há forte presença da cultura alemã desde sua formação até os dias atuais, implicando, também, no falar. Além disso, em Concórdia (ponto 229), onde encontramos significativo percentual de manutenção da vogal média, encontramos influência italiana, como observamos na ficha da informante 4 da localidade.

No estado catarinense, é possível delimitar uma área em que o alçamento é categórico, isto é, ocorre em todas as respostas de todos os informantes. Essa divisão é ilustrada por meio da figura 27.

Figura 27 – MAPA 7 – Arealidade da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

A figura 27 apresenta a arealidade da produção oral catarinense. A cor vermelha sinaliza a região em que ocorre somente o alçamento na fala de todos os informantes, isto é, onde o alçamento é categórico, enquanto na grande área em azul, encontramos as

duas formas coocorrendo na fala de um ou mais informantes. Destacamos, ainda, que não há nenhuma localidade catarinense em que a manutenção é categórica.

Nesta figura, não apresentamos percentual ou índices de ocorrência, apenas a presença ou ausência de cada forma. Assim, verificamos que o alçamento é realizado na fala de informantes de todas as localidades catarinenses e é a única forma em São Miguel do Oeste (226), Tubarão (232) e Criciúma (233), confirmando o cenário diferenciador entre as extremidades e o centro do estado catarinense.

Nesse sentido, Altenhofen (2005) classifica o estado de Santa Catarina como uma área de transição entre o Paraná e o Rio Grande do Sul, caracterizado por isoglossas estabelecidas de Leste a Oeste que reúnem “um feixe de isoglossas que percorre Santa Catarina sob forma de um leque com 150 Km de largura a oeste e 500 a leste” (KOCH, 2000, p. 57).

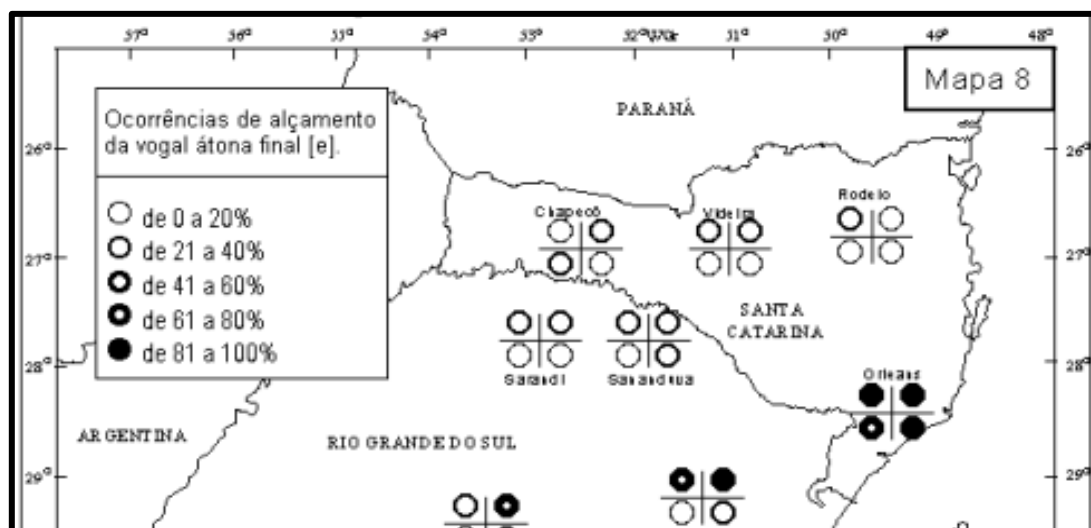
Essa divisão é, possivelmente, reflexo de dois movimentos colonizadores em sentidos opostos, sendo o primeiro na direção Sudoeste, partindo do “Paraná antigo”, e no sentido Sul com traços paulistanos-paranaenses, enquanto o segundo movimento trata-se do processo migratório das Missões, do Noroeste do Rio Grande do Sul, com grande volume dos descendentes de alemães, italianos e poloneses.

Altenhofen (2005) afirma a influência das línguas de imigrantes europeus por meio de um corredor lateral, ao lado Oeste de Santa Catarina até o Sudoeste do Paraná, região em que é possível encontrar, nas gerações mais velhas, pessoas nascidas no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, nos reportamos à nossa carta de distribuição diatópica do Paraná, a qual apresenta um cenário ligeiramente distinto, visto que o alçamento é bastante presente, exceto no ponto 223, Barracão, em que a manutenção encontra-se de forma bastante significativa. Contudo, em relação ao estado de Santa Catarina, nossos dados contam com um ponto na Região Oeste, tornando essa comparação pouco produtiva. Outros trabalhos poderão ser feitos a partir de dados que complementem os já realizados.

Paralelo ao corredor Oeste, Altenhofen (2005) destaca o corredor litorâneo, no qual é indispensável considerar a impactante influência açoriana, especialmente na capital catarinense. Esse cenário pode explicar a realização categórica de alçamento em Florianópolis, confirmando o que afirma Koch (2000) sobre a alta frequência do alçamento de /e/ átono final e da palatalização de /t/.

De forma semelhante, Margotti (2004), verificando a influência da língua italiana no português brasileiro, observou a realização da vogal média anterior postônica final no falar de descendentes de italianos e constatou que esse é um fator condicionante para a realização da manutenção, como observamos na figura 28.

Figura 28 – Difusão do português em contato com o italiano

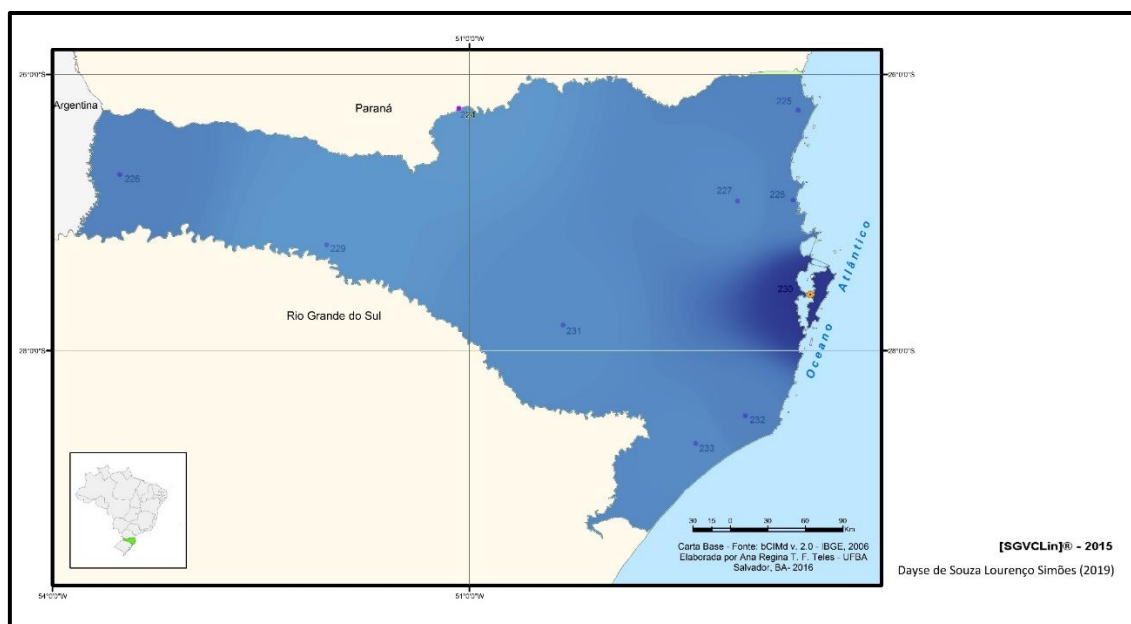


Fonte: Adaptado de Margotti (2004)

A influência da língua italiana atua na produção da vogal média anterior postônica final, favorecendo a realização do não alçamento, pois, nos pontos selecionados por Margotti (2004), Chapecó, Videira e Rodeio, os quais possuem forte presença de descendentes italianos, há altos percentuais de realização da manutenção da vogal média postônica final, a exceção de Orleans, localidade com índices elevados de alçamento.

Além da carta de arealidade, na figura 29 – MAPA 8, ilustramos a proporção em que ocorre o alçamento da vogal em Santa Catarina.

Figura 29 – MAPA 8 – Arealidade gradual do alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final



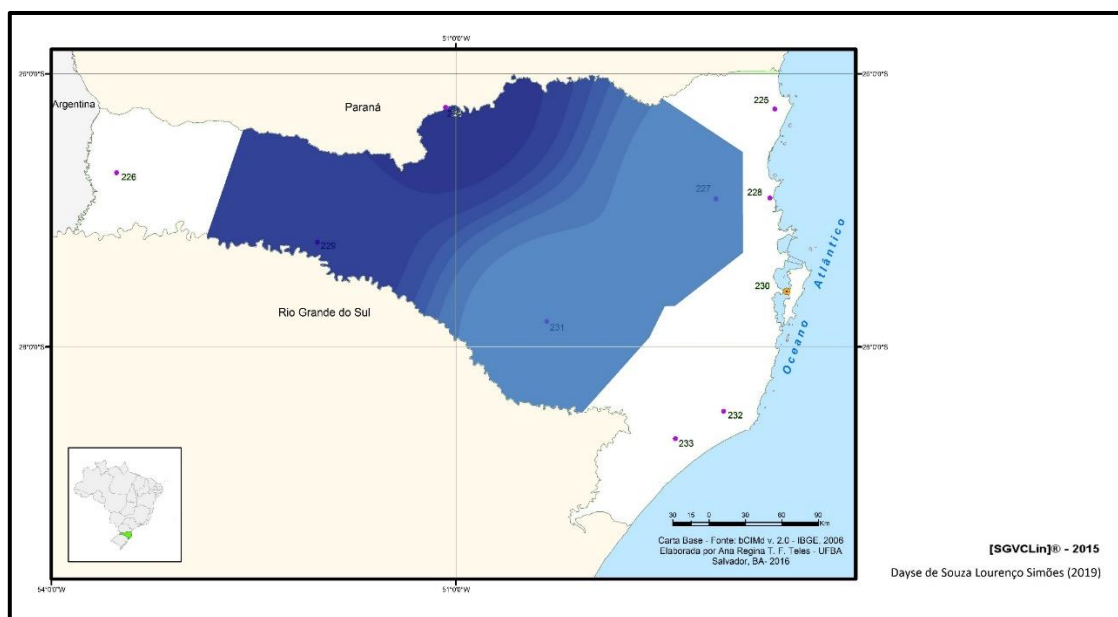
Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

A figura 29 é uma carta de arealidade gradual, na qual apresentamos a intensidade, ou seja, a proporção, com que ocorre o fenômeno. Neste caso, o alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final. Na carta, representamos com o azul mais intenso onde há mais ocorrências de alçamento e, com o azul mais claro, onde há menos ocorrências do alçamento.

As nuances de azul possibilitam observarmos que o alçamento estabelece duas porções nas extremidades do estado catarinense em que ocorre em maior frequência.

Na figura 30, apresentamos a arealidade gradual da manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final.

Figura 30 – MAPA 9 – Arealidade gradual da manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Em análise aos dados apresentados, nos pontos em que o azul está mais forte, há mais casos de manutenção da vogal *e*, conforme mais claro o azul, menos ocorrências de manutenção *e*, assim sucessivamente, até os pontos em que não ocorre manutenção, sinalizados em branco.

Verificamos que, no centro do estado catarinense, nos pontos Porto União (224), Blumenau (227), Concórdia (229) e Lages (231), encontramos uma frequência maior de manutenção em comparação às extremidades do estado.

De acordo com Vieira (2002), os informantes de zona de colonização italiana são os que mais realizam a manutenção da vogal /*e*/ postônica final, confirmando Frosi e Mioranza (1983) que relaciona o fenômeno à interferência da estrutura dos dialetos italianos no português, especialmente do vêneto e do trentino, uma vez que, nos dialetos italianos, o /*i*/ raramente aparece em formas de número singular, sendo o /*e*/ final uma vogal temática, tanto de nomes masculinos quanto de nomes femininos e o /*i*/, morfema de plural dos nomes masculinos, e o /*e*/ é morfema de plural dos nomes femininos.

Margotti (2004) afirma que entre os ítalo-brasileiros, quando falam português, realizam as vogais /*e*/ e /*o*/ átonas finais em vez das vogais alçadas /*i*/ e /*u*/, ressaltando, contudo, que essa é uma regra variável consequente da inter-influência linguística com a língua italiana.

Frosi e Mioranza (1983) explicam que, nos dialetos vêneto e trentino, o tema da maior parte dos nomes no singular, masculinos ou femininos, é marcado pelas vogais vogais **a**, **o**, **e**. A vogal **i** aparece em alguns advérbios, alguns numerais, nos dias da semana e em algumas formas verbais, aparece em alguns advérbios, alguns numerais, nos dias da semana e em algumas formas verbais. De modo genérico, pode-se dizer que, no singular, a vogal temática que mais ocorre é **e**, em nomes masculinos e femininos; já no plural, **i** é morfema de número dos nomes masculinos, enquanto **e** é morfema de número dos nomes femininos.

Constatamos que, no italiano falado nas áreas de colonização italiana no Sul do Brasil predomina, em posição postônica final, a vogal **e** sobre a vogal **i**, pois aparece tanto no singular quanto no plural. Assim sendo, ocorre que, ao falar português, os ítalo-brasileiros acabam, por vezes, obedecendo à estrutura da língua italiana, isto é, evitando o alçamento da vogal átona final **e**, uma vez que o **i** final, em italiano, marca o plural dos nomes masculinos. Logo, as realizações de **i** em substituição a **e** átono final revelam que a estrutura do português se difunde de forma cada vez mais intensa entre os descendentes de imigrantes italianos.

Uma síntese do Estado

Sinteticamente, no estado de Santa Catarina, constatamos que, nas localidades São Francisco do Sul (225), São Miguel do Oeste (226), Itajaí (228), Florianópolis (230), Tubarão (232) e Criciúma (233), o alçamento é categórico, enquanto em Porto União (224), Blumenau (227), Concórdia (229) e Lages (231), localizados na região central do estado, há coocorrência de manutenção e de alçamento, formando uma ilha de manutenção da vogal média anterior no interior do estado.

A ilha no centro do estado forma um “bolsão”, diferenciando-se das extremidades do estado, em que o alçamento é categórico. Esse cenário é também anotado na carta 8 do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (2011) que apresenta os dados sobre a realização da vogal média anterior na pronúncia do vocábulo *sete*.

Altenhofen (2005) classifica Santa Catarina como uma área de transição entre o Paraná e o Rio Grande do Sul, caracterizado por isoglossas estabelecidas de Leste a Oeste. Koch (2000, p. 57) explica que formam “um feixe de isoglossas que percorre Santa Catarina sob forma de um leque com 150 Km de largura a oeste e 500 a leste”.

Possivelmente, esse cenário é o reflexo de dois movimentos colonizadores em sentidos opostos, provenientes da direção Sudoeste, partindo do “Paraná antigo”, e no sentido Sul com traços paulistanos-paranaenses e o processo migratório das Missões, do Noroeste do Rio Grande do Sul, com grande volume dos descendentes de alemães, italianos e poloneses, respectivamente.

Reportamos aos dados de Blumenau, ponto 227 do ALiB, onde encontramos realizações de manutenção da vogal. Esse cenário, possivelmente, é consequência da influência dos descendentes de italianos e alemães no falar local, visto que Blumenau possui forte presença da cultura alemã desde sua formação até os dias atuais e Concórdia (ponto 229), onde encontramos significativo percentual de manutenção da vogal média, há influência italiana, como observamos nas fichas de informantes da localidade.

Vieira (2002) afirma que os informantes de zona de colonização italiana são os que mais realizam a manutenção da vogal /e/ postônica final, confirmando as afirmações de Frosi e Mioranza (1983), de que o fenômeno relacionado à interferência da estrutura dos dialetos italianos no português

Com resultados semelhantes, Margotti (2004), verificando a influência da língua italiana no português brasileiro, observou a realização da vogal média anterior postônica final no falar de descendentes de italianos e constatou que esse é um fator condicionante para a realização da manutenção, pois a influência da língua italiana atua na produção da vogal média anterior postônica final, favorecendo a realização da vogal média, observada em Chapecó, Videira e Rodeio, localidades que possuem forte presença de descendentes italianos e apresentam altos percentuais de realização da manutenção da vogal média postônica final. O autor afirma que os ítalo-brasileiros, quando falam português, realizam as vogais /e/ e /o/ átonas finais em vez das vogais alçadas /i/ e /u/, ressaltando, contudo, que essa é uma regra variável consequente da inter-influência linguística com a língua italiana.

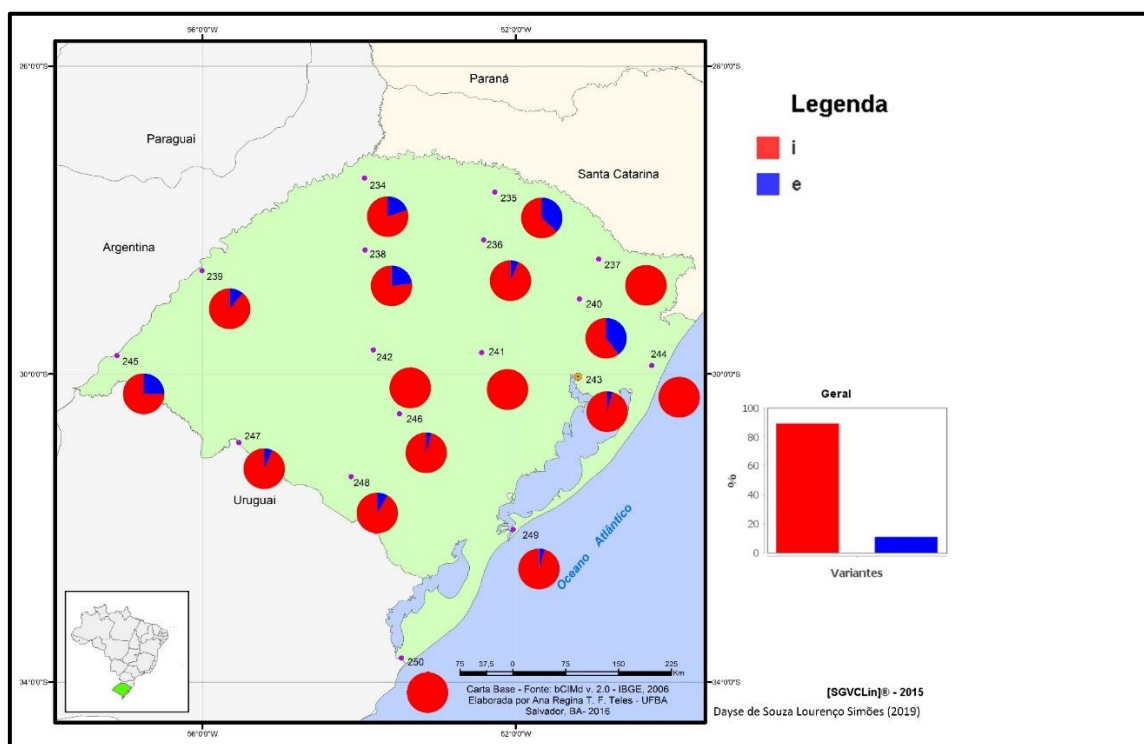
Altenhofen (2005) confirma que o corredor litorâneo, com forte influência açoriana, especialmente na capital catarinense, paralelamente ao corredor Oeste, é o cenário que pode explicar a realização categórica de alçamento na capital, confirmando o que afirma Koch (2000) sobre a alta frequência do alçamento de /e/ átono final e da palatalização de /t/.

Os dados destas pesquisas estão em consonância com o que apresentam nossos registros.

6.2.3 RIO GRANDE DO SUL

Para darmos continuidade à análise, apresentamos, na figura 31, a distribuição diatópica da produção oral da vogal média /e/ postônica final no Rio Grande do Sul.

Figura 31 – MAPA 10 – Distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Ao observarmos a figura 31, sobre a distribuição diatópica da realização da média anterior no território sul rio-grandense, constatamos que o alçamento da vogal também está presente na fala de todos os informantes de todos dos pontos linguísticos investigados no estado. Nas localidades Vacaria (237), Santa Cruz do Sul (241), Santa Maria (242), Osório (244) e Chuí (250) o alçamento é categórico.

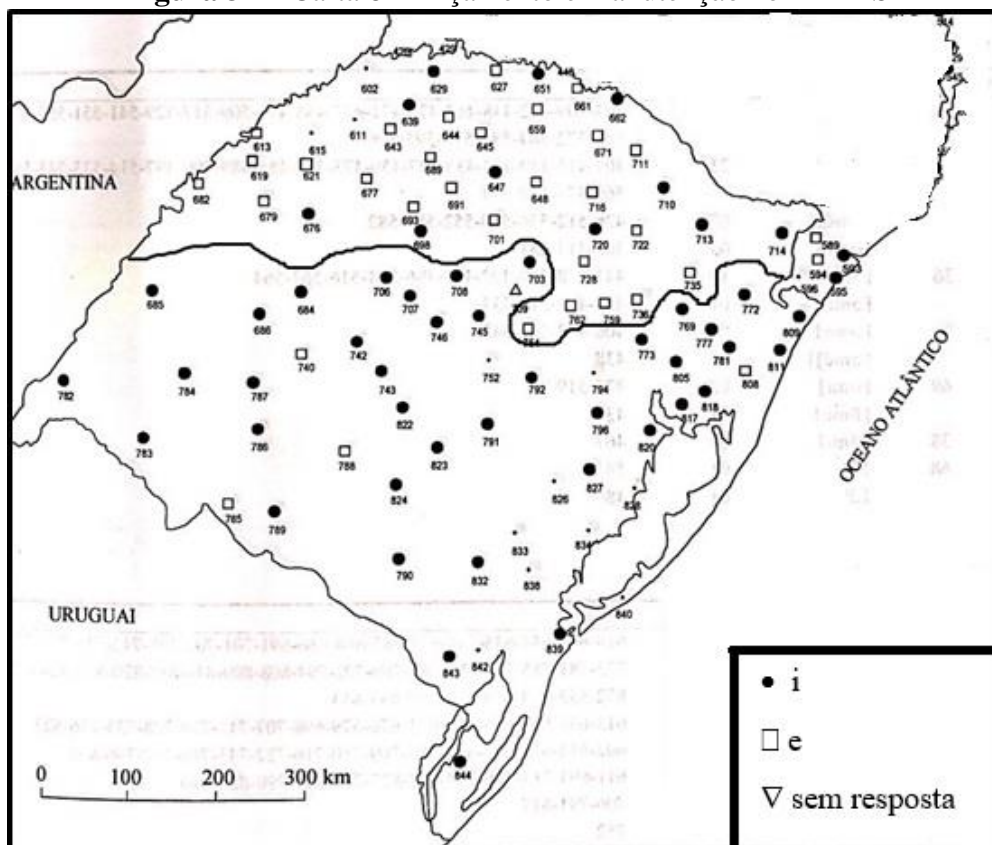
Em contrapartida, nos municípios Três Passos (234), Erechim (235), Ijuí (238), São Borja (239), Flores da Cunha (240) e Uruguaiana (245), apesar de o alçamento ser predominante, verificamos a realização da manutenção de [e] significativa, apresentando uma coocorrência entre as duas formas. Assim, apesar da coocorrência

entre as duas , tornando o Rio Grande do Sul o estado onde a manutenção da vogal média anterior é mais proeminente.

As seis localidades em que a manutenção tem realização significativa (Três Passos (234), Erechim (235), Ijuí (238), São Borja (239), Flores da Cunha (240) e Uruguaiana (245)) localizam-se mais ao Norte do estado, sendo possível traçar isofônica. Embora esta tese trate de um fenômeno isoladamente, há indícios de uma linha divisória entre Norte e Sul do estado sul-rio-grandense a partir das localidades onde a manutenção e alçamento ocorrem em coocorrência. O ponto em desequilíbrio para a parte mais ao Norte do estado é o ponto 237 – Vacaria, em que o alçamento é categórico.

De forma semelhante, a carta 8 do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (2011) apresenta os dados sobre a manutenção da vogal média na pronúncia para o vocábulo *sete*, demonstrando que o Norte do estado do Rio Grande do Sul apresenta índices mais significativos de manutenção e o Sul, mais presente o alçamento, como vemos ilustrado na figura 32, que ratifica a divisão diatópica dos dados desta tese.

Figura 32 – Carta 8 – Alçamento e manutenção no ALERS



Fonte: Adaptado de ALERS (2011 [2002], p. 141)

Duas localidades nos chamam atenção: Vacaria e Uruguaiana. Vacaria – ponto 237 do ALiB e 713 do ALERS, na primeira pesquisa, com entrevista realizada em 1992 (KOCH et al, 2011), já registra o alçamento. Os dados contemporâneos do ALiB (entrevistas realizadas no ano de 2009) registram a permanência do alçamento. Os informantes, de perfis diferentes (no primeiro rural e no segundo urbano) nos permitem afirmar a ilha linguística na localidade, o que pode denotar na diminuição gradual da realização da média anterior, já antecipada pela deriva das línguas.

Já Uruguaiana – ponto 245 do ALiB e 782 do ALERS, embora apresente, neste estudo, a realização do alçamento, aquele – mais recente – registra dados divergentes, alçamento categórico e coocorrência de alçamento (75%) e manutenção (25%). Esta mudança no comportamento da realização da vogal pode remeter a um “resgate de tradições” pela posição fronteiriça.

Ao analisar o comportamento da vogal média anterior nas três capitais sulistas, Vieira (2002) observou que o alçamento é majoritário nas três cidades, sendo Porto Alegre a capital que manifesta o maior índice.

Já em 1987, Schmitt verificou que, em Porto Alegre, o alçamento das vogais médias é quase categórico, ratificado com os dados desta tese, por outro lado, Schmitt (1987) observou que os informantes de comunidades italianas e fronteiriças mostraram-se mais conservadores quanto ao uso da vogal, ou seja, realizaram mais a manutenção, enquanto os falantes de comunidades alemãs apresentaram-se mais neutros no que se refere à elevação da vogal /e/.

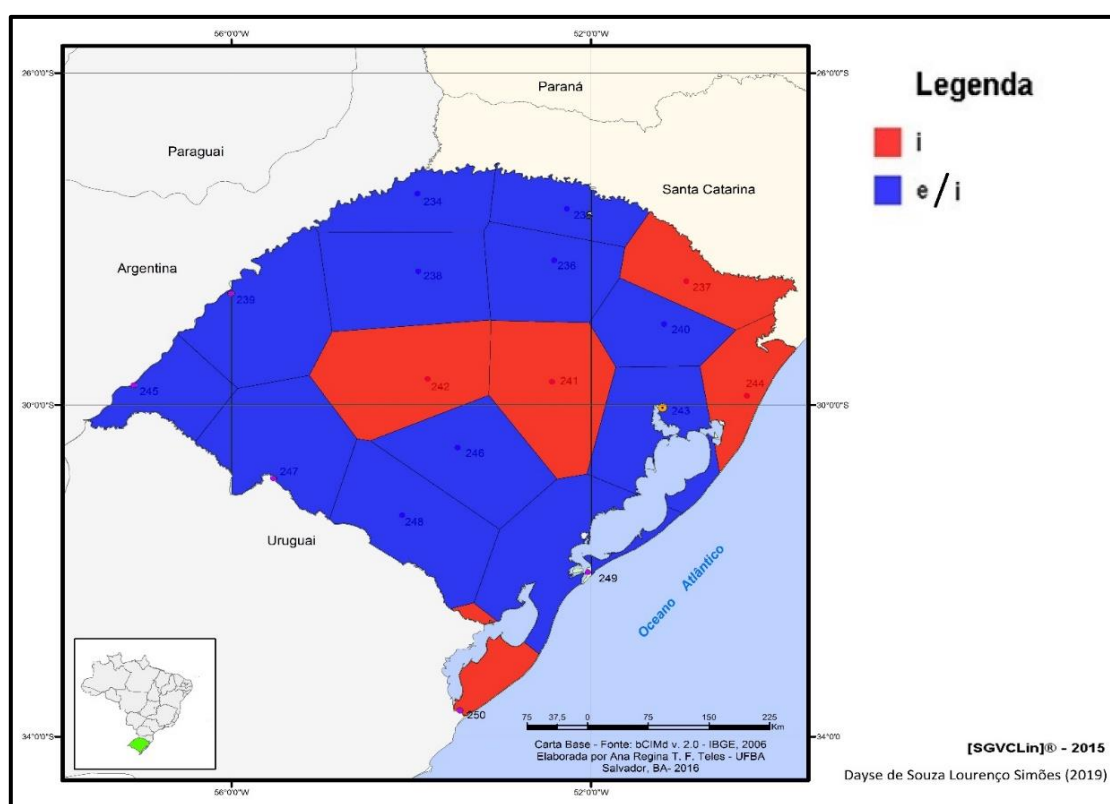
Vieira (1994) constatou que a influência da descendência é significativa para a realização do alçamento. Em estudo das vogais médias átonas finais na fala de 16 informantes de cada capital sulista, Vieira (1994) atestou que as regras de neutralização assinaladas por Câmara Junior se encontram em fase inicial nos estados sul brasileiros e, em Porto Alegre, apresenta-se de forma mais avançada, corroborando os dados apresentados nesta tese.

Esse cenário comprova o que Margotti (2004) afirma sobre a postura dos ítalo-brasileiros que, ao falarem português, realizam as vogais /e/ e /o/ átonas finais em vez das vogais alçadas /i/ e /u/, visto que essa é uma regra variável consequente da influência linguística da língua italiana. Frosi e Mioranza (1983) explicam que em determinados dialetos italianos, no singular, a vogal temática que mais ocorre é **e**, em nomes masculinos e femininos; já no plural, **i** é morfema de número dos nomes

masculinos, enquanto **e** é morfema de número dos nomes femininos. Dessa forma, a influência da língua italiana pode acarretar a maior realização da manutenção da vogal média em detrimento do alçamento, para falantes do português brasileiro nestas localidades.

Na figura 33, ilustramos a arealidade da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final.

Figura 33 – MAPA 11 – Arealidade da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Na figura 33, verificamos a arealidade da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final. Em vermelho, sinalizamos a região em que ocorre somente o alçamento na fala de todos os informantes, isto é, em que o alçamento é categórico, enquanto na área em azul, encontramos as duas realizações – alçamento e manutenção – coocorrendo na fala de um ou mais informantes.

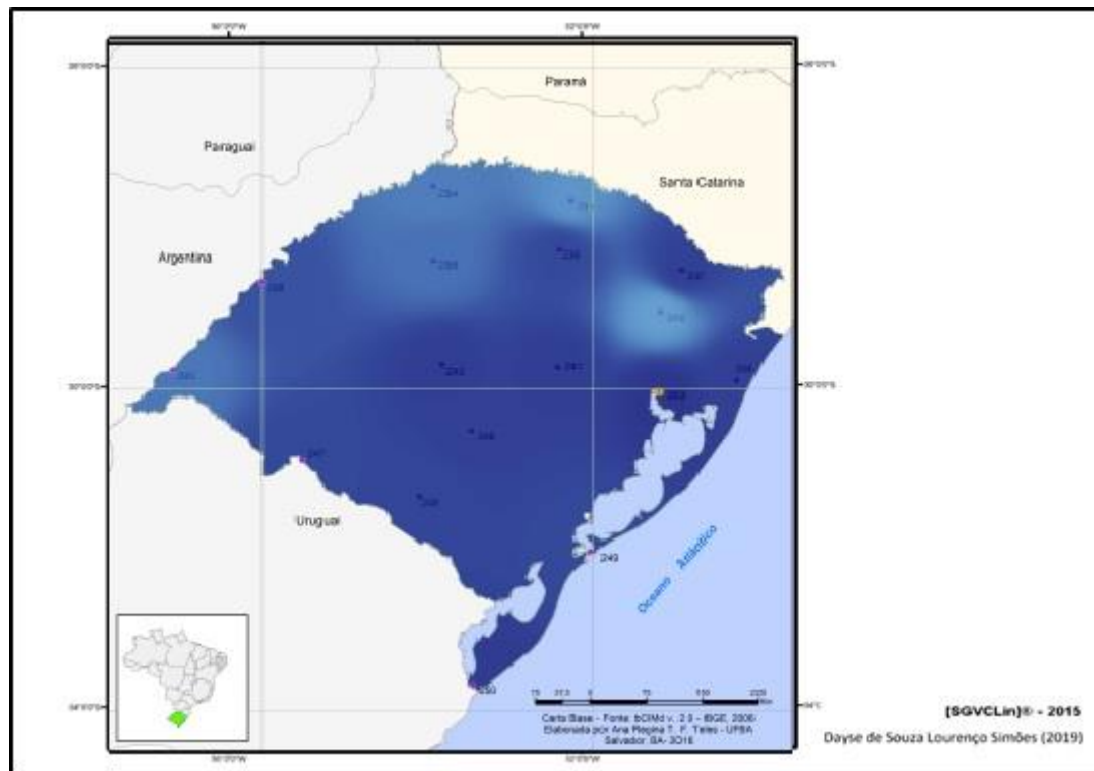
Afirmamos que, nesta figura, assim como nas dos demais estados, não apresentamos percentual ou índices de ocorrência, apenas a presença ou ausência da

vogal. Observamos que, em boa parte da extensão territorial gaúcha, existe a coocorrência entre a manutenção e o alçamento. Não há, em nossos dados, localidade gaúcha em que a manutenção seja categórica.

Nesse sentido, nos reportamos às hipóteses assinaladas por Altenhofen (2005), em que consta a importância do contato paulista-gaúcho anterior à chegada dos primeiros imigrantes alemães, em 1824, e italianos, em 1875, cenário que desencadeou muitas migrações internas no Rio Grande do Sul, resultando em rotas comerciais com intenso fluxo. Ainda, Altenhofen (2005) destaca que as áreas de campo e as antigas rotas de contato paulista-gaúcho refletem o português dos lusos e de demais imigrantes estrangeiros, os quais foram, pouco a pouco, se apropriando do falar daquele meio. O autor afirma que a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai mantém traços linguísticos decorrentes de momentos históricos de ocupação da área e oscilações das fronteiras com Portugal. O impacto que o bilinguismo daquela região causa nos falares acarreta em diferenças linguísticas significativas no território gaúcho, como territórios em que realizam o alçamento de forma categórica, ao contrário de pontos em que a manutenção apresenta-se de forma significativa.

Na figura 34, apresentamos a arealidade gradual do alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final.

Figura 34 – MAPA 12 – Arealidade gradual do alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

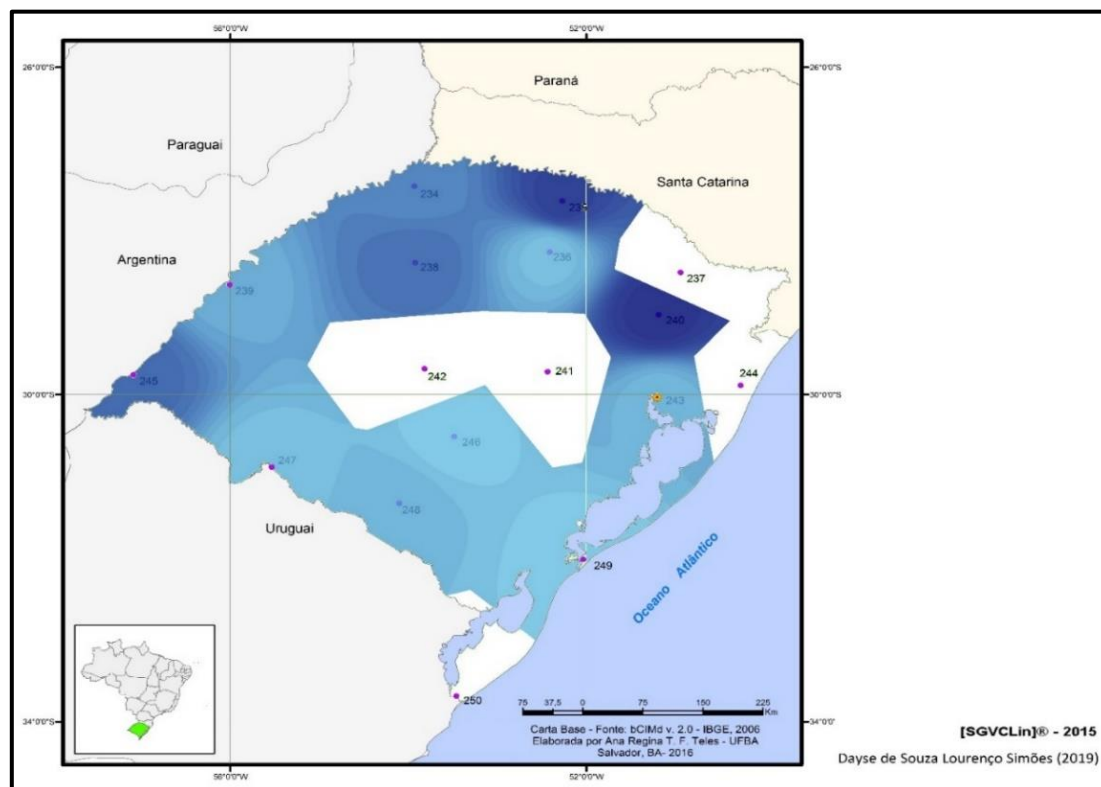
Constatamos que o alçamento da vogal também está presente na fala de todos os informantes de todos dos pontos linguísticos investigados no estado. Nas localidades Vacaria (237), Santa Cruz do Sul (241), Santa Maria (242), Osório (244) e Chuí (250), o alçamento é categórico. Já nos municípios de Três Passos (234), Erechim (235), Ijuí (238), São Borja (239), Flores da Cunha (240) e Uruguai (245), apesar de o alçamento ser predominante, a manutenção de [e] é significativa, apresentando uma coocorrência entre as duas formas.

Margotti (2004) explica que esse cenário também é apontado pelo ALERS (2002) por meio da carta linguística 8, a qual revela também que a manutenção da vogal átona final /e/ não é uma característica dos falantes que habitam os pampas gaúchos, contrariando, portanto, o estereótipo generalizado atribuído à fala do gaúcho de que a manutenção é predominante em todo o território.

Nesse sentido, observamos onde ocorre a manutenção da vogal e em que proporção isso acontece na fala dos gaúchos, conforme apontamos na figura 32, que demonstra a manutenção da média anterior nos pontos em que o azul está mais forte, e a

menor ocorrência da vogal nas áreas em que o azul se torna mais claro. Os pontos em que não ocorre manutenção - 237, 241, 242 e 244 - estão em branco.

Figura 35 – MAPA 13 – Arealidade gradual da manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Ao analisar o comportamento da vogal média anterior em comunidades bilíngues, português e italiano, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, Roveda (1998) constata que há uma tendência à manutenção nas cidades fronteiriças e de colonização alemã e italiana, nas quais o alçamento encontra-se em estágio inicial. Em nossos dados, podemos inferir este comportamento nas localidades de Uruguaiana – fronteira com a Argentina, Três Passos – inicialmente colônia militar para cuidar da fronteira, São Borja – fronteira com a Argentina, Flores da Cunha – colonizada por italianos e Erechim, colonizada, principalmente, por imigrantes italianos e germânicos.

De acordo com Vieira (2002), os informantes de zona de colonização italiana, como Flores da Cunha/RS, são os que mais preservam o /e/ átono final. Todavia, em São Borja, com base em dados da fala urbana do VARSUL, Vieira (2002) registrou 60% de manutenção, situação que confirma os dados apontados neste estudo, pois com

base nos dados do ALiB, o ponto 239 - São Borja apresenta altos índices de manutenção da vogal.

Mileski (2013a) afirma que a comunidade de Vista Alegre do Prata – RS preserva as vogais médias átonas finais devido às “características étnicas do município, já que a população é de descendentes de imigrantes poloneses e italianos. Entende-se, assim, que o português da comunidade sofre influências dos dialetos polonês e italiano, ainda falados na localidade” (MILESKI, 2013a, p. 67). Embora Vista Alegre do Prata não seja ponto linguístico do ALiB, a proximidade da história da colonização desta localidade com a de Flores da Cunha, que apresenta índices significativos de manutenção da vogal, pode ser comparado ao estudo citado e encontrar similaridade nas conclusões sobre o uso da vogal em pauta.

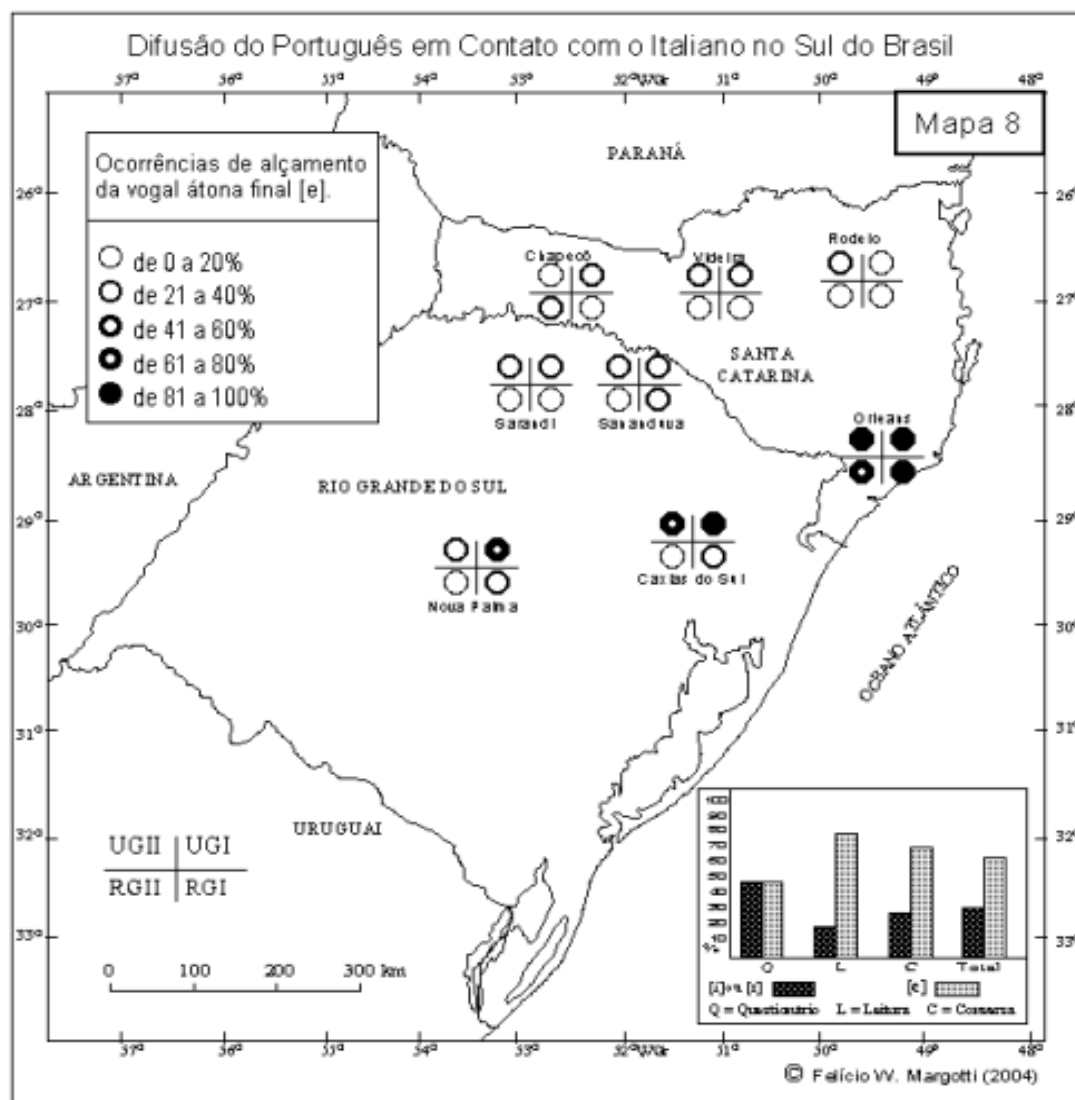
A localidade São Borja, município mais antigo do RS com data de fundação em 1682, segundo Vieira (2002), com base em dados da fala urbana do VARSUL, registrou 60% de manutenção da vogal média anterior, situação que confirma os dados apontados neste estudo.

A cidade de Ijuí merece certo destaque por ter recebido inúmeras nacionalidades em sua colonização. Seu título de capital da diversidade cultural pode explicar, em parte, a manutenção da vogal média. Nos discursos semidirigidos das entrevistas, a informante 2 conta que, antigamente, a cidade era mais movimentada e possuía mais festividades, confirmando a diversidade cultural da localidade. Já o informante 3 descreve que apesar de antigamente a cidade ser bem movimentada, atualmente, ela apresenta mais índices de criminalidade.

É provável que, assim como Labov, em 1963, constatou em Martha’s Vineyard, a atitude de afirmação identitária dos falantes nativos da ilha que adotaram a variante local para se distanciar dos ‘forasteiros’ que invadiam a comunidade no verão, da mesma forma, ocorreu com os moradores nativos, o que se pode afirmar pelo critério de seleção do informante no ALiB, esteja lançando mão da pronúncia diferenciadora, que os distanciam das diversidades encontradas na localidade.

Margotti (2004) observou o impacto que a língua italiana implica no falar português em comunidades bilíngues, como apresentamos na figura 36, o que resulta em maior índice de manutenção da vogal média.

Figura 36 – Difusão do português em contato com o italiano no Sul do Brasil



Fonte: Adaptado de Margotti (2004)

No Rio Grande do Sul, a preservação do /e/ em posição final é uma característica do português falado em áreas de colonização europeia em contato com línguas de imigrantes e em áreas de fronteira.

Uma síntese do Estado

Sinteticamente, constatamos que o alçamento da vogal está presente na fala de todos os informantes de todas as localidades do estado, enquanto nas localidades Vacaria (237), Santa Cruz do Sul (241), Santa Maria (242), Osório (244) e Chuí (250) o

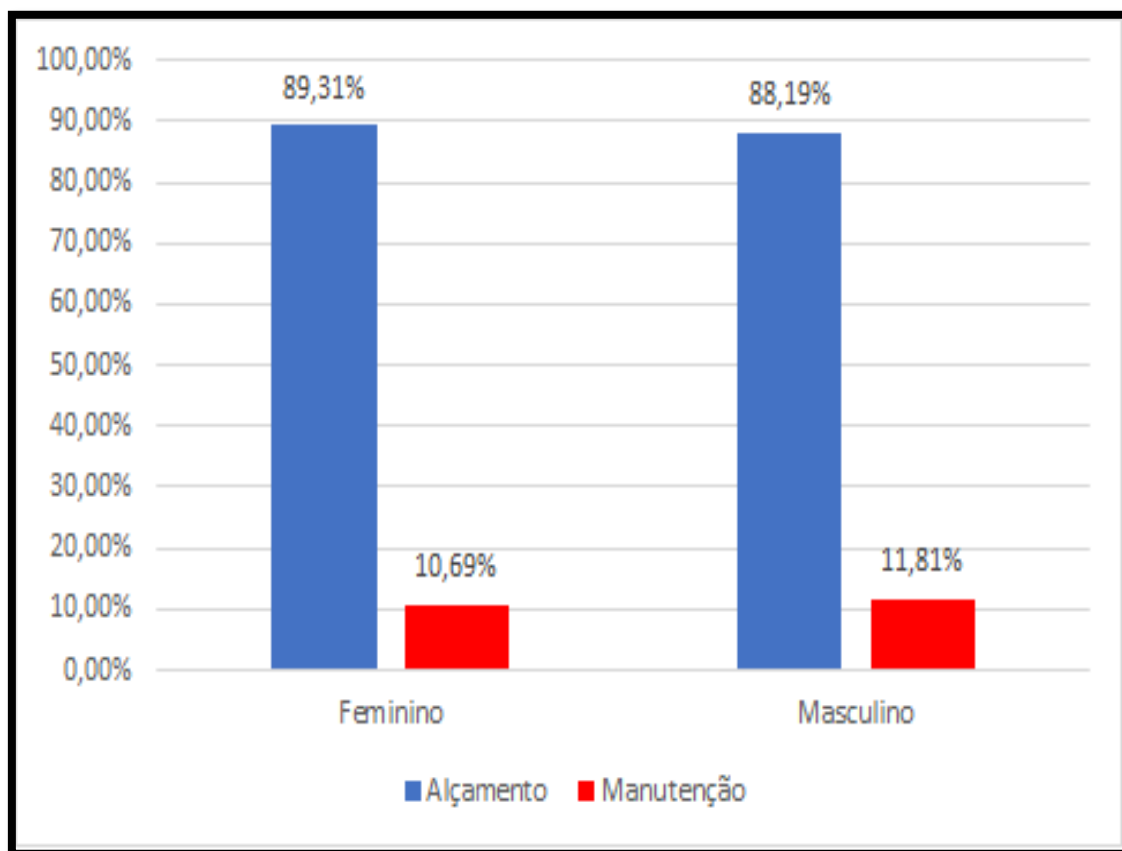
alçamento é categórico. Por outro lado, em Três Passos (234), Erechim (235), Ijuí (238), São Borja (239), Flores da Cunha (240) e Uruguaiana (245), apesar de predominar o alçamento, a realização da manutenção acontece de forma significativa, caracterizando uma coocorrência entre as duas formas

Nesse sentido, é possível traçarmos uma linha divisória entre Norte/Noroeste e Sul do estado a partir das localidades em que a manutenção e alçamento coocorrem e onde a manutenção é pouco significativa. Destaca-se o ponto Vacaria (237), que se encontra isolado na porção Norte do Rio Grande do Sul, sendo o único em que o alçamento é categórico, coincidindo com os dados para a mesma localidade no ALERS. Voltando à carta 8 do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (2011), que demonstra que o norte do estado do Rio Grande do Sul apresenta índices mais significativos de manutenção da vogal e o sul do estado apresenta maior presença do alçamento, reafirmamos a divisão já posta nesta tese.

Pela literatura exposta nesta seção, Schmitt (1987), Vieira (2002), Margotti (2004) e Altenhofen (2005), reiteramos a importância do impacto que o bilinguismo daquela região causa nos falares, resultando nas diferenças linguísticas encontradas em território gaúcho.

6.3 AS VARIÁVEIS SOCIAIS

Realizada a análise diatópica dos dados, nesta seção, observaremos as variáveis sociais. Nesse escopo, selecionamos como variáveis sociais, ou extralinguísticas, a variação diassexual, a variação diageracional e a variação diastrática. Iniciamos a análise dos dados observando a variação diassexual. Apresentamos no gráfico 8 os dados da variação diassexual.

Gráfico 8 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: variação diasssexual

Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

A partir dos dados expostos no gráfico 8, constatamos que a realização de alçamento e manutenção ocorre de forma similar entre as duas variáveis, uma vez que, em nossos dados, homens e mulheres realizam mais o alçamento – em 89,31% das respostas dadas por mulheres e 88,19% das respostas dadas por homens. Logo, consideramos a variável sexo pouco significativa no condicionamento das respostas.

Todavia, apesar da pequena diferença entre homens e mulheres na realização do fenômeno, verificamos que as mulheres apresentam-se ligeiramente à frente no processo de alçamento da vogal. A análise do paralelismo entre sexo e variação linguística sempre permeou por interessantes discussões, uma vez que em torno da postura da mulher há uma teoria de que possui “uma maior consciência feminina do status social das formas linguísticas” (PAIVA, 2015, p. 35). Ao considerarmos essa afirmação, inferimos que a forma alçada possui status social elevado em comparação à manutenção da vogal.

A relação existente entre prestígio linguístico e sexo, atribuído pela comunidade às variantes, ganha destaque, embora com percentuais mínimos, reafirmando a literatura da área que atesta ser das mulheres a tendência de estar à frente de processos de mudança linguística. É indispensável considerar o valor social da variante inovadora, uma vez que as mulheres tendem a implementar na língua as formas socialmente prestigiadas, em contrapartida, assumem uma postura conservadora no que diz respeito às variantes desprestigiadas. Segundo Paiva (2015),

quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada [...], as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo (PAIVA, 2015, p. 36).

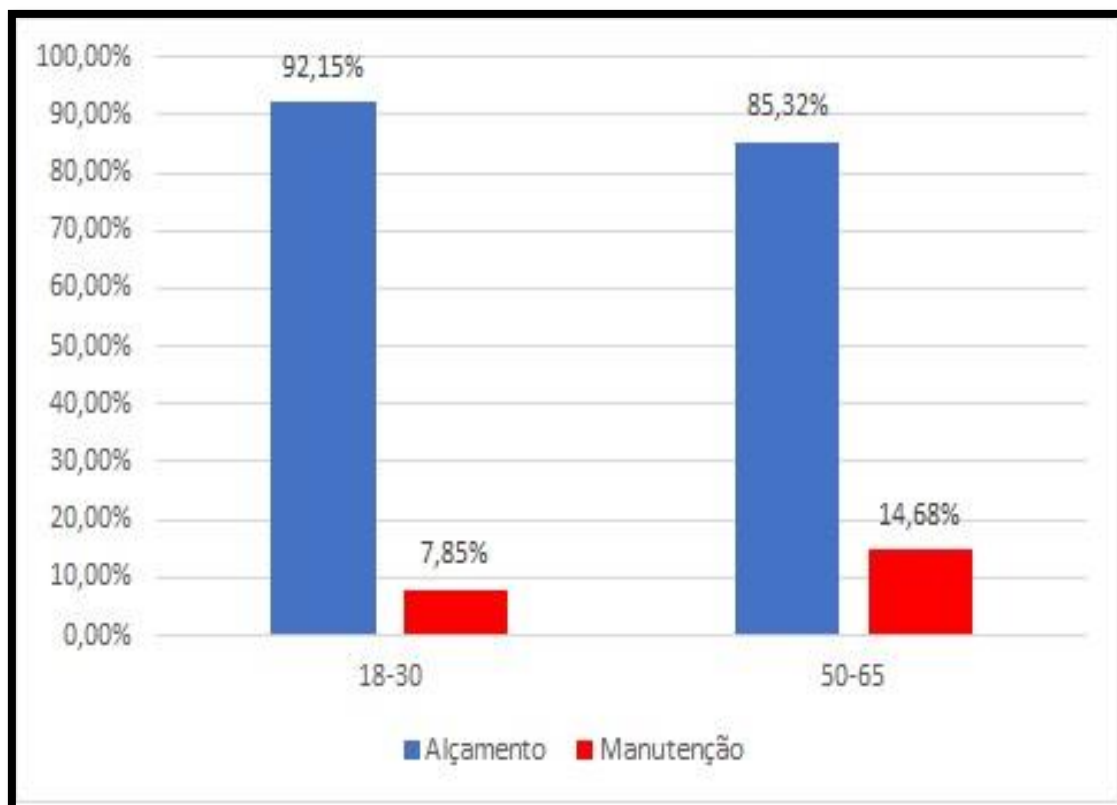
Esse cenário reflete a organização sociocultural em que se espera da mulher o uso de uma linguagem mais adequada aos padrões, carregado de alusões históricas, uma vez que o papel das mulheres limitava-se à responsabilidade de cuidar de seus filhos e de sua formação, exigindo uma postura mais “correta” e “cultura”, conseqüentemente, acarretando em um cuidado com a fala. Paralelamente, destacamos a luta das mulheres em busca de espaço, especialmente no que se refere ao aspecto profissional. Nesse sentido, voltam-se às formas carregadas de maior prestígio social, como forma de estruturar uma posição de maior impacto e respeito perante à sociedade.

Nesse viés, a variação diasssexual demonstra um cenário interessante, tendo em vista que a preferência pelo alçamento pelas mulheres pode reiterar o traço de prestígio do fenômeno na Região Sul, como também defendem Mercer (1992), Mallman (2001), Silva (2009), Mileski (2013) e Loregian-Penkal e Costa (2014), que registram a variável sexo como significativa em suas pesquisas.

Mercer (1992) verifica que as mulheres alçam 15% a mais que os homens, corroborando a teoria de que as mulheres realizam, preferencialmente, a forma de prestígio. Logo, o alçamento é caracterizado, naquele momento, como uma marcação de prestígio. Destacamos, ainda, que os dados utilizados por Mercer (1992) foram coletados na década de 1980, isto significa uma geração em comparação com os dados utilizados nesta tese. Neste intervalo de grandes revoluções, algumas delas estruturadas por mulheres em busca de direitos igualitários, uma geração implica em colossais conquistas e diferenças no papel da mulher, sentidas também no âmbito linguístico.

Os dados analisados sobre a perspectiva diageracional estão apresentados no gráfico 9. Lembramos que consideramos dois grupos: faixa etária I de 18 a 30 anos e faixa etária II de 50 a 65 anos.

Gráfico 9 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: variação diageracional



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Os dados apresentados no gráfico 9 demonstram que tanto os informantes da faixa etária I (18 a 30 anos) quanto os da faixa etária II (50 a 65 anos) realizam o alçamento. Os percentuais revelam os jovens mais propensos ao alçamento – com 92,15% das respostas registradas – que os informantes mais velhos – com 85,32%. A diferença de sete pontos percentuais entre as duas faixas etárias sinaliza para uma tendência à inovação, delineada pelo alçamento e desvela a face conservadora dos falantes da faixa etária II (50 a 65 anos) que realizam mais a manutenção.

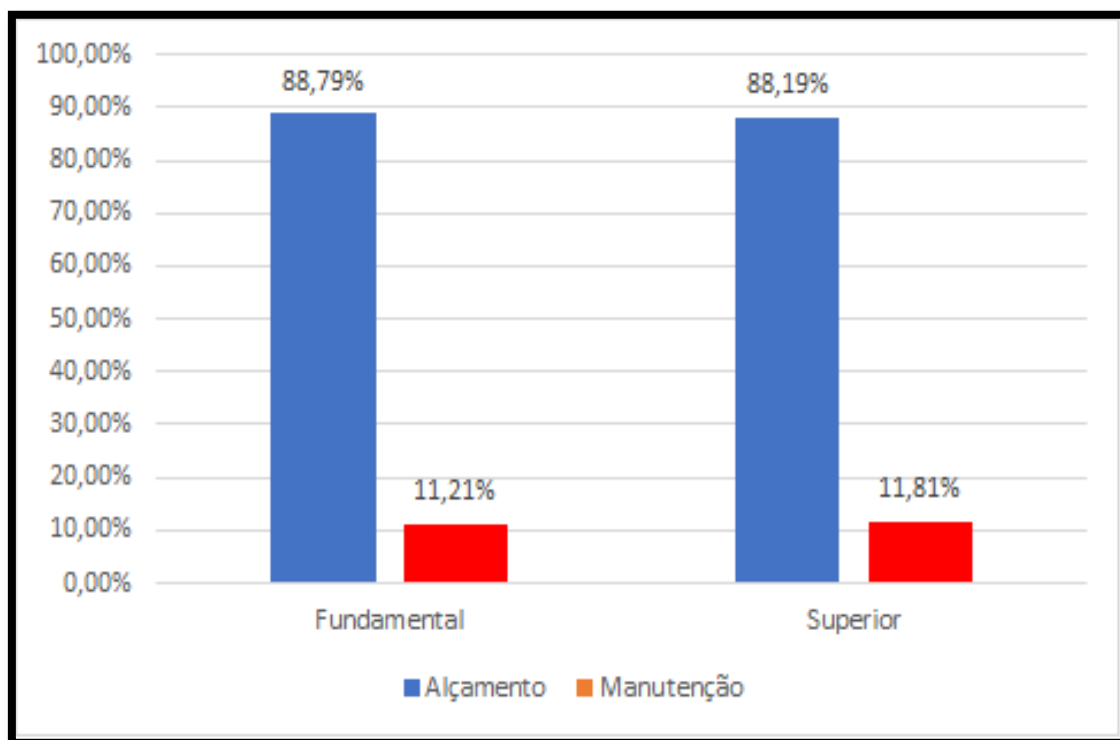
Sublinhamos a importância da análise da idade do falante, uma vez que ela pode apresentar indícios de mudança da língua. Nesse sentido, situa-se o estudo da mudança em tempo aparente, viés respaldado na teoria de que um falante adulto reflete o estado

da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade (NARO, 2004). Dessa forma, a fala de uma pessoa com 60 anos representa a língua de 45 anos atrás, enquanto a fala de uma pessoa com 40 anos revela a língua de 25 anos atrás. Labov (2008 [1972]) apresenta estudos que verificaram o uso distinto de determinadas formas linguísticas de acordo com a faixa etária do informante e constatou o papel relevante dessa variável em certos fenômenos linguísticos em que a implementação da regra foi favorecida pelo grupo dos falantes mais jovens como, por exemplo, ditongação de E - EI por falantes de francês na Suíça.

Lenzi e Brenner (2008) cujos dados, estratificados em três faixas etárias (8-15, 16-40 e acima de 40 anos) mostram maior realização de manutenção, com 85,83%, 91,25% e 98,33%, respectivamente, caracterizando a faixa etária como significativa. Corroborando esses dados, Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001), Margotti (2004), Silva (2009) e Loregian-Penkall e Costa (2014) detectaram que os jovens são mais suscetíveis à elevação do que os falantes mais velhos, dado que pode ilustrar “leves indícios de que a regra de elevação constitua uma mudança em progresso” (LOREGIAN-PENKALL; COSTA, 2014, p. 257).

Nesse sentido, nossos dados atestam a possibilidade de a variável alçada se caracterizar como uma forma inovadora difundida pelos informantes da faixa etária 1.

Última variável apresentada, a análise diastrática foca, nesta tese, a escolaridade como medidor da mudança linguística. Esta análise é possível apenas para os informantes das capitais, pois, pelo caráter da pesquisa feita pelo ALiB, o nível de escolaridade foi fator de investigação para as capitais. Neste viés, em que há uma desigualdade no número de informantes de Ensino Fundamental e Superior, optamos por considerar os percentuais e não os números absolutos.

Gráfico 10 – Realização da vogal média anterior /e/ postônica final: escolaridade

Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

No gráfico 10, apresentamos os dados acerca da variação diastrática. Destacamos, neste contexto, que a correlação entre variação linguística e escolaridade é capaz de agir nos diferentes campos da fala. Em suma, a variável escolaridade atua nos processos de promoção ou resistência à mudança linguística.

Observamos que os informantes com o Ensino Fundamental realizam 88,79% de alçamento e 11,21% de manutenção, enquanto os informantes de Ensino Superior realizam 88,19% de alçamento e 11,81% de manutenção. Observamos que a escolaridade se mostrou pouco significativa no condicionamento das respostas, uma vez que os percentuais para as duas escolaridades estão bastante próximos.

Em contrapartida, Mercer (1992) e Mileski (2013) asseveram que essa variável é significativa e que os informantes de Ensino Superior tendem a elevar mais a vogal. Nesse sentido, Mercer (1992, p. 98-99) hipotetizou que o alçamento da vogal /e/ estava à época mais presente na fala dos informantes de Ensino Superior justificada pelo prestígio em comparação à manutenção da mesma vogal, visto que “se universitários, que se supõe dotados de sensibilidade social mais apurada, empregam mais largamente

o alçamento que estudantes de primeiro grau, então esse processo se confirma como traço linguístico de prestígio”.

Diante das considerações apresentadas, destacamos a escola, ou a universidade, como modeladora dos níveis de linguagem, pois, como afirma Votre (2010), a escola atua na relação dos usos de linguagem e revela-se, frequentemente, como preservadora de formas de prestígio linguístico. Para Votre (2010), a escola está correlacionada à consciência do domínio da língua padrão pelos informantes, pois quanto maior o nível de escolaridade, mais consciência o indivíduo tem da forma de prestígio.

Uma síntese das variáveis sociais

Sinteticamente, observamos o papel das variáveis sociais no condicionamento das respostas que revelaram pouca diferença na realização de alçamento e/ou manutenção. Entretanto, possibilitam considerações oportunas.

Quanto à variável sexo, embora em percentuais próximos, as mulheres (89,31% de alçamento) encontram-se mais à frente do processo de inovação linguística que os homens (88,19% de realizações alçadas). Assim, apesar da pouca diferença entre homens e mulheres, esta pesquisa está alinhada a outras cujo objeto é o mesmo, apresentando os mesmos resultados no que se refere à variação diasssexual.

Quando à variável diageracional, verificamos que os informantes da faixa etária I (92,15%) realizam em maior escala o alçamento que os informantes da faixa etária II (85,32%), resultado também respaldado por pesquisas anteriores cuja conclusão aponta para a inovação, ou seja, o alçamento implantado principalmente por faixas etárias mais jovens.

Quanto à variável diastrática, especificamente a escolaridade, para esta tese, observamos que tanto informantes com o Ensino Fundamental (88,79%) quanto informantes de Ensino Superior (88,19%) realizam o alçamento. Nesse sentido, a escola, considerada como modeladora dos níveis de linguagem e, ainda, como preservadora de formas de prestígio linguístico, se mostrou indicadora do uso da forma inovadora.

As anotações desta seção credenciam o alçamento como forma já estabelecida na região estudada e a hipótese confirmada de preferência pelo alçamento reitera o traço de prestígio do fenômeno na Região Sul.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esta tese, como já descrito nos agradecimentos, que é a concretização do desafio de observar e compreender o fenômeno analisado, iniciado no contexto acadêmico, mas também em diálogos triviais de não estudiosos da língua, foram traçados objetivos que passamos agora a retomar e organizar as conclusões a que chegamos.

Alicerçados na Teoria da Variação Linguística, Sociolinguística e Geolinguística Pluridimensional, examinamos a realização da vogal média anterior /e/ postônica final na fala dos informantes da Região Sul brasileira a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil e, a partir das respostas dadas para as 12 questões por todos os informantes do nosso corpus (2.205 realizações do fenômeno estudado produzidas pelos 188 informantes distribuídos nos 44 pontos de inquérito), constatamos que há o predomínio do alçamento, que representa 88,75% das respostas (1.957 realizações do total de registros), enquanto a manutenção da vogal registra 11,25% das respostas, perfazendo 248 ocorrências. Podemos afirmar que a região sul brasileira como um todo caracteriza-se pelo uso da regra variável, com predomínio do alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final.

Esse cenário corrobora estudos variacionistas anteriormente relacionados à Região Sul (SCHMITT, 1987; MERCER, 1992; VIEIRA, 1994, 1997, 2002, 2010; ROVEDA, 1998; CARNIATO, 2000; MALLMANN, 2001; SILVA, 2009; MENON, 2015), confirmando a coocorrência do alçamento e da manutenção da vogal média anterior final.

A partir dos dados desta tese e dos estudos anteriormente realizados, constatamos que a realização do alçamento é, possivelmente, condicionada por fatores linguísticos, como o contexto precedente; por variáveis sociais, como sexo e faixa etária; mas, principalmente pela diatopia. Consideramos, desta forma, cumprido o objetivo geral desta tese que consistiu em descrever e analisar o comportamento da vogal média anterior /e/ postônica final na produção oral de falantes da Região Sul do Brasil a partir dos dados do ALiB.

Sobre as variáveis linguísticas, ao analisarmos o processo de alçamento ou manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final tendo com parâmetro o número

de sílabas, a classe gramatical, a consoante precedente e o sistema de vogais apresentado por Câmara Jr, chegamos aos seguintes resultados:

(i) No que tange ao número de sílabas da palavra, as palavras dissílabas, trissílabas e polissílabas apresentam a forma alçada como predominante, com percentuais elevados, sendo, respectivamente, 89,13%, 86,65% e 88,35%. Apesar de o alçamento ser preeminente nos três tipos de palavra, os percentuais demonstram que as trissílabas do nosso corpus (tomate, árvore, quatorze, perfume e hóspede), em comparação aos outros tipos analisados, tendem ao ligeiro favorecimento da manutenção, com índices de 2 a 3% menores que os demais grupos.

(ii) Além do número de sílabas, verificamos que as palavras das classes gramaticais adjetivo, numeral, substantivo e verbo apresentam a forma alçada como predominante, com percentuais elevados, sendo, respectivamente, 90,66%, 94,44%, 88,66% e 86,55% de alçamento.

(iii) Quanto ao contexto precedente, a fricativa pós-alveolar, fricativa alveolar e fricativa labiodental apresentam a forma alçada como predominante (90,96%, 94,12% e 86,55%, respectivamente), nos credenciando a afirmar que os contextos estudados são favorecedores para o alçamento da vogal média anterior.

(iv) Quanto às palavras com contexto precedente preenchido por plosiva alveolar africada sonora, plosiva alveolar sonora, plosiva alveolar africada surda e plosiva alveolar surda, embora tenham o alçamento como predominante, os percentuais apresentados (87,40%, 73,60%, 84,30% e 72,80%, respectivamente) demonstram o menor favorecimento dentre os contextos precedentes. Estes dados sinalizam a necessidade de novas pesquisas com número maior de registros.

(v) Ao retomarmos a proposição do quadro de vogais de Câmara Junior (1982), verificamos que a teoria é corroborada pela maioria dos dados apresentados nesta tese, pois, em quase todo o território o sistema de vogais apresenta-se como neutralizado.

(vi) Sobre o grau de formalidade do discurso, afirmamos pelas análises apresentadas que a variação diafásica condiciona a realização do alçamento. No questionário, os informantes realizam o alçamento de forma muito mais expressiva, contrariando a hipótese inicialmente levantada de que um grau de monitoramento mais elevado condicionaria a realização de uma variante de maior prestígio linguístico. O cenário apresentado pode tratar-se de “prestígio encoberto”, isto é, embora a variante seja reconhecida como de prestígio, neste caso o alçamento, é menos empregado que a

outra forma, a qual carrega outra vantagem social, como o reconhecimento pelos falantes.

As variáveis sociais estudadas nesta tese se revelaram de pouca significância para a realização de alçamento e/ou manutenção da vogal média. Entretanto, foi possível verificar que:

i) a variável sexo, embora em percentuais próximos, indica que as mulheres (89,31% de alçamento) permanecem à frente do processo de inovação linguística, alinhando os resultados desta tese à outras pesquisas cujo objeto é o mesmo.

ii) a análise sobre a variável diageracional demonstrou que os informantes jovens realizam em maior escala o alçamento (92,15%), resultado novamente respaldado por pesquisas anteriores cuja conclusão aponta para a inovação, ou seja, o alçamento implantado principalmente por faixas etárias mais jovens.

iii) quanto à observação da escolaridade (variável distrática), observamos que tanto informantes com Ensino Fundamental (88,79%) quanto informantes de Ensino Superior (88,19%) realizam o alçamento.

Quanto à variação diatópica, observamos, no estado paranaense, uma delimitação espacial que divide o estado em Norte/Oeste e Sul/Leste. Na Região Norte/Oeste, o alçamento é categórico e, na Região Sul/Leste, existe a presença da manutenção de forma significativa coocorrendo com o alçamento. Possivelmente, esse cenário é decorrente da influência de mineiros e, especialmente, paulistas no processo de povoamento da Região Norte. Esse contexto reflete, até nos dias de hoje, em impacto nos hábitos, na cultura e, conseqüentemente, nos falares do Norte do estado, aspectos que se espelham muito mais nos traços dos habitantes naturais da Região Sul do estado de São Paulo que com os traços da própria capital paranaense.

Ainda sobre o Paraná, Curitiba é a capital sulista em que há a maior preservação da vogal média. Esse cenário deve-se pelo processo de povoamento que mescla povos descendentes de alemães, italianos, poloneses e ucranianos, além da atividade tropeira no Caminho de Viamão, os quais influenciaram nos hábitos locais e, principalmente, linguísticos.

Com relação ao estado de Santa Catarina, verificamos que o alçamento da vogal aparece nas respostas de todos os informantes de todos os pontos investigados no estado. Nas localidades de São Francisco do Sul (225), São Miguel do Oeste (226), Itajaí (228), Florianópolis (230), Tubarão (232) e Criciúma (233), o alçamento foi

categorico; em Porto União (224), Blumenau (227), Concórdia (229) e Lages (231), localizados na região central do estado, houve maior ocorrência de manutenção, comparada às demais localidades investigadas no estado.

Dessa forma, constatamos a existência de uma delimitação da área central do estado catarinense, na qual a realização da vogal média anterior postônica final apresenta coocorrência entre alçamento e manutenção, diferenciando-se das extremidades do estado, onde o alçamento é categorico. Esse cenário corrobora a afirmação de Altenhofen (2005), que caracteriza o estado de Santa Catarina como uma área de transição entre o Paraná e o Rio Grande do Sul, apresentando isoglossas de Leste a Oeste, divisão, possivelmente, atribuída ao reflexo de dois movimentos colonizadores em sentidos opostos.

No que concerne ao estado do Rio Grande do Sul, verificamos que o alçamento da vogal está presente na fala de todos os informantes de todos os pontos investigados no estado. Nas cidades gaúchas Vacaria, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Osório e Chuí, pontos linguísticos 237, 241, 242, 244 e 250, respectivamente, o alçamento é categorico. Por outro lado, nos pontos linguísticos 234, 235, 238, 239, 240 e 245 – Três Passos, Erechim, Ijuí, São Borja, Flores da Cunha e Uruguaiana, apesar do alto índice da alçamento, a realização da manutenção acontece de forma significativa, caracterizando uma coocorrência entre as duas formas.

O estado sul-rio-grandense caracteriza-se, neste contexto, como o estado onde encontramos maior número de localidades com a coocorrência de alçamento e manutenção da vogal média anterior. Assim, podemos traçar uma linha divisória entre Norte/Noroeste e Sul do estado a partir das localidades em que a manutenção e alçamento coocorrem e onde a manutenção é pouco significativa.

A hipótese central, anunciada na introdução desta tese, se confirma, na medida que se constata a realização tanto de alçamento quanto da manutenção da vogal média anterior, desmitificando a Região Sul do caráter homogêneo a ela atribuída. Para este estudo, trabalhamos com as hipóteses de que o alçamento estava presente em toda a Região Sul do Brasil e a manutenção da vogal estava em uso e coocorrendo com o alçamento em algumas localidades, em especial, na capital paranaense, com maiores índices de manutenção. Nas demais capitais a hipótese concentrava-se no alçamento.

Confirmam-se as hipóteses nos dados apresentados nesta tese. Dessa maneira, observamos que não é possível definir a existência de um falar do sul, isto é, traçar um

estereótipo no que concerne a este fenômeno, orientado pela manutenção da vogal média anterior.

O que podemos assinalar é a existência de grandes arealizações que demarcam o uso da vogal média anterior, como já destacado nas análises. Entre elas, o falar catarinense que, como assinalado por Altenhofen (2005), trata-se de uma área de transição entre o Rio Grande do Sul e o Paraná. Esta tese diminui a lacuna existente na descrição deste fenômeno na produção oral da Região Sul do Brasil.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andreade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima (Orgs.) Ata da XI reunião do Comitê Nacional. **Documentos I: projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004.

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 177-208.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Os contatos lingüísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (Orgs.). **Español y português: fronteiras e contatos**. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo (Orgs.) **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: UFSC, 2011.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Linguístico do Paraná II**. 2007. 691f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Variação linguística no paraná: estudo fonético das vogais médias constantes do ALPR e ALIB/PR**. Texto inédito, cedido pelo autor. 2019.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1981 [1920].

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleuza Bezerra de. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Técnicas de transcrição fonética. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy A. Lima. (Orgs.). **Documentos I**. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: EDUFBA, 2004.

BISOL, Leda. A neutralização das átonas. **Revista Letras**. Curitiba, n. 61, especial, 2003. p. 273-283.

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2ª ed. Porto Alegre: EDUPUCRS, 1999.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos lingüísticos**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella V. e NEVES, Moema F (Orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 17-24.

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

CALLAGE, Roque. **Vocabulário gaúcho**. Porto Alegre: [s.n.], 1964 [1926].

CALVET, Jean-Louis. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 25. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1982 [1970].

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **A dialectologia no Brasil: perspectivas**. Delta. Vol.15. Salvador, 1999.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. A geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?. **Gelne: Grupo de estudos linguísticos do Nordeste**, 2004.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: EUFBA, 2006.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. O projeto ALiB: caminhos andados e a percorrer. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy A. Lima. (Orgs.). **Documentos I**. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: EDUFBA, 2004.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. MOTA, Jacyra Andrade. Para uma nova dimensão dos estudos dialetais brasileiros. **Documentos II: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto Editora, 2006.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolingüística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva; FERREIRA, Carlota. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARNIATO, Míriam Cristina. **A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2000.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. O português do Brasil. In.: ILARI, Rodolfo. **Lingüística românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. O perfil dos informantes do Atlas lingüístico do Brasil (ALiB). **Anais do GEL**. São Paulo: Estudos Linguísticos, 2009.

CHAMBERS, Jack.; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Tradução de Carmén Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1975.

COMITÊ NACIONAL do projeto ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil**: questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.

CONDÉ, Valéria Gil. O conflito lingüístico na Galiza. In: **Anais do II Congresso Nacional de Lingüística e Filologia**. Rio de Janeiro, 1998.

COSERIU, Eugênio. **O homem e sua linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectologia**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSTA, Francisco Pereira da. **O vocabulário pernambucano**. Recife: Secretaria da educação e cultura: MEC, 1976 [1937].

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Claudio de Assis. **O Léxico em Documentos Produzidos no Paraná – Brasil (séculos XVIII e XIX)**: abordagem lexicográfica. Tese. Universidade Estadual de Londrina/Ecole Doctorale Erasme da Université Paris 13, 2013.

DUBIELA, Mateus Renan. **A vogal /e/ átona final em falantes curitibanos** (Monografia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

DUBIELA, Mateus Renan. **A vogal frontal átona final produzida por falantes de Curitiba: subsídios para uma abordagem dinâmica dos sons da fala Curitiba** (Dissertação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. 8. ed. Tradução: Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2001.

ELIA, Sílvio. **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Editora Padrão, 1987.

ELIA, Sílvio. **O problema da língua brasileira**. Rio de Janeiro: INL, 1961 [1940].

ESPÍRITO SANTO, Miguel Frederico do. Açorianos no Sul do Brasil: da prata do Potosi ao Ouro das Gerais. In: **A Presença açoriana em Santo Antônio da Patrulha**. Porto Alegre: EST, 1997.

FARIAS, Vilson Francisco. **De Portugal ao Sul do Brasil 500 anos: História- Cultura-Turismo**. Florianópolis: AUTOR, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

FERREIRA, Carlota. et al. **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **Vinda dos açorianos para Santa Catarina: migração, povoamento, ocupação, colonização ou epopéia?** Disponível em: <http://nea.ufsc.br/files/2011/04/SERGIO.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira**. Porto Alegre: Movimento, 1975.

GÖRSKI, Edair Maria. Fenômenos variáveis na Região Sul do Brasil: aspectos de comportamento sociolinguístico diferenciado entre as três capitais. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, 41 (2), p. 806-817, maio/ ago. 2012.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KNORST, Patricia Andréa Rauber. Repensando alguns traços históricos de Santa Catarina. **Unoesc & Ciência**. Joaçaba: ACHS, 2011.

KOCH, W. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Ed.) **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt am Maim: TFM, 2000. p. 55-69.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia social**. Tradução de Dante Moreira Leite. 4. ed. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1975.

LAYTANO, Dante de. **Vocabulário do nordeste do Rio Grande do Sul: linguagem dos praieiros**. Porto Alegre: Globo, 1933.

LENZI, Morgana Carina; BRENNER, Terezinha de Moraes. Análise das vogais postônicas finais /e/ e /o/ nos falantes do município de Doutor Pedrinho. In: **Periódicos de linguística**. Florianópolis, 2008.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da linguística moderna**. 5. ed. Tradução de Izidoro Bliksteins, José Paulo Paes e Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

LIMA, Larissa Natiele. **Alçamento das vogais postônicas finais /e/ e /o/ nas cidades de Curitiba e Londrina**. (Monografia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2015.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi; COSTA, Luciane Trennephol da. Elevação da vogal /e/ na fala de descendentes de poloneses de Pallet - PR: uma análise Variacionista. In: **Web-Revista Sociodialeto**. Vol.4, nº12. Campo Grande, 2014.

LOURENÇO, Dayse de Souza. **Crenças e atitudes linguísticas**: tendências de reação de curitibanos e londrinenses. Dissertação (Mestrado em Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica**. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

MALLMAN, Dalcio Otelan. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)** (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1991.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004. 314p.

MARROQUIM, M. A **Língua do Nordeste**. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996 [1934].

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. **Alfa** (ILCSE/UNESP), São Paulo, v. 45, p. 33-47, 2001.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 1981 [1946].

MENDONÇA, Renato. **O português do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1937.

MENON, Odete Pereira da Silva. Leite quente: o xibolete curitibano. In: FAGUNDES, Edson Domingos; LOREGIAN-PENKAL, Loremi; MENON, Odete Pereira da Silva. (Orgs.) **O falar paranaense**. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.

MERCER, José Luiz da Veiga. **Áreas fonéticas do Paraná**. Universidade Federal do Paraná. Tese. Curitiba, 1992.

MERCER, José Luiz da Veiga. **A elevação do /e/ átono final no Paraná**. Fragmenta, Curitiba, n. 13, Editora da UFPR. 1996.

MIAZZI, Maria Luísa Fernandes. **Introdução à linguística românica: histórico e métodos**. São Paulo: Cultrix, 1972.

MILESKI, Ivanete. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS** (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

MILESKI, Ivanete. A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS. In: **Letrônica**, v. 6, n. 1. Porto Alegre, 2013. p. 47-70.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p.9-14.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não lingüísticas. In.: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p.28-31.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Método geolingüístico y método sociolingüístico: el factor “sexo” em los atlas. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. (Eds.) **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie**. Tradução Minka B.Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. (Heidelberg/Mains, 21.-24.10.1991). Kiel, Westensee-Verl, p. 92-112.

MOTA, Jacyra Andrade. A metodologia na pesquisa geolinguística: o questionário fonético-fonológico. **Revista Prolíngua**. v. 2, n. 2. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2008.

MOTA, Jacyra Andrade. Constituição do corpus do projeto ALiB: procedimentos metodológicos. AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima (Orgs.) **Documentos I: projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Editora Universidade Federal da Bahia, 2004.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A construção de um Atlas Linguístico do Brasil: o percurso do ALiB. v. 12, n. 1. **Signum**. Londrina: EDUEL, 2009. p. 237-256.

MUSEU paranaense. Disponível em:
<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=103>
. Acesso em: 13 nov. 2017.

NARO, Anthoni Julius. **Estudos diacrônicos**. Petrópolis: Vozes, 1973.

NARO, Anthoni Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

NASCENTES, Antenor. **O Linguajar Carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

NASCENTES, Antenor. **Bases para elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da educação e cultura. 1958.

NAVARRO, Roberto. Como era uma expedição dos bandeirantes?. **Revista Abril**, 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-uma-expedicao-dos-bandeirantes/>. Acesso em: 16 jan. 2019.

NEIVA, Arthur. **Estudos de língua nacional**. Rio de Janeiro: Companhia Ed. Nacional, 1940. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/estudos-da-lingua-nacional/preambulo/8/texto>. Acesso em: 18 out. 2016.

ORSI, Laura. Estereotipos y actitudes: similitudes y diferencias. In.: XV Congresso Internacional da ALFAL. **Anais**. Montevideú, 2008.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 33-42.

POLACHINI, Bruna Soares. **Considerações sobre o impacto da Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal (1660) no tratamento da sintaxe de gramáticas brasileiras do português do século XIX**. Disponível em: http://www.academia.edu/7100968/Artigo_Revista_Confluencia_Consideracoes_sobre_o_impacto_da_Grammaire_Generale_et_Raisonnee_de_Port-Royal_1660_no_tratamento_da_sintaxe_de_gramaticas_brasileiras_do_portugues_do_seculo_XIX. Acesso em: 05 jun. 2017. p.296-316.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística românica: um balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. (Eds.) **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie**. Tradução Minka B.Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. (Heidelberg/Mains, 21.-24.10.1991). Kiel, Westensee-Verl, 1996. p. 25-49.

RIBEIRO, J. et al. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1977.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972.

ROMANO, Valter Pereira. **Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente**. 2012. 366f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**. Londrina, 2013.

ROMANO, Valter Pereira; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Padrões de variação lexical na região Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Revista Estudos linguísticos**. São Paulo, vol. 43 (1), p. 575-587, jan/ abr. 2014.

ROMANO, Valter Pereira Romano; SEABRA, Rodrigo Duarte; OLIVEIRA, Nathan. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, jan./jun. 2014.

SEABRA, R. D. ; OLIVEIRA, N. ; ROMANO, V. P. . Combinando abordagens na visualização de dados em uma ferramenta de cartografia linguística. **Revista de Sistemas e Computação - RSC** , v. 5, p. 116-126, 2015.

RONCARATI, Cláudia. Prestígio e preconceito linguísticos. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito lingüístico e cânone literário**. nº 36. 2008. p. 45-56.
Disponível em:
<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/36/artigo2.pdf>.
Acesso em: 05 jul. 2017.

ROSSI, N. et al. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963

ROVEDA, Suzana Damiani. **Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano (Dissertação)**. Porto alegre, 1998.

SANTA CATARINA. **Primeiros Povoados com Europeus em Santa Catarina**.
Disponível em: <http://www.santa-catarina.co/historia/primeiros-povoados.html>. Acesso em: 18 dez. 2017.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2013.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 26. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: 1995.

SCHMITT, Cristina Job. **Redução vocálica postônica e estrutura prosódica (Dissertação)**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1987.

SILVA, Greize Alves da. **Atlas linguístico topodinâmico e topoestático do estado do Tocantins (ALITTETO)** (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

SILVA, Hélien Cristina da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. In: **Alfa**. São Paulo, 2014. p. 703-723.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988 [1957].

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialetológicos**. Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia – Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1955.

SILVA, Susiele Machry da. **Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS** (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.73-102.

SILVA-CORVALÁN, Carmen; ENRIQUE-ARIAS, Andrés. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington, Georgetown University Press, 2001.

SILVA-CORVALÁN, Carmem. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madri: Alhambra Universidad, 1989.

SILVEIRA, Sanderlei. **Início da colonização da região catarinense**. 2015. Disponível em: <http://sanderlei.com.br/PT/Silveira/santa-catarina/Santa-Catarina-Historia-Geografia-26>. Acesso em: 18 dez. 2017.

SPRADLEY, James. **Asking descriptive questions**. Disponível em: <http://jan.ucc.nau.edu/~pms/cj355/readings/spradley.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2017.

STADLER, Cleusi Bobato. **Imbituva uma cidade dos Campos Gerais**. Imbituva, 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TEIXEIRA, J. A. **Estudos de dialectologia portuguesa: linguagem de Goiás**. São Paulo: Ed. Anchieta, 1944.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21. : 1995 : Palermo). **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729.

TONDINELI, Patrícia Goulart. **A variação fonética das vogais médias pré e postônicas na variedade linguística de Montes Claros/MG**. (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica. Belo Horizonte, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VEGINI, Valdir. **Variação fonoestilística das vogais postônicas finais no idioleto de um dialeto do português brasileiro falado em SC** (Dissertação). Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

VIEIRA, M. José Blascowski. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, Leda & BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.) **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VIEIRA, M. José Blascowski. **Neutralização das vogais médias postônicas** (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994.

VIEIRA, M. José Blascowski. **Aspectos do sistema vocálico do português** (Tese). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997.

VIEIRA, M. José Blascowski. As vogais médias átonas nas três capitais do sul do país. In: BISOL, Leda, COLLISCHONN, Gisela (Orgs.). **Português do Sul do Brasil – Variação fonológica**. Edipucrs. Porto Alegre, 2009.

VIEIRA, M. José Blascowski. As vogais médias átonas no sul do Brasil. In: **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. S.l.: Universidade de Évora, 2010.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2015.

WACHOWICZ, Ruy Cristovam. **As escolas de colonização polonesa no Brasil**. Curitiba: Champagnat, 2002.

WEINREICH, Uriel; Labov, Willian; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WETZELS, W. L. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas: UNICAMP/IEL.1992. p. 19-55.

WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1989 [1961].

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. In.: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-72.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005. p. 45-72.

ANEXOS

ANEXO 1

DECRETO Nº 30.643, DE 20 DE MARÇO DE 1952

Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento.

O PRESIDENTE DE REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Fica instituído, na Casa de Rui Barbosa, o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa.

Art. 2º O Centro ora instituído realizará seus estudos e trabalhos no domínio do direito e da filologia, e terá por campo de pesquisas a biblioteca e os arquivos da aludida Casa de Rui Barbosa e novas aquisições necessárias ao desenvolvimento dos seus trabalhos.

Art. 3º O Centro em referência compreenderá, inicialmente, duas Secções: a de Direito e a de Filologia, dirigidas cada qual por uma Comissão de especialistas convidados pelo Ministro da Educação e Saúde, mediante parecer do Diretor da Casa de Rui Barbosa.

§ 1º Cada Comissão de que trata este artigo estabelecerá anualmente, um plano de trabalho em cuja elaboração poderão colaborar os professores universitários do Brasil, providos em cátedras de direito e de filologia ou em cadeiras afins.

§ 2º A Comissão de Direito planejará publicações de bibliografia jurídica, de jurisprudência e de história do direito, organizando catálogos de publicações jurídicas, legislativas, parlamentares e jurisprudências do Brasil; boletins de bibliografia brasileira e estrangeira, estudos sistemáticos de bibliografia e hemerografia de jurisprudência federal e das unidades da Federação.

§ 3º A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa - fonológicas, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas, bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do "Atlas Lingüístico do Brasil".

Art. 4º O Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa promoverá a publicação de seus trabalhos em arquivos e boletins periódicos, visando especialmente aos resultados das pesquisas que terão caráter estritamente objetivo.

Art. 5º Além da Biblioteca da Casa de Rui Barbosa e das aquisições imprescindíveis para atualizá-la, o Centro em causa disporá de instalações apropriadas, cujo projeto será oportunamente apresentado.

Art. 6º O Ministério da Educação e Saúde contratará os técnicos em bibliografia, arqueologia e revisão necessários aos trabalhos em cursos.

Art. 7º Os casos omissos neste Decreto serão resolvidos por meio de instruções do Ministro da Educação e Saúde.

Art. 8º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, em 20 de março de 1952, 131º da Independência e 64º da República.

GETÚLIO VARGAS

E. Simões Filho

Publicação:


Diário Oficial da União - Seção 1 - 22/3/1952, Página 4665 (Publicação Original)

Coleção de Leis do Brasil - 1952, Página 170 Vol. 2 (Publicação Original)

Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 18 out. 2016.

ANEXO 2

Ficha do informante completa

		Projeto Atlas Linguístico do Brasil Ficha do Informante No. do ponto: No. do informante:	
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE			
1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. M. B. F.	5. IDADE:	
6. ENDEREÇO:			
7. ESTADO CIVIL: A. solteiro B. casado C. viúvo D. outro			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. DOMÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:			
11. ESCOLARIDADE:		12. OUTROS CURSOS: A. especialização B. profissionalizante C. outros	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:		14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. sim B. não	
15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:			
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMARIAS DO BAIRRO, CIDADE):			
17. OUTRAS PROFISSÕES/Ocupações:		18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:	
RENDA			
19. TIPO DE RENDA: A. individual B. familiar			
CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO			
20. ASSISTE TV? A. todos os dias B. às vezes C. nunca		21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. novelas D. noticiários G. outros B. esportes E. pt. religioso C. pt. auditivo F. filmes	
22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. rede paraterra B. parabólica C. tv por assinatura		23. OÚVE RADIO? A. todos os dias D. parte do dia G. enquanto trabalha B. às vezes E. o dia inteiro C. nunca F. enquanto viaja	
24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. noticiário geral D. noticiário policial G. outros B. esportes E. música C. pt. religioso F. pt. de participação do ouvinte		25. LÊ JORNAL? A. todos os dias D. semanalmente B. às vezes E. raramente C. X nunca	

26. NOME DO JORNAL:		27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER:		
A. <u>local</u> B. estadual C. nacional		A. editorial	D. pt. cultural	G. classificadas
		B. esportes	E. política	H. outra
		C. variedades	F. página policial	
28. LE REVISTA? A. às vezes B. semanalmente C. mensalmente D. <u>raramente</u> E. nunca				
29. NOME/TIPO DE REVISTA:				
PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES				
	FREQUENTEMENTE	AS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A.	B.	C.	D.
31. TEATRO	A.	B.	C.	D.
32. SHOWS	A.	B.	C.	D.
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A.	B.	C.	D.
34. FUTEBOL	A.	B.	C.	D.
35. OUTROS ESPORTES	A.	B.	C.	D.
36. OUTROS	A.	B.	C.	D.
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?				
PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA				
38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:				
A. <u>livido</u> B. vivo C. pensativo D. sarcástico				
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:				
A. total B. grande C. média D. fraca				
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:				
A. cooperativa B. <u>não cooperativa</u> C. agressiva D. indiferente				
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE:				
A. "A" B. "B" C. "C" D. "D"				
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR:				
A. grande B. médio C. pequeno D. nenhum				
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:				
A. sim B. não				
44. CARACTERIZAÇÃO SUMARIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):				
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO:				
46. OBSERVAÇÕES:				
47. NOME DO ENTREVISTADOR:		48. LOCAL DA ENTREVISTA:		49. DATA DA ENTREVISTA:
		CIDADE: UF:		
				50. DURAÇÃO: